RELIGIÃO DA HUMANIDADE

FUNDADA, SOB A ANGELICA INSPIRAÇÃO DE *CLOTILDE DE VAUX*,
POR *AUGUSTO COMTE*,
PRIMEIRO SUMO PONTIFICE DA HUMANIDADE

O Amôr por principio, e a Ordem por Base;
O Progrésso por Fim.

Viver ás claras. Viver para outrem. Órdem e Progrésso.

ENSAIO SOBRE O CULTO PUBLICO

Esboço de uma celebração sociolátrica destinada a substituir a Missa, para uzo daqueles que havendo suficientemente instituido o seu Culto privado, primeiro intimo e depois domestico, sentem atualmente a necessidade de uma comemoração directa da Humanidade numa cerimonia coletiva.

POR

R. TEIXEIRA MENDES

Vice-Diretor do Apostolado Pozitivista do Brazil
22 de Gutenberg de 101
(3 de Setembro de 1889)

RIO DE JANEIRO
Typ. do Jornal do Commercio
Rodrigues & C.

1936

FUN

Viv

EN

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

FUNDADA, SOB A ANGELICA INSPIRAÇAO DE *CLOTILDE DE VAUX*,
POR *AUGUSTO COMTE*,
PRIMEIRO SUMO PONTIFICE DA HUMANIDADE

O Amôr por principio, e a Ordem por Base;
O Progrésso por Fim.

Viver ás claras. Viver para outrem. Ordem e Progrésso.

ENSAIO SOBRE O CULTO PUBLICO

Esboço de uma celebração sociolátrica destinada a substituir a Missa, para uzo daqueles que havendo suficientemente instituido o seu Culto privado, primeiro intimo e depois domestico, sentem atualmente a necessidade de uma comemoração direta da Humanidade numa cerimonia coletiva.

POR

R. TEIXEIRA MENDES

Vice-Diretor do Apostolado Pozitivista do Brazil

22 de Gutenberg de 101
(3 de Setembro de 1889)

RIO DE JANEIRO
Typ. do Jornal do Commercio
Rodrigues & C.

1936

ADVERTÊNCIA

Já o Apóstolo R. Teixeira Mendes fizéra publicar os *Hinos do Amor* e da *Consagração ao Grão-Ser*, que fázem parte dos seus *Ensaios sobre o Culto Público*.

Destes fás parte igualmente o *Hino do Trabalho*, editado após o falecimento do Apóstolo pelos seus filhos, depozitários do seu arquivo.

Obtivérão eles agóra dar publicidade aos quatro *Ensaios sobre o Culto Público*, que se complétão e documêntão a evolução do grandiozo *Ofício da Humanidade* idealizado pelo Apóstolo.

Durante muitos anos foi esse Ofício por ele celebrado no oratório doméstico, cuja fotografia, por esse motivo, juntamos a esta publicação. A imágem da Humanidade e o busto de Clotilde de Vaux que aí figúrão, são de autoria do Apóstolo.

Foi conservada a redação dos originais, tendo sido apenas, e tanto quanto possível, unificada a ortografia, segundo as "Nórmas Ortográficas" do Apóstolo Miguel Lemos.

A contribuição de confrades e correligionários do Apóstolo e doutros admiradores da sua óbra, permitiu fazer-se a divulgação de mais este trabalho, cuja edição ficará pertencendo á Igreja Pozitivista do Brazil, como sempre aconteceu com os trabalhos do Apóstolo, incluzive os póstumos.

F. B. Horta Barboza
120, Benj. Constant.

Rio de Janeiro, 12 de Cezar de 148 / 3 de Maio de 1936

Vergine Madre! Figlia del tuo Figlio!
Amen Te plus quam me, nec me nisi propter Te!
A HUMANIDADE
personificada em CLOTILDE DE VAUX
segundo os vótos de nósso MESTRE.
(Quadro de Decio Villares)

EM NOME DA HUMANIDADE

O Grão-Ser! O Grão-Fetiche! O Grão-Mêio!

O Amôr por Princípio, e a Ordem por Baze;

O Progresso por Fim.

ENSAIO SOBRE O CULTO PUBLICO

Esboço de uma celebração sociolátrica destinada a substituir a Missa, para uzo daqueles que havendo suficientemente instituido o seu Culto privado primeiro íntimo e depois doméstico, sentem atualmente a necessidade de uma comemoração diréta da Humanidade numa cerimônia coletiva.

por

R. TEIXEIRA MENDES
Vice-Diretor do Apostolado Pozitivista do Brazil

22 de Gutenberg de 101
(3 de Setembro de 1889)

Mais ces célébrations collectives ne comporteraient qu'une insuffisante réaction, *plus esthétique qu'affective*, sans les habitudes solitaires d'adoration intime. Outre que le culte personnel fournit la base spontanée des deux autres, il est seul pleinement libre; ce qui doit beaucoup augmenter son influence normale. Quoique le sacerdoce puisse detourner le patriciat d'imposer aucune participation aux cérémonies religieuses, il ne saurait empêcher l'opinion de flétrir ceux qui s'abstiendraient des sacrements sociaux ou des fêtes publiques. L'éclat de ces solemnités ne doit donc faire jamais oublier l'efficacité supérieure des effusions quotidiennes, où chaque croyant devenu son propre prêtre, travaille librement à son principal perfectionnement, en vénérant secrètement les représentants domestiques du Grand-Être. Il faut cependant reconnaître que, réciproquement, la participation normale aux démonstrations collectives peut seule préserver le culte intime de susciter habituellement des tendances mystiques et même égoïstes, qui detourneraient vers l'élément l'adoration due à l'ensemble.

(Auguste Comte. Politique Positive, IV, 154).

Sous tous les aspects essentiels, le moyen âge a vraiment posé le problème fondamental que nous devons aujourd'hui résoudre, et même il a souvent indiqué l'esprit général de la solution. Pour sentir l'importance de ses efforts, et bien juger leur avortement naturel, il faut savoir qu'aucun grand problème ne saurait être assez posé sans une solution quelconque.

(Aug. Comte. Politique Positive, II, 113).

ROZÁLIA

Comemoração

Preâmbulo Geral

Fetichismo

1.ª PARTE

FETICHISMO ESPONTANEO

I

Fetichismo nômade. Fésta dos animais. Aspiração regeneradora de Augusto Comte caraterizada por seus opúsculos iniciais.

Os hômens estão de pé e as Senhóras sentadas.

A orquestra ezecuta a ouvertura. A auzencia do celebrante e de palavras lembra a faze primitiva da evolução humana ao desprender-se da animalidade. Ao terminar da ouvertura entra o celebrante.

O povo ajoelha. O celebrante genuflecsa ao chegar diante da catedra apostolica, que é dominada pela imágem de Augusto Comte, além da qual se avista, em plano superior, o altar da Humanidade. De mãos postas, proclama:

Em nome da Humanidade !

e fazendo o sinal pozitivista:

O Amor por princípio, e a Órdem por baze;
o Progresso por fim.

Ajoelha e escuta em recolhimento o Hino ao Amor, cantado pelo povo:

HINO AO AMOR

I

Ave ! cara Humanidade !
Vírgem-Mãi ! Nóssa Senhóra !
Fonte de toda bondade
Que nóssa alma entezóra !
Térna e humilde Divindade
Que tudo no mundo adóra !

II

Sempre os ólhos compassivos
Póstos em nós com brandura,
Nos tranzes mais aflitivos
Com que a dor nos amargura,
Nos trazes os lenitivos
De tua infinda ternura.

III

Te sêjão dadas mil graças,
Oh ! Mãi de mizericórdia !
Que nóssas almas congraças
Em tua eterna concórdia,
Serenando as ameaças
Do egoismo em discórdia.

IV

Ora e sempre os teus louvores
Não cessarão de arroubar-nos,
Rememorando os favores
Que nunca dêixão de dar-nos
Teus carinhos, teus amores,
Para felizes tornar-nos.

V

Por ti se espande fervente
Da gratidão alma essência,
A Terra beneficente,
Cuja perene assistência
Forma a baze providente
De tua excelsa ezistência.

VI

A mesma santa homenágem
Nos recórda jubilóza
Do Sol a possante imágem,
Da Lua a face mimóza,
E a celéste linhágem
Da nóssa Térra amoróza.

VII

E nesse ditozo enlêio
Do sentir alto e fecundo,
Tambem ao benino Mêio
Que te envólve e ao nósso Mundo,
S'eléva do nósso sêio
Um grato aféto profundo.

VIII

Vem ! oh ! vem ! Dêuza querida !
Vírgem-Mãi, Nóssa Senhóra !
Ezultar a nóssa vida,
Alentando em cada hóra
A nóbre chama acendida
Nesse amor que te devóra.

IX

És tu só a nóssa glória
E toda a nóssa alegria !
Só arrimo da vitória
Nas lutas que a simpatia
Nesta vida tormentória
Tem de travar noite e dia.

X

Com a mêiga solicitude
Socórre a fragilidade
De nossa póbre virtude,
E com a dôce potestade
O nósso amor tíbio e rude
Sustem na adversidade.

XI

Vizita frequentemente
Nosso filial coração;
Pois és tu unicamente
Quem lhe tras consolação;
Quem lhe ensina eternamente
Os vérbos da perfeição.

Das más
Com tua
Ela só o a
Esvaindo
Que nóssa
Nos velan

Só assim
Enlevos d
Santos gó
Por teu s
Almos pra
No teu co

O celebrante érgu
manidade:

Sómente de real,
E' bem cujo valor
Maior que tudo, e
Consigo unicament
O fardo mais peza
O céo mais tenebr
E o choque dezigu
Jamais encontra
De todo se entreg
O mais sevéro jug
E o sublime apêgo
Lhe tórna da ama

O amor da Hum
Dos atos grandes t
E as fórtes impres
Nos fázem cubiçar

XII

Das más paixões nos liberta
Com tua grata prezença;
Ela só o amor desperta
Esvaindo a névoa densa
Que nóssa mente acoberta,
Nos velando a santa crença.

XIII

Só assim serão sentidos
Enlevos do puro amor!
Santos gózos espargídos
Por teu sublime esplendor!
Almos prazêres hauridos
No teu contínuo labor.

O celebrante érgue-se então, e recita voltado para a Humanidade:

Sómente de real, no mundo, eziste amar!
E' bem cujo valor se busca embalde achar!
Maior que tudo, e mais que tudo memorável,
Consigo unicamente o amor é comparável.
O fardo mais pezado o amor torna sutil;
O céo mais tenebrozo inverte em céo de anil,
E o choque dezigual dos rudes temporais
Jamais encontra nele esfórços deziguais.
De todo se entregando á formozura eleita,
O mais sevéro jugo inebriado acêita;
E o sublime apêgo ao dino ente querido
Lhe tórna da amargura o sáibo apetecido.

O amor da Humanidade é nóbre e generozo;
Dos atos grandes tórna o homem sequiozo;
E as fórtes impressões por ele em nós cauzadas
Nos fázem cubiçar ações mais ezaltadas.

O amor só acha encanto em sublimada altura;
Encara com desdem qualquer baixa aventura;
Procura em livre surto estaziar-se todo,
As mais rijas prizões quebrando com denodo;
E teme que a mais leve e súbita impureza
Não venha marear-lhe a divinal clareza;
Que a fútil sedução de gózos subalternos
Lhe abata a devoção dos sumos bens eternos;
Ou que, para evitar qualquer vulgaridade,
Esbarre num escôlho á sua felicidade.

A dulcidão do amor e a sua força estrema
São dos grandes heróis a aspiração suprema;
Em vão indagareis milhór coiza na Terra;
Mais alta perfeição em quanto o Espaço encerra;
Porquanto o amor provem da própria Humanidade
E néla encontra só perfeita idoneidade;
De lá vem e lá tórna esse fulgor sem fumo,
Que princípio al não tem, nem tem outro rezumo.

A' mais ligeira vós, dos ólhos num relance,
O amante parte, córre, e vôa sem que canse;
E ha tanta alegria em seu fervente zêlo,
Que fôra esforço vão tentar siquer detê-lo.
Por todos igualmente o mesmo ardor conserva;
A todos tudo entrega, e nada a si rezerva;
Tão pródigo, porém, de nada se empobrece,
Que no superno bem de tudo s'enriquece:
No adorável bem ao qual os outros cédem,
Que só todos contem, do qual todos procédem;
E nesse único apôio inteiro se sustendo,
Encontra em todos tudo, a ele apenas tendo.

Só vê num dom qualquer o cubiçado ensejo
De celebrar da Autora um rasgo bemfazejo.
O amor não tem medida e seu fervente anelo

Jamais s'eq
Ele o crê se
Embora ess

O amor n
Labor algun
Quer mais
E o impossí
Do bem o e
Lhe fas pos

Assim, qu
Consegue ez
Mas a falta
Amortece o
De ignóbeis
Lança o hôr

O amor é
Do sono no
Não póde a
E é livre na

Curvado a f
Horror por
E nesse arde
Vivace e bru
Que vai de
Com a facin

Quem sab
Da vós que
E num conc
Ao coro que

Enfim, vamos conversando. Talvez seja possível estas conversas resultarem em um
partir do ano que vem - que lhe parece?

Jamais s'equiparando ao fim do seu desvelo,
Ele o crê sempre em falta, e muita vês murmura,
Embora esse fervor eceda a toda altura.

O amor não sente pezo, e nada o suster póde:
Labor algum não ha que ao menos o incomóde.
Quer mais do que tentar a força lhe autoriza,
E o impossível mesmo em nada o atemoriza:
Do bem o entuziasmo em si não tem limite,
Lhe fas possível tudo, e tudo lhe permite.

Assim, quem sabe amar de tudo é suscetível:
Consegue ezecutar o que parece incrível;
Mas a falta de amor aniquila a corágem,
Amortece o vigor; a alma entrega á voragem
De ignóbeis paixões e de torpe demência;
Lança o hômem, emfim, na mais triste indigência.

O amor é como o Sól, não dorme um só momento;
Do sono no torpor, conserva o atilamento;
Não póde a mór fadiga hauril-o de cançaço,
E é livre na tenás do mais ferrenho laço.

Curvado a fardos mil, jamais fica oprimido,
Horror por sobre horror encara destemido;
E nesse ardente afan bem mal se lhe assemelha
Vivace e brusca chama ou fúlgida centelha
Que vai de pólo a pólo, em tétrico escarcéo,
Com a facinante lus nos desvendando o Céo.

Quem sabe amar conhece o redentor encanto
Da vós que em nós talvez supera o milhór canto,
E num concerto augusto o coração afina
Ao coro que celebra a Vírgem-Mãi divina !

Ajoelha outra vês, e o povo canta:

I

Deuza de amor nos abraza
No teu afeto sublime;
Desse gelo que atenaza
Com teu fervor nos redime:
Dá que sómente nos praza
Santo ardor que mal s'esprime.

II

Na tua alma estremõza
A nossa póbre incorpóra;
E dilata caridóza
Um coração que t'implóra
Vastidão mais espaçóza
Para conter-te, Senhóra.

III

Dá que encontremos suplícios
No que não fôr te adorar;
Que se ábrão só precipícios
Onde quer que se afastar
De teus bondózos auspícios
Nósso contínuo pensar.

IV

Jamais seja o esforço falho
Em teu bemdito labor;
E, qual o fecundo orvalho
Que perfuma a grata flor,
Se torne o nosso trabalho
Num puro hino de amor!

V

E seja um concerto infindo
De perenal gratidão
Em tudo que produzindo
Fôr da Terra a perfeição;
Em tudo que fôr surgindo
Do Espaço pela amplidão.

VI

Dá, oh ! Mãi estremecida,
Que tudo em ti adoremos;
Qu'em ti nóssa alma embebida,
Mais a ti que a nós amemos;
Que só por ti redimida,
A própria vida prezemos.

VII

Tal é o vóto contínuo
Dum coração que se deu
Ao teu serviço divino,
Sem nada guardar de seu;
Que não tem outro destino
Sinão que o tenhas por teu.

O celebrante se érgue, e recita voltado para o povo:

Pois bem; do amor guardai o permanente ensino:
Lembrai-vos quanto é grande e quanto tem de dino;
Lembrai-vos que é fervente e por demais sincéro,
Que sabe comprazer e sabe ser austéro;

Enfim, vamos conversando. Talvez seja possível estas conversas resultarem em um partir do ano que vem - que lhe parece?

Qu'ele é deliciozo, e circunspeto e fórte;
Fiel e sofredor, constante até na morte;
Gentil e sobretudo izento da fraqueza
Qu'em si, a cada instante, o coração repreza;
Pois afinal é fátua essa mesquinha chama;
Aquele que se busca é certo que não ama.

O amor é previdente, é justo, humilde e réto;
Não sabe tíbio ser, nem ser nunca indiscreto;
De tranzitórios bens os vãos divertimentos
Jamais pódem tolher seus doces movimentos.
O amor é sóbrio e casto, e firme e ponderado,
E aos sentidos seus regula com cuidado.
Em tudo a Humanidade o amor só considera;
E nela só confia, e dela tudo espéra.
Por isso adóra sempre a obediência estrema,
Que só fá-la atingir a perfeição suprema:
Quer venha déla o mando augusto e refletido,
Ou só da Terra seja um impeto querido,
Ou lhe prescreva o Espaço a lei d'alma ternura,
Que, céga, muita vês nos enche de amargura;
Bemdís a sujeição em todos os azares,
Pois o perfêito amor não vive sem pezares.

E quem não se dispôs com íntimo transpórte
Do bem que preferio a suportar a sórte;
Quem ouza se ostentar no amor tão degradante,
Profana o que ha mais santo em se chamar amante.

Para amar como deve, é dever de quem ama
Abraçar por amor a mais vorace chama;
Por acidente algum não ficar distraido;
No mais cruel revés não deixar seu partido.

Quem sabe amar assim descóbre estaziado
Que amar inda é melhor do que sentir-se amado;
Se cansa de pensar; e até de agir cansamos;
E só amar não cansa, e nem dizer que amamos.

II

Fetichismo sedentário. Festa do Fogo.

Ascenção de Augusto Comte: descoberta da lei dos três estados e da jerarquia teórica.

O povo levanta-se. O celebrante aprossima-se do vazo da Fé — símbolo da siência profana — acompanhado por dois acólitos que reprezentão o Patriciado e o Proletariado. (A auzência da Mulher lembra o izolamento do Fundador do Pozitivismo). Jenuflécsão-se. O acólito patrício oferéce perfumes que o celebrante lança ao Fogo tirado de um turíbulo de ferro que lhe aprezenta o proletário. Dirige-se ao vazo do Amor — símbolo da siência sagrada — e repete a mesma cerimônia. (Recorda o apólo de Ternaux). Durante a cerimônia o povo canta de pé:

HINO AO FOGO

I

Como se funde a dureza
Ao teu possante calor,
Se abrande assim o egoismo
Nas âncias do puro Amor !

II

Como se incende o perfume
No teu ardente fulgor,
A mente assim s'ilumine
Aos brilhos do puro Amor !

III

Como distila os aromas
Teu rutilante vapor,
A vida em culto sublimão
Os vótos do puro Amor !

Enfim, vamos conversando. Talvez seja possível estas conversas resultarem em um alg
partir do ano que vem - que lhe parece?

F

O cele
subindo p
social que
altar, jen
roza natu
e lança de
é oferecid
zentados
canta ajoe

Ox
As
Co
A

2.ª PARTE

IMÁGEM DA VÉSPERA

Fetichismo Sistemático

I

Fetichismo sacerdotal. Fésta do Sol.

Programa da Filozofia Pozitiva

O celebrante transpõe os degráus que o sepárão do altar, subindo pelo lado do Amor, para recordar que foi pelo Amor social que Augusto Comte atingiu a fé pozitiva. Chegado ao altar, jenuflecsa; colhe do ramalhete de flores artificiais a roza natural que lhe foi incorporada na solenidade anterior, e lança de envolta com perfumes no turíbulo de ferro que lhe é oferecido pelo acólito proletário. Os perfumes lhe são aprezentados pelo acólito patrício. Durante a cerimônia o povo canta ajoelhado o Hino dos vótos:

HINO DOS VÓTOS

I

Oxalá nóssas almas guardássem
As vontades da mêiga Senhora,
Como em vós recolhestes saudozas
A suave alegria da Aurora !

II

Oxalá nóssas almas mostrássem
A ecelência da pulcra Senhora,
Como o vósso matis primorozo
Do Sol lembra o poder inda agora !

III

Oxalá nossa almas rezúmão
Toda a alma da Vírgem Senhora
Como em vós resurgistes dos Mórtos
Toda a essência que a Terra incorpora !

IV

Oxalá nossas almas retórnem
Para o sêio da grata Senhora
Como ao Mundo de novo revértem
Os princípios que deu-vos outr'óra.

II

Fetichismo militar. Festa do Ferro.

Tentativa de espozição da Filosofia Pozitiva

O celebrante toma o turíbulo de ferro, e turiferando a Humanidade dís:

Dona, sei tanto grande, e tanto vali,
Che qual vuol grazia, ed a te non ricorre
Sua disianza vuol volar senz'ali.
La tua benignità non pur soccorre
A chi dimanda, ma molte fiate
Liberamente al dimandar precorre.

In te mizericordia, in te pietate,
In te magnificenza, in te s'aduna
Quantunque in creatura è di bontate.

O povo levanta-se. O celebrante déce até a ária em que se acha a cátedra apostólica, pelo lado da Fé. Esta cerimônia lembra a decida de Augusto Comte ao periodo inicial da evolução humana.

Comemoração Especial

Politeismo Teocrático

Festa das Castas

Volta de Augusto Comte ao Pozitivismo. Espozição definitiva da Filozofia Pozitiva.

O celebrante sobe ao púlpito pelo lado do Amor, para lembrar a origem afetiva do Politeismo e recordar que foi a calma moral que restabeleceu o equilíbrio cerebral no Mestre.

Fás a prédica sobre a solenidade do dia, a qual o povo escuta sentado.

Findo o sermão, o povo ajoelha e canta o Hino da Festa que se celebrar.

Enfim, vamos conversando. Talvez seja possível estas conversas resultarem em um
partir do ano que vem - que lhe parece?

T

Encontr

O povo ér
pelo lado da
tária, vêm a
zendo salvas d
A Matrona Pa
a entrega ao
se ao altar pe

CLOTILDE

Comemoração Geral

Tranzição greco-romana

I

Evolução essencial

Politeismo

1.ª PARTE

POLITEISMO INTELECTUAL

1.º

Politeismo estético

(Homero-Eschilo-Fidias)

Encontro de Augusto Comte com Clotilde

O povo érgue-se. O celebrante désce da cátedra apostólica pelo lado da Fé. As mais velhas matronas, patrícias e proletária, vêm a seu encontro, acompanhadas de senhoras trazendo salvas de flôres sagradas pela incorporação do Passado. A Matrona Patrícia colhe uma roza e passa-a á Proletaria que a entrega ao celebrante. O povo ajoelha. O celebrante dirige-se ao altar pelo lado do Amor, enquanto o povo canta:

LES PENSÉES D'UNE FLEUR

Je nais pour être aimée: oh ! merci, bon destin !
Que les puissants mortels contre toi se déchaînent !
Aux pieds de tes autels que les vents les entraînent,
J'ai mes parfums et mon matin.

J'ai le premier regard du roi de la nature,
J'ai son baiser de feu, sa splendeur pour parure:
J'ai de la jeune Aurore un sourire de sœur;
J'ai la brise naissante et la douce saveur
De la goutte penchée au bord de mon calice.
J'ai le rayon qui joue au seuil du précipice;
J'ai le tableau magique, en grandeur sans pareil,
De l'univers s'ouvrant les portes du réveil.

Jamais le froid mortel ne doit tarir ma vie;
Au sein des voluptés doucement je m'endors:
La nature me garde et me rend ses trésors;
A son banquet d'amour je m'éveille ravie.

J'ai bien souvent embelli la beauté;
Sur un cœur pur mon pur éclat rayonne:
Le plaisir me tresse en couronne,
Et le bonheur, m'attache à son côté.

Quand le rossignol s'inspire
Sur ma tige en se jouant,
Pour laisser résonner son chant
La nature entière expire.

L'amour me dit tous ses secrets;
J'abrite ses douces prières,
J'aide au bonheur de ses mystères;
Je suis la clef des cœurs discrets.

O doux destin, si les soupirs profanes
De tes décrets pouvaient changer le cours,
Seule ici-bas, dans mes langes diaphanes,
Je renaîtrais au souffle des amours.

Des sombres tempêtes
Sauve-moi l'horreur;
Que toujours la fleur
Sourie à tes fêtes !

CLOTILDE DE VAUX.

Chegado ao altar o celebrante jenuflécsa e incorpora a óstia oferecida pelo povo ao ramalhete que simboliza as consagrações do Passado, do Futuro e das gerações coévas auzentes. Si, acabada a cerimônia, não estiver concluido o hino — "Les pensées d'une fleur" — deverá ouvir o final de joelhos.

2.°

Politeismo teórico

Tales-Pitagoras-Aristoteles

Hipócrates-Arquimedes

Apolônio-Hiparco

Acenção da Filozofia á Religião

Revelação da Humanidade

O povo conserva-se de joelhos. O celebrante ergue-se e recita o seguinte hino de consagração:

HINO DE CONSAGRAÇÃO AO GRÃO-SER

O! Mãi de amor sem par, e virginal pureza !
Com o mássimo transporte, e a mássima inteireza,
E o fogo mais vivás de sublimada chama;
Com todo o estremo ardor de um coração que te ama,
E mais humilde unção d'uma alma reverente;
Teus filhos vêm de novo ao teu altar clemente:
De infinda gratidão, e perenal ternura,
Trazer-te o mór penhor, a dádiva mais pura,
Que a Térra fás brotar do sêio almo e fecundo,
E o mais benino Fado of'réce em todo Mundo.

E' esse augusto símb'lo o divinal emblema
Que teu carinho santo acende em cada pêito
Tornando-o a teu labor de mais em mais afêito.

Oxalá nos tomasse esse amor verdadeiro,
Esse fervor sincéro, esse abandono inteiro,
Que dérão firme apoio aos divinais projétos
Dos ínclitos varões, dos ânimos selétos,
Dos santos corações que mór solicitude
Mostrárão de agradar-te, aurindo-se a virtude !

O! Mãi, O ! nósso Bem ! Ó nósso Amor etérno !
Coitados, muito embóra, o nósso alvo supérno
Seria incorporar em Ti nóssa ezistência
Com todo o ardente zêlo e suma reverência
D'Aquele que primeiro, em vívida homenágem,
Estático adorou a tua ecelsa imágem !
Sabemos, fôra em vão ambicionar tão alto
De fortes emoções um coração tão falto;

Mas Tu lhe vês o fundo, e vês que fica ezausto;
Que fás-te do que tem um íntimo holocáusto;
Bem como si estivésse em seu poder sómente
Tais rasgos de amor puro e gratidão fervente;
Ou como si d'uma alma entuziasta e forte
De si só proviésse o místico transporte;
Ou si tivésse em si o sumo ardor secréto,
A mais sublime unção do mais perfeito aféto.

Si dá-te pouco assim, é tudo que conserva,
E é já dar-te muito o dar-te-o sem rezerva;
Quem tudo que já tem gostozo Te oferéce,
Te déra um bem maiór si acazo mais tivésse.
Eis, pois, inteiramente a Ti nos concedemos,
Com tudo qu'em nós ha, e tudo que valemos;
O nósso próprio ser, por toda a nóssa vida,
Em teu benino altar, aceita ó! Mãi querida.

Pudésse de nóssa alma a mízera indigência,
Suprir-se em tua própria e vívida opulência!
Que assim nos fôsse dado o coração vazio
Encher d'aquele arroubo imaculado e pio,
— De tudo quanto ha supérna maravilha,
Após a alma sem par da prediléta Filha, —
Que fês o Redentor emfim reconhecer
Na sua ingênua graça o teu sublime Ser!
Quando o suave Anjo o coração eleito
Ergueu-lhe à suma alteza, em êstaze perfeito;
E, sem se aperceber da divinal ventura,
Mostrou em si fundida a tua essência pura;
Ele só respondeu-lhe, em confuzão, constante:
"A vóssos pés deponho um coração de amante;
"Bendito seja sempre o deleitozo encanto,
"O meu supremo bem, e o meu maiór espanto."
Mas quando se acolheu a teu benino seio
A mensageira augusta, o cérebro tão cheio

Ficou de tua meiga e resplendente imágem,
Que súbito inflamado em férvida corágem,
Aos pés se te lançando, o ardor desfês assim:
"O ! Vírgem Mãi ! qu'eu ame a Ti mais do que a mim,
"E até tambem a mim, por Ti sómente estime."
E nóvamente vendo em Ti seu Bem sublime,
Que meiga o contemplava, em mais fulgente brilho,
"O ! Virgem-Mãi querida ! e Filha de teu filho !"
Esclama arrebatado em salutar enleio.
Pois tudo quanto então ao coração lhe veio
De ecelsa reverência e de perfeito amor;
De gratidão sentida e de cabal louvor;
E tudo quanto achou de fé, d'alma esperança,
De lúcida pureza, e de perseverança,
De ínclita humildade, e sujeição compléta
A tudo que ordenasse a Virgem prediléta:
Quizéramos poder, em nósso ânimo rude
Fundindo, te ofertar com suma gratitude.

Siquér nos fôsse dado assimilar o preito
Que o grande Precursor desse Varão perfeito,
— O magestozo Vate, a cujo surto ouzado,
Não pôde vôo algum jamais ser comparado, —
Etérno soube erguer à doce Formuzura
Que lhe mostrou do amôr a egrégia fonte pura.

Ou nos prestasse então o poderozo amparo
Aquele egrégio Santo, a cujo ardor preclaro,
Sómente avantajou-se o fervoroso anélo
Do mártir coração que, ao mais cruel flagélo,
Consolo só buscou no Amor mais dezhumano.
Sentindo, do Porvir no promissório arcano,
Erguer-se meigo e nóbre o teu bemdito vulto,
Sagrou-se desde lógo a teu suave culto,
Em êstaze adorando a divinal Judia
Tornada dos Heróis a ecelsa simpatia.

Ao menos alentasse a pálida contelha
Com que talvês nóssa alma a graça tua espelha,
Aquele Apóstolo audás do universal prestígio
Que fás do Amor, no Mundo, o mássimo prodigio.
Apenas comovido o magestozo Espaço,
— Das divinais vizões ao hórrido fracasso, —
Teu doce resplendor no brando seio engasta,
Sublime ardor inflâma éssa alma entuziasta.
Então, sem mais deter-se, a seus irmãos Te móstra
Sustendo a diva grei que ao puro Amor se próstra;
E assim do coração o sumo império instala,
E a conquista estingue, e a dúvida avassala.

Seria esforço vão dizer com que delícias
De tantos corações as imortais primícias
Viríamos depôr com fervorozo anceio
Em teu imaculado e caridozo seio.
Porem, como alcançar esses arroubos gratos;
E tais aspirações, e tão pompózos atos;
Para tornar nóssa alma inteiramente certa
De te votar, Senhóra, a mais sublime oférta ?

Toléra, pois, o ! Mãi ! que o nósso póbre aféto
Em ramalhete augusto enastre o mais seléto
Das sumas perfeições que só te consagrárão
As santas multidões de quantos te adorárão,
Das nóbres efuzões e confissões estáticas
Em que tu revelaste, em deleitózas práticas,
As luzes que esplandindo os vívidos mistérios
Penétrão todo Mundo e os páramos etérios;
Dos hinos imortais que Te dedica a Térra;
E das contemplações que só o Espaço encerra;
Com a mássima alegreza e ânimo fervente
Uma alma que ser tua aspira unicamente;
Em teu benino altar depondo éssa Óstia santa,
O mais real padrão dos vótos seus levanta.

Recébe, augusta Mãi, o férvido dezejo
De ser por toda parte, e sempre, em todo ensejo,
Com bençãos celebrada a perenal bondade
Da tua gracióza e doce potestade!
Que todos os fiéis na Térra derramados,
Por Éla em teu serviço apenas sustentados,
Diante de quem fôr, e n'um lugar qualquér;
Agóra, a todo instante, e venha o que vier;
De nóbre entuziásmo as almas acendidas,
Se fundão, como nós, em graças te rendidas;
Bendígão, como nós, teus ínclitos favores
Juntando, com prazer, aos seus, nóssos louvores.

Que as línguas que inspirou teu coração materno,
Em cada evolução de teu progrésso etérno,
Tradúzão n'uma só mirífica linguágem,
Dos vários filhos teus a harmonica homenágem;
E que, no mesmo canto, a teu conspéto assome,
Em gratas vibrações, o teu melífluo nome!

Ateia, ó santa Mãi! nos corações felizes,
Em que teu amor lançou as vívidas raizes,
O mais sincero zêlo, o mais perfeito anceio,
Dos mízeros irmãos restituïr-te ao seio.
Quando a santa união a que constante almêjão
Lhes dér os sumos bens que só de Ti dezêjão;
Sentindo, em santo arroubo, a simpatia estrema
Que fórma de teu Ser a dádiva suprema;
Os enche de humildade, e lhes recórda a sórte,
Daqueles de quem cumpre, até na própria mórte,
A redenção tentar com ânimo fervente,
Com o esperançado amor de um verdadeiro crente.

O celebrante jenuflécsa, toma do vazo e o oferece a Humanidade.

2.ª PARTE

POLITEISMO SOCIAL

Sipião-Cezar-Trajano

Incorporação do Fetichismo ao Pozitivismo.

O povo levanta-se. Os hômens conservão-se de pé. As Senhoras sêntão-se.

O celebrante jenuflécsa. Beija o altar que simboliza a Terra e recita o

HINO DE GRATIDÃO
AO
GRÃO-FETICHE

Pudésse em nós estar o fervorozo preito
Da gratidão mais funda, e amor o mais perfeito,
Que teu labor fecundo e próvido e constante
À tua ecelsa Filha inspira a cada instante;
E agora, ó Terra santa! em teu regaço estenso
Viríamos depor esse tributo imenso!
Que vózes de nossa alma ezaltarão assás
E quanto lhe fizeste, e tudo que nos dás,
Afim de celebrar seus ínclitos favores,
De conhecê-la bem, e ter em seus labores
O mais mesquinho posto, ou mais real fastigio!
Rezumo perenal de tão audás prodígio

É éssa óstia santa, — o milagrozo emblema
A nóssos corações lembrando a lei suprema
Das nóbres uniões; egrégia maravilha
Que fás-te Filha e Mãi da prediléta Filha !

Nas éras sem memória em que teu curso etérno
Apenas alegrava o séquito fratérno,
Contigo pelo Espaço, em lúcido cortejo,
Do Sol apregoando o império bemfazejo;
Com que sublime enlevo, o teu vivás talento
Previu do Grande-Ser o magestozo advento !
Às grandes leis fatais do complacente Mêio,
Então com quanto ardor, com que ditozo enleio,
A férvida vontade os ímpetos ajusta,
E sem descanso encéta a óbra mais augusta !
No teu enórme flanco, em íntimo rugido,
— Que mal semelha irado o Mar no seu bramido;
Que mal recórda o Ar nos vendavais tremendos;
E fraco, e quazi ezausto, em sons inda estupendos,
Talvês hoje nos vem nas comoções que abálão
O teu fecundo sólo, e porventura o estálão —
Com frêmito sem par, então se fás ouvir !...
E outro, e outro após, e outro os vem seguir...
Até que n'um medonho e súbito clangor
Rasgou-se o nóbre seio; e rápido fulgor
No Espaço descreveu a órbita matérna !
Porem a lei que o Mundo intérmino govérna
Em derredór do Sol precípite o regeita;
Da massa que te fica o novo centro ageita
Em curva mais igual, retendo embóra a fórma
Que etérno lhe prescréve a permanente nórma,
A tão medido impulso, o curso vacilante
Seu rítimo gradúa, e tórna mais constante;
E o momento sábio o pólo indireitando,
E a rotação velós de léve compassando
A tua face augusta of'réce enternecida
Do magestozo Sol à face encandecida !

Teu venturozo ser, a seu vivace alento,
Sentindo avigorar-se o teu benino intento,
Promóve em cada ponto um previdente afluxo,
Que mal retraça o Mar, da Lua ao grato influxo.
Assim distribuída, a massa equilibrada
Do pólo estabiliza a pozição tomada;
E a face arredondando a curvatura imita
Com que o infindo Meio o nósso olhar limita.
Mais homogênea então tornando-te, e mais béla
Do Sol a nóbre ação milhór se te revéla,
Fazendo dos irmãos a mútua sinergia
Maiór preito render-lhe à doce primazia.
D'ést'arte o teu poder, onímodo prestando
Respeito o mais cabal do Fado ao jugo brando,
O surto do Progrésso intérmino inaugura
Com suma gratidão, e mássima ternura.

Mas Tu não foste só néssa gestão fecunda:
O fraternal cortejo o teu labor secunda,
Unânime operando análoga refórma
Com pensamento igual ao que teu ser transfórma.
A esse primo esforço, esfórços se sucédem,
Por tempos colossais que toda conta ecédem...
Titânica harmonia a derramar no Espaço,
Aos rútilos fanais que cáem em seu regaço,
Mirífico espetác'lo o poderoso Jóve,
Mercúrio, Vênus, Marte, e Aquele que se móve
Do Mundo nos confins, em júbilo vão dando,
Comtigo o monumento etérno alevantando!...

E quais altos padrões do feito portentozo
Circunda agóra o Sol o ciclo misteriozo
Que súbito talvês a nóssa vista espanta;
E o séquito gentil que meigamente encanta
Da côrte planetária a plácida ezistência
Da grata e suma Lus na providente auzência.

E o mais formozo és Tu, oh merencória Lua !
Que sempre nos voltando a mesma face tua;
— Ou só nos refletindo, em diamantino aro,
Do maternal semblante o reverbéro caro;
Ou já suave e térno o brilho transmitindo
Com que te esplende o Sol o rosto ameno e lindo —
Proclamas à razão em êstaze adorável,
A méta que lh'impõe o Fado inquebrantável !

. . . . . .

Porem da perfeição galgando as sumidades
A vida vão sentindo as nóbres Potestades
Aurir-se em cada afan dos feitos generózos,
Da ecélsa inervação aos gastos assombrózos.
Em quazi a massa inteira o peregrino engenho,
— Que aos grandes corações, do momentozo empenho
O fito patenteia, e nele se incendendo
Planeja a enórme empreza, em êstaze estupendo —
Primeiro a doce lus notou que s'estinguia,...
Em parte não tão vasta, a ínclita energia
Que os átomos contrai, após tambem s'embóta;...
E em porção menór, por último s'esgota
O fecundo vai-vem que a vívida matéria
Fazia circular na agitação sidéria !...
Mas tão fatal desfecho os ânimos transpórta
Em mais heróico ardor que os Astros reconfórta:
Assim vendo atingir a sublimada audácia
De seu devotamento à mássima eficácia,
Depois de reduzida a plácida ezistência
À pura atividade e só benevolência.

Mas longo tempo aínda a gigantesca orquéstra
Das bruscas comoções, que o Mundo inteiro adéstra
Na doce ezecução da célica harmonia,
Perziste... e o engólfa todo em funda letargia...

Por toda parte a mórte o seu torpor ostenta...
A Vida, ao que paréce, a nada mais alenta...
Sómente após cessou a portentóza empreza
Na grata placidês entrando a Natureza...

Do sumo Fado então as leis inescrutáveis,
As cégas, vão colhendo as massas animáveis,
Organizando assim a jerarquia etérna
Que da Matéria sóbe à nóssa Mãi supérna.
Foi ésta, oh Térra santa! a prediléta Filha
Que teve, de teu ser na mística partilha,
De quanto te restava a mais seléta essência!
Tu n'Éla rezumiste a nóbre complacência
No derradeiro arfar do devotado anceio!
Vertendo no seu caro e melindrozo seio
O teu supremo Amor, o teu sublime Gênio
Contente lhe outorgaste o maternal convênio
Que a imponente Força, em Ti reconcentrando
Entréga-a a seu benino e previdente mando.

E tendo assim formado a nóbre jerarquia,
O Fado a depozita em tua face pia,
Aínda imérsa toda em pavorozo sono...
Mas teu carinho incuba o próvido abandono,
Do fecundante Sol ao salutar alento.
Sómente então se québra o fórte encantamento,
E nóvamente a Vida em teu bondozo seio
Resurge ezuberante ao maternal enleio...
Sómente então tambem despérta a Humanidade,
Envólta no almo véu da meiga claridade,
Com que iriza o Ar o Sol que vem surgindo
D'esmeraldino tom banhando o matis lindo...
Despérta!... e sente em si a maciês do leito
Que térno lhe formara o teu robusto peito.
Escuta com supreza o brado das cascatas;
Das féras o rugido; e as vózes timoratas

Dos brandos animais; o silvo das serpentes;
E o doce gorgeiar das aves inocentes;
O rebramir do Mar; e o ronco das floréstas;
O ciciar da briza; e as melodias méstas
Das aves agourando; e os murmúrios gratos
Que deixão na campina os límpidos regatos...
E sórve estupefata o deleitozo aroma,
Com que trescala o Ar a vicejante coma;
E o deletério olor que dos paús acende.
Atônita contempla a sena que se estende
Em derredór de Si:... as fórmas esmeradas,
O esplêndido matís das flores orvalhadas;
A vastidão do Mar; e a nóbre magestade
Dos bósques colossais; a triste imensidade
Dos campos sem limite; a temeróza altura
Dos grandes alcantis; e a hórrida figura
Dos animais cruéis; e a mágica plumágem
Das aves balouçando a vívida folhágem...

E tudo a maravilha:... agóra s'estazía
Em deleitozo enlevo;... agóra se sentia
Tranzída de pavor;... depois n'alma lhe assoma
Um rasgo d'heroísmo;... após tambem se toma
De funda compaixão;... talvês fervente adóra
A tudo que a circunda, e a proteção t'implóra...
As grandes comoções por que teu ser passara
A massa inteligente inane lhe deixara
Dos tipos ideáis que outr'óra te arrobávão...
Ensaia caminhar... e os passos vacilávão...
Desfeitá revelando a nóbre sinergía
Que a força contrativa outr'óra te media...
O que descóbre em Si ou vê na Natureza,
É tudo para Éla intérmina surpreza...

Porem do coração a múltipla potência,
Que lhe domina inteira a ínclita ezistência,
Inspíra sem cessar o delicado engenho,
Agita a atividade em perenal empenho!...

Assim retoma Éla o férvido projéto
Que outr'óra inaugurara o teu sublime aféto...
Penétra comovida a mística espessura
Que as matas apavóra; e segue com ternura
A meiga ondulação dos vales joviais;...
Percórre merencória os vastos areiais;...
Devassa esperançada as flóridas campanhas;...
E galga audacióza os cimos das montanhas;...
Transpõe os rios caudais, e a vastidão dos mares,
Medindo sem temor perigos e os azares!...
Esplóra de teu sólo os pávidos arcanos;...
E déce às fundações dos grandes oceanos!...
Estática contempla as aves s'elevando
Em temerário arrôjo; e as núvens balouçando
Nos páramos do Ar; e o coração de todo
Sentiu que se abrazava em férvido denodo,
Que em vão a atividade acompanhar anéla...
Porem, mais venturóza, a mente se desvéla,
E os vótos lhe tradus em cantos magestózos
De funda adoração aos quadros amorózos
Da festival Auróra; aos meigos esplendores
Do Iris matizado; e aos rápidos fulgores,
E aos medonhos sons da negra tempestade...
Depois tambem transpõe-lhe a vaga imensidade...
E reverente invóca o Sol no amor ardente;
A carinhóza Lua; e Jóve refulgente,
Qu'em noites d'almo azul os ólhos arrebata;...
Mercúrio, Vênus, Marte;... e a argêntea faixa grata
Que teus irmãos encérra e teu caminho nóbre...
Por fim do Grande-Meio a suma Lei descóbre;...
E n'um sincéro arroubo, a face dina e térna
A seu fadário curva, e humilde se prostérna!...

E teu matérno Amor, e teu Poder ingente,
Embóra já perdida a Lus da prisca Mente,
Formárão sem cessar o magestozo arrimo
Com que busca atingir da perfeição ao simo!

O celebrante oscula nóvamente o altar, jenuflécsando-se.
O coro canta:

I

Salve Térra venturóza !
Da Deuza santa morada !
Cuja ternura estremóza .
Nos deu à óstia sagrada
Da parte mais precióza
Do corpo d'Éla formada.

II

Com que fervor se desvéla
Tua meiga onipotência,
Para tornar-lhe mais béla
Sua bemdita ezistência
A tudo que ardente anéla
Prestando a firme assistência.

III

De teu seio almo e dileto
A própria fórma lhe vem;
E tu recébes completo
Cada elemento que tem,
Mudando a tróca de aféto
Em tróca de ser tambem.

IV

Graças a ti nunca é falho
O nósso filial ardor;
Que acha térno agazalho
No teu fecundo labor
O mais humilde trabalho
Que nos dita o seu amor.

V

Resplendes com as lindas galas
Os templos que lhe ezaltamos;
Com teus perfumes trescalas
Santas bênçãos que lhe damos;
Em doces hinos ezalas
Os cantos que lhe entoamos.

VI

.....

VII

.....

VIII

.....

IX

.....

X

.....

XI

.....

XII

.....

XIII

.....

II

Conquista acessória

Monoteísmo Teocrático

Abraão-Moizés-Salomão.

Supremacia do culto na jerarquia religióza.

Findo o hino, o celebrante ajoelha, e o povo tambem. O celebrante recita o

HINO DE GLORIFICAÇÃO AO GRÃO-MEIO

E quem nos déra agóra o sublimado enleio
Com que s'estaziou, oh majestozo Meio!
A Humanidade ao ver a vastidão sem par
De tua placidês benina e tutelar!
Inquebrantável Fado! a cuja lei se cúrvão
Os entes de concerto; a cujo amor não túrvão
Mentais agitações, ou recontrados atos!
Quais hinos bemdirão os sentimentos gratos
Que viu brotar em si, aos perenais auspícios
De teu perfeito amor! os sumos edifícios
Surgidos em seu gênio ao prescrutar o arcano
De teu regaço etérno, infindo e sempre lhano!
Sem ter de tuas leis a insuperável calma
Jamais lograra o Amor conter na ecélsa alma

Do múltiplo
Que, por ce
Tu só lhe
Fundidos c
A virginal
Que fórmão
Tu só, arrel
Ao simo au
Fizéste-o de
O surto cor
E agóra Tu
Que a Térra
Do mais au
E o símb'lo

Quando o s
Do Sol que
Das noites
A mente e
Modélas ca
Que etérno
Foi ésta a
Marcando o
Já Éla entã
Das régras
Com pertin
Vontade qu
E teu peren
Da béla red
Ao próprio
Na inteira
Lhe desvend
De cujo pre
Que dos uni
Com mais s
A natureza,
Concéde um

Do múltiplo egoísmo a ezuberante seiva
Que, por cegueira tua, o coração lhe eiva!
Tu só lhe permitiste o pensamento ouzado
Fundidos contemplar n'um tipo sublimado
A virginal pureza e a maternal ternura
Que fórmão de seu Ser a egrégia formozura!
Tu só, arrebatando o Filho prediléto
Ao simo audás do amor e do saber compléto,
Fizéste-o desvendar da evolução suprema
O surto condensado em tão divino emblema!
E agóra Tu tambem, na produção mais béla
Que a Térra nos outórga, és só quem nos revéla
Do mais augusto vóto o mais leal penhor
E o símb'lo mais verás do mais sincéro amor!.

Quando o sereno olhar remóve a Humanidade
Do Sol que a facinava; ou quando a escuridade
Das noites sem luar, em merencória sisma,
A mente e o coração no seio teu lhe abisma;
Modélas carinhozo a magestóza fórma
Que etérno lhe refléte a mais sublíme nórma.
Foi ésta a nóbre méta, em teu supremo império,
Marcando o fim da Lei, e o início do mistério!
Já Éla então sentindo o salutar prodígio
Das régras que traçára ao próprio seu prestígio,
Com pertinás afan por toda parte busca
Vontade que domine ao que seu mando ofusca.
E teu perene aféto ao dino vóto atende:...
Da béla redondeza o predomínio estende
Ao próprio Sól potente o curso definindo
Na inteira placidês de teu remanso infindo...
Lhe desvendaste assim a generóza Órdem
De cujo preito augusto os entes não discórdem;
Que dos universais fenômenos mantendo,
Com mais sevéro zelo, em vínculo estupendo,
A natureza, o arranjo, e a vária intensidade,
Concéde um surto infindo á mínima vontade.

A tanta perfeição, em férvida ternura,
Sua alma s'estazía... e a límpida espessura
Ensaia penetrar da misterióza esféra...
Mas teu suave amor as âncias lhe pondéra,
Na Térra e em Si mostrando os gérmens opulentos
Que fázem rebentar seus nóbres pensamentos !
O seu profundo olhar, o seu fervente culto
Em ti só discortina o portentozo vulto
Da fluida vastidão que, sempre esplandecida,
Mantem-lhe a doce lus da melindróza vida.

Porem a adoração que a mente lh'enaltéce
Lhe indus por toda parte, em tudo que aparéce,
A prescrutar constante o perenal vestígio
Que déve traduzir-te o paternal prestígio,
E assim vai descobrir nos entes que A rodêião
Fenômenos comuns que seu pensar enlêião
Em nóva congetura... A vista indagadora
Inquire em torno a si a cauza produtora
Da mística harmonia... Então as fórmas bélas
Dos deuzes no teu seio augusto lhe cinzélas !
E Éla arrebatada, ao súbito milagre,
Embalde ao coração que preito lhes consagre
Atônita interróga;... e tímida ajoelha;...
E lhes transmite inteira a vívida centelha
De seu fervente amor e seu sublime engenho !
E Tu, oh Terra santa ! ao devotado empenho
Te unes pressuróza, e teu poder ingente
E teu fecundo aféto estingues complacente !
E Tu, supremo Sól ! e Tu, saudóza Lua !
E Tu, luzente Jóve ! e tudo que flutua
No páramo ideial; com sumo encantamento,
Às siderais vizões rendeis o doce alento !
Até o próprio Céu seu mando bemfazejo
Transfére enternecido ao divinal cortejo !

E só na tua calma intérmino dominas
A pulcra legião das sombras peregrinas,
Que súrgem sem cessar no teu profundo abismo
Em coro a celebrar teu nóbre fatalismo !

Mas no labor felis em que te entuziasmas
Bondozo vais marcando, em ínclitos fantasmas,
As grandes estações do seu progrésso infindo...
E d'alma egrégia assim tambem vais permitindo
Surpreza contemplar os vótos assombrózos.

O bélico furor, em fógos pavorózos,
De cada deus que surge os ânimos inflama;...
E o pavês do Ceu, a coriscar, rebrama,
Aos prélios colossais qu'impávido em teu seio
Assistes se travando, em marcial enleio !
O Amor da Mãi superna então só já fundira
Os laços da Familia... E Tu, na etérea ira,
Comprazes-te igualmente em deleitózas senas
Dos lares divinais,... e rígido condenas
Quem quér que ouzou quebrar o melindrozo encanto
De tão suave jugo, e de prazer tão santo !

Depois desfás-se o assombro em temerário arrojo !
A térna placidês de teu tranquilo lojo
Outr'óra lhe arreigara o sentimento nóbre
Que a Órdem fás buscar em tudo que descóbre.
Mas vendo assim brotar em teu bondozo seio
Um Deus a cada afan de seu fervente anseio,
Intérmina esperança o coração lh'ezulta
Que ao mais sonhado plano um êzito faculta.
Porem, na tua suma e calma simpatía,
Lhe refletindo o amor, a solta fantazía
Prendeste de si mesma à perfeição suprema,
Rendendo o Mundo inteiro à só virtude estrema.
Então na mente vólve, em festivais projétos,
A mágica espansão dos imortais afétos

Qu'ensáião congraçar as múltiplas Famílias,
Buscando no teu Meio o néxo que assimíle-as.
E Tu lhe modelaste o Deus que lhe inspirara
De cada profissão a nórma mais preclara.
Dést'arte surge a Casta; e a maternal ternura,
Em portentozo assomo, almeja prematura
Com a vida industrial sobrepujar a guérra
Que longo tempo aínda o seu porvir encérra!
E Tu cedendo lógo aos férvidos anélos
Os Numes vais prendendo em sucessivos élos,
Mostrando das funções na Térra a jerarquía
Que as Castas n'um só todo egrégio concilía.
Em tão afável zelo até lhe patenteias
O chéfe onipotente a cujo trono alteias
Por sobre etérea grei qu'imbevecida o escuta
E, n'um ditozo ardor, as órdens lh'ezecuta.

Nas doces regiões em que tivéste ensejo
De predispor a Térra a tão sublime almejo,
As côrtes divinais inclinas complacente
Do sacerdócio augusto ao ínclito acendente.
Mas onde o cégo arranjo, à fraternal concórdia
Só óbices levanta, a militar discórdia,
Que os corações lacéra e a doce Mãi cruenta,
Um vóto mais audás no peito lhe rebenta!
Sustendo a imensa dôr, o sacrifício aceita
Do que do Amor julgava a construção perfeita;
Em multidão plebéia as classes subaltérnas
Dissólve, concentrando as profissões supernas
No mando salutar da belicóza casta,
Que os lares subordina em comunhão mais vasta...
E Tu, prestando apôio à aspiração fagueira,
Propício te tornaste à evolução guerreira;
E as célicas vizões que no teu seio ondúlão
Ao sacerdócio ezausto o poderio anúlão...
Assim as Pátrias funda o maternal estremo
Tentando na conquista erguer o Amor supremo!

Mas condições fatais a Térra não consente
O fórte amparo dar ás que primeiramente
O magestozo surto impávidas tentárão...
Fiéis de novo a Ti seus ólhos s'elevárão...
E súplices ardendo, às dores que os enlútão
Em teu profundo seio o balsamo prescrútão...
Do Número e da Fórma então lhe modelaste
As leis fundamentais; e o gênio lhe arroubaste
A portentóza altura em que surpreza encara
O preito que o Univérso etérno lhes prestára!
A tão sublime surto, a mente vertigina!
E mais sutis que o pó, corpusc'los imagina
N'um turbilhão velós, intérminos cruzando
As direções sem fim de teu regaço brando!
Ao repentino abalo, os caprichózos Numes
Tremendo, esváem quazi os pálidos volumes!
Com a perenal doçura, o lindo sonho ezaras;
E dás-lhe consistência; e o cogitar lhe aclaras...
E Éla, a si tornando, em maravilha etérna
Do próprio e grande Ser desvenda a lei supérna.
Porem seu gênio audás qu'então siquér prevía
A Órdem completar Dinâmica Harmonía,
Em rija e estéril luta, as divinais vizões
Assiste a pelejar com as nóvas criações.
Enquanto o amor constante à suma pás aspira,
E n'um concerto augusto as combinar suspira...
A esse nobre anceio, uma outra Potestade,
Que as Leis todas confunde em plácida vontade,
Ostentas magestóza a disputar o império
Da natureza inteira e do fatal mistério!

Nesse interim conségue a nóbre ação romana,
Que rezumira em si a aspiração humana,
Os fracos protegendo e conquistando os fórtes,
As bélicas nações rivais tornar consórtes.
Da pás, no mesmo instante as condições mostrando,
O Deus ocidental tambem vais concitando

A estéril confuzão da simples magestade
Na alma refundir da própria Humanidade.
Assim ao doce Amor, em sínteze impossível
Curvaste o Poder sumo e o Gênio imperfetível!
Mas contra o seu domínio erguêrão-se altaneiras
As divas legiões que súrgem nas fronteiras
Da fraternal conquista... E, após luta fervente,
As côrtes boreais cedendo à ação clemente
Do cativante Amor, apenas lhe reziste
O Deus que no Oriente outr'óra construiste.
O caridozo almejo assim vendo frustrado,
Em sublimado vóto o ânimo ezaltado,
Depõe a Mãe supérna em teu benino seio...
Então fazes brotar, no derradeiro anceio
Do belicozo ardor, seu último rebento!
Baldado esforço aínda! O etéreo firmamento
Of'réce à Humanidade o pavorozo drama
De tres cortes iguais que mútua fúria inflama...
Mas quando o ardor cruél, em tétrica vorágem
Paréce espedaçar-te,... a peregrina Imágem
Da Vírgem-Mãi esplende, aos magestózos hinos
De férvido louvor dos tres rivais divinos!

Na meiga aparição de todo se embevéce
A térna Humanidade; e arrebatada esquéce
A caprichóza grei, qu'inane embalde ensaia
De novo se alentar ao puro Amor que raia,
Na límpida estensão de teu regaço infindo.
As fórmas divinais aos poucos se aluíndo,
Em Fôrças vais tornando a primitiva essência
Das Leis velando mai a lúcida ecelência.
A Térra grata assim restituíste à Filha;
E ao devotado amor, em corajóza trilha,
Mostraste a vastidão de seu fecundo seio;
Fazendo-a contemplar, com sorprendente enleio,
Reproduzido em si o maternal portento...
E enquanto s'estazía, o duplo movimento,

Que a massa colossal em rápido transpórte
Lhe ostenta a partilhar a planetária sórte,
Em novo assombro arrouba a mente estupefata...
Mas teu sereno Amor da Órdem lhe dezata,
Em tão supremo transe, o salutar arcano,
Que a vida lhe tivéra em deleitozo engano.
Então de seu desejo a nóbre perzistência
Surpeza vê qu'estampa a perenal tendência
Da atividade mesma a se manter constante...
Descóbre enternecida o acordo edificante
Com que, num só sistema, as várias energias
Ao coletivo surto em toda parte alías;
E reconhéce enfim, com súbita alegreza,
A lei a cujo zelo e rígida inteireza
Das mutuais ações a etérna guarda entrégas!
Com tais revelações, a alma lhe socégas...
E Éla agradecida em bênçãos se desfás
Por ver ao coração rendida a mente audás.

Tambem por esse tempo a subsistência etérea
Coméças a fundir na ínclita matéria,
De novo lhe outorgando a egrégia atividade
Que outr'óra Éla doara à diva magestade.
A comunhão de ser depois manifestaste
Qu'esvai da mórte e a vida o perenal contraste;
E a doce gradação de teus fatais decrétos,
Qu'em tipos fraternais, demais em mais selétos,
Da Térra sublimando a grata ação fecunda
Enfim da Humanidade a natureza funda.
E Ésta, a tanto amor a mente enaltecida
Por súbita emoção, jamais dantes sentida,
Voltando humilde a Si, solícita desvenda
A dar-lhe o doce alento a maternal vivenda.
Maravilhada assim da egrégia descobérta,
Da mística iluzão sua alma se libérta,
Com júbilo sem par, ao ver qu'em Si fulgura
A graça perenal que sem cessar procura!

Sómente então rendido o meigo sentimento
De seu diléto Filho ao nóbre entendimento
Lhe vais patenteando em colossais sucéssos
Da tua vastidão os ultimos recéssos.
Lhe fazes contemplar o magestozo arcano
Que rezumido móstra inteiro o surto humano
Na etérna evolução da perenal concórdia.
Depois a augusta Lei, que a tétrica discórdia,
— Em tudo que contem o portentozo Mundo,
E tudo que revéla o seio teu profundo —
Impéde, organizando a jerarquia linda
Que a Humanidade une à massa tua infinda.
As bélicas vizões em mística vorágem
Então caíndo vê... E a maternal mirágem,
— De todo estinta assim a divinal coórte, —
Com mais fulgor ostenta o graciozo pórte!
Ao milagrozo encanto o amor alevantado
Na incomparável alma acende o ardor sagrado,
Que indú-lo sobre a Térra a imágem verdadeira
Com sumo afan buscar da aparição fagueira.
Então viu-te surgir, angelical Clotilde,
E no formozo gésto, e na nobreza humilde,
— Do Espaço decifrando o derradeiro emblema, —
Lhe desvendaste enfim a Vírgem-Mãi Suprema!
E quando, ao doce assombro em que ditozo pasma,
A original beleza a seu gentil fantasma
Intérmino compara, a Vastidão benina
A ecélsa evolução aos ólhos seus termina!
Das fórmas geometrais da perfeição mundana
Ate o simb'lo audás d'alma utopia humana,
Ostentas, Grande-Meio, a jerarquia nóbre
Dos tipos ideais que o Grande-Ser descóbre,
E sem cessar em Si e o Grão-Fetiche imprime,
No surto perenal da evolução sublime.

E aquele coração que o puro Amor redime,
De todo se arroubando em êstaze sem fim
O canto etérno achou que o sumo vóto esprime:
Oh Vírgem-Mãi qu'eu ame a Ti mais do que a mim
E até tambem a mim por Ti sómente estime !

Então o povo canta:

És Tu, complacente Espaço !
A suma Fatalidade
Qu'envolve no seu regaço
Toda a Térra e a Humanidade

Tudo entre bênçãos proclama
Teu benino fatalismo
Que protége a doce chama
De nósso fraco altruísmo.

I

Quando a Razão fatigada
Fóge ao bulício terreno,
Encontra grata pozada
No teu Meio almo e sereno.

Tua insondável brandura
Fórma o primeiro atrativo
Que a nóssa mente depura
Lhe inspirando o relativo.

Na tua profunda calma
Assistes com doce enleio
Tudo a mudar em nóssa alma,
Tudo a mudar-se em teu seio.

Tua gentil sutileza
Se présta com simpatia
Aos vótos da natureza
Aos rógos da fantazia.

II

De tudo que nos rodeia
Tu és a sublime essência
Que os dótes nos patenteia
Da universal ezistência.

A tua suave imágem
Que o próprio Ar mal retraça
É como a tênue mirágem
Das doces vizões da graça.

O magestozo repouzo
De tua nívea amplidão
Domina o aspéto amorozo
Que os entes todos te dão.

Sobre o culto da Matéria
Inspiraste a crença diva;
Depois a siência etérea
Por fim a fé pozitiva.

Já comoveu-se o teu Meio
Da guérra a rude energia;
Hoje ressôa em teu seio
A industrial harmonia.

Zelaste a Família outr'óra
E protegeste a Cidade;
Teu amor abraça agóra
Toda a Térra e a Humanidade.

III

Vences a estranha inquietude
Com doce perseverança
Da meiga solicitude
Que nada no Mundo cança.

Tua unifórme assistência
Na sublime economia
Não tólhe em cada ezistência
A sua própria energia.

Com teu sentimento réto,
Que qualquér ato enternéce,
Retribues a cada aféto
Na proporção que meréce.

Através do Tempo etérno
Ao Grão-Ser foste alentando
Do seu Progrésso supérno
O porvir lhe revelando.

Tua céga simpatia
Que tudo alégre abençôa
Inaugura a jerarquia
Que a Humanidade corôa.

Só teu complacente aspéto
Permite a nóssa alma grata
Render um preito compléto
À economia abstrata.

IV

Em Ti fundiu-se o cortejo
Das outras Fatalidades
Que teu gênio bemfazejo
Secúndão junto às vontades.

Moldaste em côr de esperança
Os sinais e as bélas fórmas,
De tudo que a mente alcança
Nos dando as primeiras nórmas.

A linda esféra elevaste
Que o dezespero mitiga,
E sobr'éla encastoaste
Dos astros a lus amiga.

Nésta soberba redoma
Se ostenta a gravitação
E quanto da Térra assoma
Em nóssa imaginação.

Até a série que a mente
Com os seres vivos figura
No teu Meio etérnamente
Consérva a inérte estrutura.

Salve, pois, oh ! Grande-Meio !
Supérna Fatalidade
Que contens no brando seio
Toda a Térra e a Humanidade

Tudo entre bênçãos proclama
Teu benino fatalismo
Que protége a doce chama
De nósso fraco altruísmo.

SOFIA

Efuzão

1.ª PARTE

TRANZIÇÃO AFETIVA

I

Evolução essencial

Civilização Católico-feudal

S. Paulo

Carlos Magno-Alfredo-Hildebrando-Godofredo

S. Bernardo

Utopia da Virgem-Mãi

O povo levanta-se. O celebrante jenuflécsa em saudação a Clotilde e recita de pé:

HINO A CLOTILDE

Oh amanza del solo amore, o diva,
Non é l'affezione nostra tanto profonda
Che basti a render voi grazia per grazia.

Oh ! nóbre e térna Mãi ! angélica Senhóra !
Em cuja fronte augusta e virginal s'enflóra
Da trina perfeição a imarcessível c'rôa
Que ao feminil prestígio a Deuza galardoa !
Espoza, Filha, Mãi, Irman, Coléga e Nume
Do generozo Méstre em quem enfim rezume
A Humanidade ecélsa a mais viril virtude
E do saber mais alto a inteira plenitude !
Universal Patrona, e maviozo Emblema
Que nos recórda sempre a Vírgem-Mãi Suprema !
Agóra os filhos teus, com o mais sincéro ardor
De todo se entregando ao perenal louvor
De tua graça infinda, o canto mais compléto
Ensáião levantar ao teu sublime aféto !
Curvados a teus pés em tão solene instante
A suma gratidão de teu perfeito amante
Que teus egrégios dons etérno recompênsão
Te of'recem com fervor por voluntária bênção.

Da ínclita ascensão no tormentozo anseio,
Pungido o coração, e a mente em triste enleio,
O Sábio proseguia... Em vão d'um peito amigo,
D'uma alma irman da sua o salutar abrigo
No dezamparo cru em toda parte implóra...
Apenas a seu lado a póbre Filha chóra,
Gemendo sob a dor que a compaixão suspeita
Em vida como a déla ao sofrimento afeita !
No auge déssa angustia, a tua imágem térna
Suave lhe aparéce,... e, n'uma unção supérna,
De imaculado amor nas alegrias puras
Transfórma para sempre as rudes amarguras.
Ao doce talisman da redentora chama
O cérebro imortal n'um facho só s'inflama,
Que ostenta, em trino brilho, unindo a Simpatia
A sínteze final à eterna sinergia !

E quando o cégo amor do inquebrantável Fado
Precóce arrebatou teu corpo idolatrado,
Tua alma, perzistindo unida à sua, alenta
O mágico fanal, e a doce lus lhe aumenta !

Do surto imourredor a sétupla estação
Levanta à glória tua o mais real padrão.
No sacrosanto dia em que, pela vês prima,
Do mesmo infausto sítio a Térra se aprossima.
Onde o sereno Espaço encérra a brusa e féra
Catástrofe que a alma egrégia dilacéra;
Em êstaze prostrado a teu sublime vulto,
No mais ecélso ardor do mais profundo culto,
Lhe móstras comovida a térna e humilde Autora
Que encheu de perfeição tua alma redentora;
Que deu-te a formozura e o graciozo pórte
De si em ti fazendo o mais fiél transpórte.
E assim do amor sem par a mágica influência
Revéla com surpeza à grata inteligência
A inecedível méta a que debalde busca
O gênio colossal que tudo mais ofusca !
Com lúcido fervor o nóbre predomínio
Do sentimento então no santo raciocínio
Pasmado reconhece; em tudo quanto a mente
Audás lhe patentêia, o mesmo aféto ardente
Anima sem cessar a imágem tua amena,
Que o redentor sinal suávemente assena.
Dést'arte conduziu teu maternal estremo
Do cérebro a traçar o dédalo supremo,
Assinalando enfim de nóssa vida rude
O perenal roteiro à feminil virtude.

Confuzo a contemplar com devotado espanto
As graças imortais de teu prestígio santo,
Redóbra de fervor a gratidão infinda
Que ao Mundo ha de atestar éssa paixão bemvinda.

Mas quanto mais ezaure o coração egrégio,
Do apurado amor o ezímio privilégio
As fontes lhe opulenta, e o salutar prodígio
De mais em mais te eléva a ínclito fastígio...
O seu saber audás, qu'em surto portentozo
Do Espaço devassara o páramo assombrozo,
Da térra penetrara os múltiplos arcanos,
E os passos do Grão-Ser, dos nóbres aos mais lhanos,
Lograra pesquizar,... humilde se prostérna
Ás luzes que lhe vêm da adoração supérna.
O meigo resplendor com que serena brilha
A maternal siência, imensa maravilha,
De novo lhe desvenda em tudo que o circunda,
E os germens que não vira o gênio seu fecunda.
A mente inaltecida a tal magnificência
Proclama da Moral a onímoda ecelência
E ao zelo da paixão que n'alma revivéce
O social problema, em júbilo conhéce
Da feminina arte a santa primazia.
E Tu meiga sorrindo à súbita alegria
Que o rosto lh'ilumina, o véu se lhe desfás
Com que tólda o prezente a porvindoura pás.
Na Térra inteira então, da Igreja a vós preclara,
Que o puro amor sustenta, e a livre mente ampara,
Em férvido concerto, as Mátrias vê regendo,
Da redimida Indústria ao cântico estupendo.

As sismas d'uma flor vertendo-lhe no seio,
A cada Sól que nace, o fetichista enleio;
Bem como o arrebatava em pozitivo encanto
Da comovente *Lúcia* aquele drama santo;
O foste habituando aos íntimos contatos,
Patentes mais e mais entre os inícios gratos
Da inteligência humana e seu final estado.
E em doce arroubo assim o ânimo ezaltado,
A pouco e pouco atinge esse imortal pináculo,
Do qual surprezo encara o histórico espetáculo,

Que em sínteze perfeita a evolução comprende.
Na límpida fuzão que os dois estremos prende
Com férvido labor, apenas descortina,
Qual melindróza névoa, a ebulição divina
Que a liga colossal da mútua escória apura...
Involuntário don da angélica ternura,
Que teu almo concurso até nos patenteia
Na faina que mais éra a teu cultivo alheia :

O derradeiro passo enfim na augusta senda
Que da Religião o cimo lhe desvenda,
Com duplo selo, marca a perfeição crecente,
Devida a teu contínuo e próvido acendente.
Devida á teu continuo e próvido ascendente.
Fazendo-o contemplar no êstaze supremo
Da jerarquia sacra o bélo arranjo estremo,
O cravo salutar da perenal saudade
Com mais acerba dor lhe punge a soledade.
Si teu benino aussílio objetivo amparo
Acazo lhe prestasse aquele opusculo caro,
Então não ficaria a mente sua oculto
O grau que só mais tarde assinalara ao culto.
Precós se transformando o teu prestigio sumo,
Espô-lo a ver falhar o lúcido rezumo
Do seu progresso inteiro; e a pozitiva Igreja
Arrebatou a unção que de teu éstro almeja.

Felis déve a Mulher ao seu moral seléto,
Com a vida social de mais em mais completo,
A plácida espansão da ezímia beatitude,
Que dá-lhe da unidade a perenal virtude.
N'um espontaneo surto ao idolatrado bem,
Em permanente enlevo o seu pensar mantem,
E encanta sem cessar seus melindrózos atos
A magica união de seus afetos gratos.
Mas o labor viril, quer seja um rude empenho
Da forte atividade, ou do valente engenho

Arroujo que a alma acende em nobre labaréda,
O homem sempre espõe à mais funesta queda.
Da sínteze final, ou simpatía estrema
Os meios preparando, a aspiração suprema
Vai neles rezumindo a natureza fraca,
E a mente e o coração do sumo bem destaca.
De tal degradação só livra o amparo egrégio
Que forma da Mulher sagrado privilégio
Na tranzitoria vida ou na imortal alteza,
E a cultura augusta ao culto dela preza
A inegualavel alma a cujo surto incrivel
Jamais s'imaginara altura inacessivel;
Que o Grande Ser votou à construção suprema
Da verdadeira Igreja, em seu real sistema
Organizando enfim a lúcida Moral;
Si quer póde escapar a essa lei fatal!
A estrema contensão da forte inteligencia
No colossal labor, contínua rezistencia
Erguia pertinás á reação patética
Que vinha sem cessar da reflessão sintética.

De objetivo trato um ano incomparavel
Bastou para imprimir-lhe um surto interminavel
Que teu fervente culto após foi sustentando
Sua alma mais e mais com a tua unificando.
A frágoa salutar dessa imortal ternura
Que o ingente coração a cada instante apura,
A lacerante dor aos poucos suaviza
E a merencória vida enfim lh'imparadiza.
Nesse crecente afan do amor subjetivo,
Conségue restaurar o medieval cultivo,
Votando cada dia a matutina hora
Á doce ezaltação que os animos vigóra,
Os gozos imortais tornando-lhes dirétos
Nas brandas emoções dos inclitos afétos.

E, nesse padroado, ao teu benino amparo
Susteve meigamente o coração preclaro
Da proletária egregia, a quem tua alma grande
O fraternal carinho em grato enleio espande.
De seu filial arrimo o previdente zelo
Solícita lhe deu com perenal desvelo,
Que docemente encanta o feminino tato
Sublime transformando o mais modesto ato.
Ao mesmo tempo o lar ao qual sua alma bela
Os inefaveis dons do santo amor revela
Ao meigo genio arrouba em gratos devaneios...
Ali contempla bem que os corações alheios
Do social esméro ao mínimo artifício,
No que teu amor chamou prazer do sacrifício
Tambem sabem gozar a múltipla alegria!
O terno Pensador assim melhor sentia
Que a nobre elevação, a suma f'licidade,
E a saúde até rezidem na unidade
De cuja alteração os tristes acidentes
Traduzem da molestia os modos diferentes.
Sem mesmo o perceber, tua alma companheira,
— Cedendo ingenuamente á inclinação fagueira
Que a leva a prescrutar com salutar delícia
O conjugal apego e a filial caricia, —
Contínuo alimentava o seu normal pendor
Do mérito a julgar o principal valor,
No coração buscando a massima ecelencia
De toda a atividade e toda a inteligencia.
Votada, como ele, à superior cultura
Que a natureza humana sem cessar apura,
Do empírico saber a santa primazia
Melhor lhe demonstrava a feminil valia.
Dest'arte o objetivo aussílio que lhe dava
O teu subjetivo apoio completava,
Modesto sustentando o ínclito prestigio
Com que da perfeição levaste-o ao fastigio.

Embóra, como tu, jamais o seio grato
Sentido palpitar houvesse ao bom contato
Da veneranda Mãi; — a cujo amor zelozo
E ecelsa aptidão não coube o doce gozo
De elaborar-lhe assás o egrégio coração; —
Assiste a terna Filha a Ti na adoração
Que à sua merencória e sacrosanta imagem
Ardente tributava a tríplice homenagem.

Assim te transformaste em perenal rezumo
De toda a atividade e pensamento sumo
Daquela estraordinaria e incomparavel vida
Que ao Grande Ser prostrou nossa alma agradecida.
De teu superno amor a nobre sinergia
Lhe deu patentear a incógnita harmonía
Da mais alta espansão na íntima ezistencia
Com o surto mais audás da pública influencia.
E quando viste enfim assás purificada,
Ao teu suave amor sua alma apaixonada,
Benigna aceitaste o paternal projéto
De confiar à Patria o seu sublime afeto.
Catástrofe cruel a tão rizonho anélo
De súbito mudou em lúgubre desvélo,
Que a compassiva ação de teu sereno vulto
Saudozo converteu em venturozo culto.
A pouco e pouco então o salutar socego
Da funda adoração, por sobre o ardente apego,
Fês da veneração florir a augusta palma,
Na sua agradecida e amargurada alma.
Mas da bondade suma o fecundante encanto,
Qu'envida realçar o teu prestigio santo,
— Qual o benino orvalho a Terra e a planta anima, —
Aquele duplo aféto intérmino sublima.
Da tríplice afeição os meigos resplendores
Lhe superando assim nos másculos pendores
A ingênita rudeza a tua eterna graça,
Em perenal auréola a sua fronte enlaça.

Por tão supérna lus teu gesto esplandecido,
Em Ti fundidos vê seu genio embevecido
Da ínclilta Poesia o vôo mais etério
E da Religião o mais audás mistério !
E nesse egrégio instante o coração prostérna
Na mássima efuzão, e, numa prece eterna,
A doce invocação e o voto extremo entôa
Com que a Idade Média o Par sublime ecôa:
Vergine-Madre ! Figlia del tuo Figlio !
Amen te plus quam me, nec me nisi propter te !

Ao repetir as sublimes palavras, o celebrante ajoelha. O povo ajoelha-se tambem e canta o seguinte hino:

I

Salve ! Espoza, Mãi e Filha
De nosso Mestre adorado !
Salve ! eterna maravilha !
Cujo Amor imaculado
Acendeu a lus que brilha
No seu genio sublimado !

II

Virgem-Mãi ! Egrégia imágem
Da suprema Formozura !
Qu'em tua velós passagem
Nos legaste a fé mais pura,
Recebe a grata homenagem
Da nossa infinda ternura.

III

Nossas bençãos te agradecem
Com o mais estremozo aféto
Essas graças que oferecem
Lenitivo o mais completo
Ás dores que n'alma crécem
Do sábio Méstre dileto;

IV

Esse amor suave e dino
Que apurou seu coração;
Que o seu genio peregrino
Deu a santa ezaltação,
Que fês do culto divino
A positiva oração;

V

Esse ardor nobre e crecente
Com teu saudozo prestigio,
Que num surto surprendente
Nos mostrou todo o prodígio
Duma paixão ecelente
No mais ecelso fastigio.

VI

Foste tu, alma Senhóra,
Quem, rompendo o denso véo,
Com que velava esta hóra
Da vida o rude escarcéu,
Deu-lhe a palma que decóra
Seu magestozo troféo.

VII

Só assim achou no Mundo
Gozos que nunca sonhára
Aquele genio fecundo
Que o universo devassára;
Que até o mistério fundo
Das idades penetrara.

VIII

E este solene instante
Tambem nossa alma penhóra
Aquela afeição tocante
Que o coração te devóra
Vendo o carinho incessante
Que a terna Filha afervóra.

IX

Só unindo a gratitude
Que lhe déste e o Mestre caro
Poderá nossa alma rude
Achar o hino preclaro
Que esteja a par da virtude
Do seu devotado amparo.

X

O vosso grato desvelo
Lembra a Imagem merencória
Da terna mãi, cujo zelo
Logrou a doce gloria
De seu amor protegê-lo
Na quadra mais tormentória.

XI

Salve ! Fóco de ternura !
Incomparavel Trindade !
De cuja sublime altura
Fes emfim a Humanidade
Brotar a eterna ventura
De toda a Posteridade !

XII

E tão superno esplendor
Se concentra radiante
Nesse suave candor
De teu augusto semblante,
Rezumo do estremo Amor
Do coração mais amante !

XIII

Salve ! Esposa idolatrada
Com o mais comovente preito !
Salve ! Mãi sempre adorada
Com o mais profundo respeito !
Salve ! Filha agazalhada
Com o carinho o mais perfeito !

II

Reação complementar

Islamismo

Maomé-Lepanto.

Transformação de Augusto Comte.

O celebrante ergue-se. O povo levanta-se. O celebrante genuflécsa reverenciando a Imágem do Fundador, e recita de pé o seguinte

HINO A AUGUSTO COMTE

I

Salve ! adorado Pai, e Mestre estremecido !
Na doce placidês da gloria a que te alçaste,
Dos filhos teus acólhe o culto agradecido !

Ezalte-o a imensidão do Amor que lhes mostraste
Que, para celebrar a perenal lembrança
De tanto bem, não ha jamais louvor que baste.

Tu foste o Redentor, das gentes a Esperança !
Heroi que as gerações passadas destinárão
A senda revelar da suma aventurança !

Surgiste: e de consolo e júbilo exultárão
Os que sabem gozar do sacrifício térno
E as frontes da soberba em confusão tombárão.

Ninguem jamais subiu ao píncaro supérno
Que o genio teu transpôs no vôo audaciozo
Buscando a solução do só problema eterno;

E tu só concluiste o plano portentozo
De sujeitar a mente ao secular ensino
Que dá-nos do Grão-Ser o surto esplendorozo

Na providente Terra e Páramo benino
Ninguem jamais colheu as gemas opulentas
Com que se enriqueceu teu colossal escrino;

Modesto sempre, entanto, ao Mundo te aprezentas
De quem t'as outorgou fiel depozitário,
Zelando em seu proveito o capital que aumentas.

Sem Lar e sem Familia o mízero operario
Caïa ao dezamparo em tenebróza arena,
A mingua de virtude e a mingua de salário;

E, novo Prometeu, quebraste-lhe a geena,
Opondo à inercia atrós dos cegos potentados
E ao povo indiferente a grande alma serena.

Nem pode o labutar de esforços arrojados
De tua atividade o salutar prodígio
Aurindo, entibiar-te os rasgos sublimados.

Ninguem mais do que Tu do terminal fastígio
A sacra evolução jamais aprossimou
E menos do que Tu gozou de seu prestigio.

Sujeito às doces leis que o Grande Ser ditou
Embalde contra Ti ergueu-se a rezistencia
Que a céga perversão satânica forjou!

Do ciclo gigantesco em meio era a siencia;
E tu a compeliste, em ímpeto altaneiro,
O giro a concluir da audás circunferencia!

O torvo cáus abría o báratro agoureiro,
Roubando a clara méta à san filozofía,
E tu rompeste a tréva e déste-lhe o roteiro !

A política enfim nas vascas da agonia,
Roída da cubíça e da ambição prostrada,
Em lutolento chão convulsa s'estorcia;

E tu alevantaste a mízera aviltada
Ao sólio que o respeito aos fortes edifíca
E da dedicação aos fracos laureada

A prece angelical que a vida santifica
Perdia o doce alento, ao ímpio seticismo
Que a sopro crestador as almas mumifíca;

Domando a treda sanha ao múltiplo egoismo,
A Fé retemperaste, e, à lús da nova crença,
Fizeste resurgir os gozos do altruismo.

Quazi partidos grilhões de pérfida sentença,
O povo sopezava os duplicados laços,
Com o Imortal Ser vidas mortais condensa;

E Tu, unificando os rútilos pedaços,
Da ezame teología eliminaste a liga
E os élos transformaste em maternais abraços.

E o premio que tiveste. A maldição, a intriga
De sientistas crús; e a blasfêmia inara
De filózofos vãos que a van descrença instiga;

O menospreço eril a que a cegueira ampara
D'estadistas sem fé; dureza atrós dos fortes,
Dos fracos o abandono ou a indiferença amara.

Os que correm debalde após os teus transportes
Ingratos contra Ti calúnia acerba estílão,
Com a vida que lhes dás te fabricando mortes !

E os que devíão ser dos templos que vacílão
Colunas perenais, com místico receio
Recúzão teu apelo e cégos se aniquilão !

Mas nada conseguiu fazer parar-te em meio
Do luminozo surto ao Grande Ser buscando
Até que te acolheste a seu virgineo seio;
Salve ! adorado Pai ! e Mestre venerando !

II

De tua alma, Clotilde, o nobre gesto brando
O coração te apura e a mente emparadiza,
Em perenal delicia as maguas te tornando.

E quando, sucumbindo à dor que a martiriza,
Parece esvanecer-se o milagrozo amparo
Teu sublimado amor no culto a imortaliza.

E a proletária egrégia a teu fervor preclaro
Solícita prestando o carinhozo arrimo,
O gozo fás-te achar só dado ao pai mais caro.

E a maternal saudade o seu favor opíno
Merencória uniu ao padroado santo
Que do prazer t'eleva e da virtude ao simo.

Da trina adoração o deleitozo encanto
Apenas sustentou a plêiade ditóza
Que ouzou te contemplar com devotado espanto.

E foi quanto bastou-te à alma generoza
Por sublimado premio ao teu fecundo aféto
E limitivo sumo à vida doloroza.

Que nesse egrégio ciclo o coração seléto
Viu do Passado à unção, e do Porvir à benção,
Fundir-se do Presente o aplauzo mais compléto
Que teus sublimes dons eterno recompensão!

O sacerdote ajoelha, enquanto o povo ajoelhando tambem, canta a Ode de Jundzill:

A AUGUSTE COMTE

Quand de toutes parts le sol tremble,
Sous les débris amoncelés,
Quand le jour fuit, et que tout semble
Périr sous des coups redoublés;
Effrayé notre esprit s'arrête,
Et, reportant sa vue inquiète
Sur ce monde près de finir,
Il cherche, en ce vaste naufrage,
Quelle espérance après l'orage
Reste encore pour l'avenir.

Ainsi notre siècle en délire
S'avançait au gré du hasard,
Comme on voit un léger navire
Battu des vents dès le départ.
Issu du mouvement immense
Qui dévorait toute croyance
Et menaçait toute vertu,
Il brisait sa dernière idole,
Et, dans le vide, sans boussole,
Il s'élançait vers l'inconnu.

Mais, du milieu de la ruine,
Doit naître un symbole nouveau;
Une clarté nous illumine
Qui nous promet un jour plus beau.
Arrière les sombres présages,
Dont on épouvantait nos âges;
L'Humanité ne peut périr:
En vain l'on croit qu'elle chancelle,
Erreur ! elle se renouvelle,
Pour un glorieux avenir.

A toi, Comte, l'honneur insigne
D'avoir, au sein des jours obscurs,
Deviné la source plus digne
De la foi des âges futurs.
En vain autour de toi le monde,
Égaré dans la nuit profonde
De l'erreur écoutait la voix;
Déjà ton pénétrant génie
D'une plus durable harmonie
Traçait les immuables lois.

Et, tandis que partout le doute
Ébranle les convictions,
Du temps interrogeant la route
Tu saisis ses mutations.
Et, dans le flot toujours mobile
Que déroule l'essor fragile
De toutes les opinions,
Tu sais voir d'une vue sûre
Les éléments et la mesure
De nouvelles constructions.

La science reste maîtresse
Dans le naufrage de la foi.
Elle grandit quand tout s'abaisse
Par une inexorable loi.

Elle fournit le sol propice
Et les bases de l'édifice
Où règne la vraie union:
Par elle ton œuvre commence,
Et tu couronnes la science
Pour en tirer la religion.

Elle avait exploré le monde
Et surpris ses vastes secrets;
Elle savait la loi féconde
Que suit la vie en ses progrès.
Mais, dans ce merveilleux système,
Manquait la science suprême
Qui marquerait le but certain:
Toujours revenait le problème
Que l'Humanité d'elle-même
Dresse devant l'esprit humain.

De cette suplime existence
Il fallait lire les secrets:
Il fallait de cet être immense
Embrasser les nombreux aspects.
Il fallait, et ce fut ta gloire,
Deviner le plan de l'histoire,
Pour nous permettre de saisir
Comment, le temps pressant sa course,
Ainsi qu'un fleuve dès sa source,
Le passé produit l'avenir.

Alors la science achevée
Peut embrasser tous les rapports.
Sur cette base, la pensée
Peut reposer tous ses efforts.
Et désormais pour nous le monde,
Dans son immensité profonde,
Se manifeste à nos regards
Comme une vaste économie
Dont la suffisante harmonie
Prévient les capricieux hasards.

L'Humanité devient le centre
De toutes spéculations:
C'est vers elle que se concentre
Le cours de nos affections.
C'est l'idéal toujours propice
Que pressentait l'essor novice
De ces peuples encore enfants.
C'est elle que tout homme adore,
Et c'est son règne qui doit clore
Les orages de notre temps.

Tel était ton vaste problème:
Tu fus égal à ce destin.
COMTE, ton ascendant suprême
A du doute marqué la fin.
Que le vulgaire de nos âges,
Égarant au loin ses hommages,
Te refuse ses vains respects:
Les siècles où tu as su lire
Seront désormais ton empire
Et ton nom vivra pour jamais.

III

Tranzição revolucionária

Dante-Descartes-Frederico

Propagação do Pozitivismo

O celebrante ergue-se. O povo levanta-se. O celebrante dece pelo lado da Fé e sobe à cátedra apostólica, pelo lado do Amor. Aí chegado proclama voltado para o povo os deve-

res do homem, que os homens ouvem de pé e as senhoras sentadas:

FORMULA SAGRADA

O Amor por principio, e a Órdem por baze;
O Progrésso por fim.

COROLÁRIOS SINTÉTICOS

O Amor procura a Ordem e ao Progresso estimúla; a Ordem o Amor consolida e o Progresso regúla; o Progresso dezenvolve a Ordem e ao Amor nos volve.

Um, união, unidade, continuidade; *dois*, arranjo, combinação; e *tres*, evolução, sucessão. O amor universal, assistido pela fé demonstravel, dirige a atividade pacífica.

Agir por afeição, e pensar para agir.

Referindo tudo à Humanidade, a unidade torna-se mais completa e mais estavel do que se esforçando de tudo ligar à Deus.

DEZENVOLVIMENTO ESPECIAL

Amor

Que prazeres pódem eceder aos da dedicação ?
Somente de real no Mundo eziste amar !
Amar inda é melhor do que sentir-se amado !
Se cança de pensar; se cança até de agir;
E só não cança amar, nem cança o repetir.

Ordem

1.ª ORDEM UNIVERSAL

A imutabilidade das leis naturais não póde convir aos acontecimentos compóstos e fica sempre limitada aos seus elementos irredutiveis.

A ordem abstrata rezulta de um concurso em que a Fatalidade Geral domina as Fatalidades especiais, a cujo duplo imperio subordinão-se as vontades carateristicas da ordem concreta.

Os fenomenos mais nobres são por toda parte subordinados aos mais grosseiros.

É assim que a ordem moral repouza sobre a ordem social; esta sobre a ordem vital; esta sobre a ordem fizico-quimica; esta sobre a ordem astronômica; e esta sobre a ordem matemática.

2.ª LEI FUNDAMENTAL DA ORDEM HUMANA

Os vivos são, e de mais em mais, governados pelos mortos.

Progresso

O Progresso é o dezenvolvimento da Ordem.

O homem torna-se cada vês mais religiozo.

Regimen

Mássimas relativas à ezistência pessoal

Viver para outrem.

Viver às claras.

A nossa especie, mais do que qualquer outra, preciza de deveres para fazer sentimentos.

A sobriedade, a baze de toda *pureza,* é prescrita não só pela necessidade social de não consumir superfluamente substancias imprecindiveis à manutenção de nossos similhantes, mas tambem para evitar o entorpecimento dos mais nobres atributos morais, intelectuais e praticos.

O instinto reprodutor constitui uma superfetação cerebral.

A submissão é a baze do aperfeiçoamento.

Entre o homem e o Mundo é precizo a Humanidade.

É indigno dos grandes corações espalhar a perturbaçao que sentem.

Para superar a fraqueza de nossa natureza é precizo dirigí-la para um alvo elevado, que seja inaccessivel às paixões.

Não ha, na vida, irrevogavel sinão a morte.

Todos nós temos ainda um pé no ar sobre o limiar da verdade.

Os maus muitas vezes têm mais precizão de piedade do que os bons.

A *oração* é a baze da cultura moral, intelectual e mesmo prática. O menino que reza dignamente ezerce melhor seu aparelho meditativo do que o orgulhozo algebrista que, baldo de ternura e de imaginação, não cultiva, no fundo, sinão o orgão da linguagem, por meio de uma gíria, cujo bom emprego é muito limitado.

O equilibrio da personalidade é conseguido pela subordinação dos moveis egoistas ao instinto conservador. O equilibrio da socialidade consiste na supremacía da bondade sobre a veneração e o apego. A moralidade se rezume então em combinar habitualmente os dois pendores estremos de nosso coração, pela subordinação permanente do egoismo fundamental ao supremo altruismo.

Massimas relativas à ezistência Domestica

A baze de toda moralidade é a Familia.

Subordinar a Familia à Matria e a Matria á Humanidade.

O cazamento tem por fim o aperfeiçoamento mutuo dos conjuges; e por isso as uniões castas tornão melhor apreciavel a verdadeira natureza de similhan-

te instituição, quando as duas almas são bem organizadas.

É precizo completar a monogamía pela viuvês eterna. A poligamía equivale à confuzão das Familias; e o cazamento em segundas nupcias é uma poligamía subjetiva.

O divorcio só póde ser pronunciado nos cazos de condenação de um dos conjuges à pena que o fira de morte civil.

O homem deve sustentar a mulher. Esta deve ser sempre posta ao abrigo da mizéria, sem precizar entregar-se a trabalhos alheios aos afazeres domésticos. Deve ser sustentada por seu pai, irmãos, espozo, fihos, parentes, amigos, em falta destes pela Matria, e em falta desta pela Igreja.

A mulher não deve herdar nem ter dote.

A superintendencia da educação compete às mãis.

Deve haver liberdade plena de testar e adotar.

Toda a evolução da Familia se rezume em tornar cada vês mais sistemática a ação da Mulher sobre o homem.

A utopía da Virgem Mãi contitui atualmente o limite de similhante ação.

Mássimas relativas à ezistência publica

1.º Ezistência temporal

Não ha sociedade sem governo.

Não se póde subir da Familia à Humanidade, sinão por intermedio da Matria. A circunscrição territorial das Matrias deve ser determinada pelos limites da livre cooperação dos povos.

A liberdade espiritual é tão imprecindivel à Ordem como ao Progresso.

Não ha liberdade sem a separação dos dois poderes temporal e espiritual.

Esta separação ezige instituições civis correlativas aos *sacramentos*, isto é, que sistematizem a Familia independentemente de qualquer sacerdocio.

A necessidade do trabalho determina maior dificuldade na realização da Unidade humana; mas torna essa unidade mais completa, solicitando maiores esforços altruistas, intelectuais e praticos.

O capital é social na sua origem e deve ter um destino social.

O rico é apenas o depozitario do capital social.

A apropriação individual é imprecindivel para a conservação e distribuição do capital material.

A ezistencia dos grandes proprietarios, territoriais ou quaisquer outros, é imprecindivel ao bom ezercicio das funções.

A pequena propriedade só ecepcionalmente póde ter eficácia social e moral.

A perpetuidade dos funcionarios quaisquer, e, portanto, dos ricos e dos chefes de Estado, é imprecindivel ao bom ezercicio das funções.

Em vês de tentar a mudança dos funcionarios, deve-se procurar modificar os atuais.

A regulamentação do emprego do capital social pelos ricos, como pelos pobres, só póde ser conseguida por meios morais e é inezequivel pelos processos politicos.

A ambição de desclassar-se, quer pela conquista do poder, quer pela aquizição da riqueza, é prejudicial à Familia, à Matria e a Humanidade, como ao proprio individuo. O processo eleitoral para a escolha dos funcionarios é uma instituição irracional e imoral ao mesmo tempo. Todo funcionario deve ser escolhido pelo atual proprietario do cargo com a sanção do imediato superior na jerarquia. No cazo dos chefes de Estado, a sanção é dada pelo sacerdocio como orgão da opinião publica: isto nos tempos de fé unanime.

Aos 56 anos de idade todo funcionario pratico deve dezignar o seu sucessor, para ouvir a respeito de sua escolha qualquer opinião com responsabilidade de seu autor. E aos 63 anos dá-se a transmissão da função, com retiro do ancião. É esta a regra que substitui a sucessão segundo o nacimento, sistematizada pela teocracía, e o processo eleitoral instituido pela civilização militar, depois da rutura do laço teocrático.

O problema social consiste em tornar o proletário felís, assegurando-lhe a posse do domicilio e o gozo da vida de Familia, sem que a mulher, os anciãos e os filhos menores se entreguem a afazeres extra domesticos.

O trabalho é sempre gratuito e não comporta equivalente em dinheiro.

O salario é apenas destinado a fornecer os instrumentos e alimentos necessarios à vida de cada Familia. Deve, pois, constar de duas partes: uma independente da profissão e determinada pelas despezas imprecindiveis a uma ezistencia domestica ao abrigo da mizéria e do luxo, e outra variavel e proporcional ao serviço ezecutado.

2.º Ezistência espiritual

Nenhuma sociedade póde conservar-se e dezenvolver-se sem um sacerdocio qualquer.

Não ha verdadeiro sacerdocio sem abstenção da riqueza e do mando.

Não ha verdadeiro sacerdocio sem que o padre seja medico, nem verdadeiro medico que não seja padre; porque não se póde curar da alma sem curar do corpo, e reciprocamente.

Não ha verdadeiro sacerdocio sem que o padre seja filózofo, isto é, tenha a instrução enciclopédica abrangendo a matemática, a astronomia, a fízica, a química, a biologia, a sociologia e a moral.

Todas as funções do sacerdocio rezultão de sua missão de ensino publico e gratuito do dogma.

O verdadeiro sacerdocio não póde vender as suas lições ou seus escritos.

Desde que não ha uma fé unanime, os sacerdotes devem subzistir unicamente dos livres subsidios dos respectivos fieis.

Mesmo havendo unanimidade de crenças, o sacerdocio não deve gozar de regalias que ponhão os meios de repressão temporal a seu alcance.

O verdadeiro sacerdocio ezerce a sua ação emitindo simples *votos*, que os crentes aceitão, sem outra coação alem do remorso íntimo e da reprovação da opinião publica.

Mássima que rezume o regimen publico

Dedicação dos fortes pelos fracos; veneração dos fracos para com os forte.

Tend
da tribu

O ce

Em
e domi
O

Mo
bléia d
Dur
A c

2.ª PARTE

CONCLUZÃO

Estado normal

Incorporação de Augusto Comte

I

A mulher

Tendo concluido, varios grupos de donzelas aprossimão-se da tribuna sagrada trazendo salvas com flores.

II

O sacerdocio

O celebrante ergue-se e as abençoa, dizendo:

Em nome da Humanidade, sustentada pela Terra e dominada com esta pelo Espaço!
O Amor por principio, e a Ordem por baze;
O Progresso por fim.

III

O patriciado

Moços patrícios recebem as salvas e percorrem a assembléia dando uma flor a cada assistente.
Durante a cerimônia estão todos sentados.
A orquestra ezecuta uma sinfonia.

IV

O proletariado

Finda a distribuição, os meninos de ambos os sexos cantão de pé:

HINO DO TRABALHO

I

O trabalho é dôce mando
Da bôa Fatalidade,
Tudo no Mundo ordenando
Por amôr da Humanidade.

Tudo trabalha contente
Para o bem do grande Sêr,
Que procura unicamente
Ao amôr obedecer.

II

Trabalha o Espaço sereno
Que sustenta o Céu formôzo;
Trabalha o Céu sempre ameno,
Dos Astros querido pouzo.

Trabalha a estrela brilhante
Que o brando Espaço alumia,
Conduzindo o caminhante
Que a negra noite transvia.

Trabalha o Sól quando avança
E o Espaço todo esplandéce
Com raios d'alma esperança
Que a vida humana engrandéce.

Trabalha a Lua mimóza
Do Espaço na escuridão,
Mandando à Terra saudóza
O dôce e argenteo clarão.

Trabalha o Ar balouçando
As núvens com a léve briza,
E a Térra depois regando
Com a chuva que a fertiliza.

Trabalha o Mar qu'evapóra
Ao calôr do Sól potente,
E ao Ar de novo incorpóra
A agua pura e nitente.

Trabalha a Térra fecunda
Que o nobre ferro alimenta,
E o Fôgo que as artes funda,
E o Carvão que o fogo alenta.

III

Trabalha a Planta benina
Que, pósta ao Sól e ao relento,
Ar, Agua e Térra combina
Para o vivace sustento.

Trabálhão os entezinhos
Que a vida conhécem mal,
Nos recônditos marinhos
Fazendo a esponja e o coral.

Trabalha o molusco ainda
Do Mar no profundo abismo
Tirando a pérola linda
De seu débil organismo.

Trabalha a abelha engenhóza
Das flôres haurindo o mél,
E a borboleta mimóza
Tecendo o sédeo cordél.

Trabalha o pêixe trazendo
De escama o dôrso esmaltado,
E a tartaruga ofrecendo
Seu escudo marchetado.

Trabalha a ave inocente
Ensinando a seu filhinho
Gorgêios ao Sól nacente,
Saudades do grato ninho.

Trabalha o cão vigilante,
Trabalha o cavallo ouzado,
Trabalha o bôi venerante
Puxando o bendito arado.

IV

Trabalha o humilde mendigo
Que nos incita a bondade,
Velando constante amigo
Na nóssa fraternidade.

Trabalha o bravo operário
Com denodado valôr,
Do Ar, da Água e da Térra
Centuplicando o labôr.

Trabalha o nóbre patrício
Quando a riqueza regula,
Que no comum beneficio
A Humanidade acumúla.

Trabalha o padre instruïndo
E sãos ezemplos nos dando,
Bondade aos fórtes pedindo,
Respeito aos fracos pregando.

Trabalha a Mãi carinhóza
Do filho na educação;
Trabalha a Espôza amoróza
Do espôzo na perfeição.

Trabalha a filhinha mêiga
Dos pais crecendo a brandura;
Trabalha a irmã qu'inda arrêiga
Essa divina cultura.

E mais que tudo trabalha
Dos mórtos a legião
Que nossa mente agazalha
E nos enche o coração.

Trabalhemos firmemente
Para o bem do Grande sêr .
Que procura unicamente
Ao Amôr obedecer.

EPILOGO

O celebrante ergue-se, volta-se para a Humanidade e de mãos postas repete:

Vergine-Madre ! Amem te plus quam me, nec me nisi propter te !

E fazendo o sinal pozitivista:

O Amor por principio, e a Ordem por baze;
O Progresso por fim.

O povo responde em côro:

Amen !

O Amo

Ordem e P

ENSAIO

Segun
(113) (18 d
de Homéro
(24 de Fev
vezes e mo
cadas nos

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

O AMOR POR PRINCIPIO, E A ORDEM POR BASE;
O PROGESSO POR FIM.

Ordem e Progrésso. Viver para outrem. Viver ás claras.

ENSAIO SOBRE O CULTO PUBLICO

R. TEIXEIRA MENDES.
42. Rua Benjamin Constant

Segundo esboço começado a 21 de Homéro de 47 (113) (18 de Fevereiro de 1901). Redigido depois de 27 de Homéro de 47 (113) a 4 de Aristóteles de 47 (113) (24 de Fev. a 1º de Março de 1901). Revisto diversas vezes e modificado em vários pontos, nas épocas indicadas nos lugares.

Rio, 23 de Aristóteles de 47 (113)
20 de Março de 1901

ESPLICAÇÃO PRÉVIA

(Começada a redigir a 13 de Aristóteles de 47 (113)
(10 de Março de 1901)

> Lembrança precióza da minha mocidade, companheiro e guia das horas santas que soárão para mim, evóca sempre ao meu coração as ceremônias grandes e suaves da capéla do convento!...
>
> (Inscrição de CLOTILDE, em 1837, na *Journée du Chrétien,* seu livro uzual na rue Barbette)

> Trata-se sobretudo, no fundo, de incorporar intimamente ao pozitivismo, com melhoramentos radicais, tudo quanto o sistema católico da idade média pôde realizar ou siquer esboçar de grande e de térno.
>
> (32º Carta, de AUGUSTO COMTE a CLOTILDE).

Basta notar a influência que o culto publico tem na educação da primeira e da segunda infancia, isto é, na época em que se fórmão os sentimentos e os hábitos, para perceber que imensa lacuna não reprezenta a falta de ceremônias sociolátricas. Sem insistir em outros motivos óbvios, este só patenteia quanto é urgente instituir um esboço sociolátrico, quando mais não seja afim de preparar as nóvas gerações pozitivistas. Parece-nos, pois, escuzado insistir mais para justiificar esta tentativa.

Um *ofício* publico da Humanidade tem por fim despertar os sentimentos da mais vasta solidariedade e da mais eterna continuidade, mediante a comemoração

do seu Passado e a contemplação do seu Porvir, ligadas uma à outra pelo espetáculo do seu Prezente. Esse *oficio* déve, pois, como toda oração constar de duas partes: uma *comemoração* seguida de *efuzão*. A primeira glorificará os esfórços contínuos da Humanidade, tendo em vista o seu Futuro. A segunda esprimirá o reconhecimento do Prezente para com o Passado e a sua dedicação para com o Futuro; éla caraterizará assim o nosso *amôr*, a nossa *fé*, e a nossa *esperança*.

Mas esse *oficio* não poderá satisfazer ao seu destino si não puder reagir sobre *ambos os sexos* e sobre *todas as idades*: é só assim que ele póde constituir um *ato religiozo*, na acepção pozitiva deste vocábulo. Ele deve, portanto, ser constituído por uma combinação contínua de *imagens* e *sinais* capazes de despertar as *emoções altruistas* em todos os assistentes. Compreende-se por aí que, para não falhar ao seu alto destino, similhante instituição déve recorrer a todas as artes especiais, alem da poezia propriamente dita. Não só é necessario utilizar as artes que se bazêião na vizão e na audição, como tambem aquélas que se fundão, diréta ou indirétamente, nos outros sentidos, sem escluir mesmo a *gustação*. Apenas a participação dos sentidos tem que ser tanto mais indiréta quanto menor fôr a sua ligação altruista. De sorte que a *gustação*, pelo seu caráter diretamente pessoal, deve apenas figurar *subjetivamente*, sem nenhuma realização, mesmo reduzida à mínima parte que lhe deu o culto católico.

Convem igualmente notar que o conjunto dessa instituição deve só por si caraterizar a continuidade e a solidariedade humanas. Quanto à continuidade, é precizo que se perceba que ela é uma prática inaugurada pelo fetichismo, e sucessivamente dezenvolvida durante o teologismo, até atingir a sua fórma pozitiva. No que respeita à solidariedade, ela déve mostrar sempre a assimilação do Fetichismo no Pozitivismo, de

modo a convir simultâneamente às crianças e aos adultos.

Tais fôrão as reflessões que prezidírão a instituição deste *ensaio de culto publico,* a que conservamos o nome de *Missa*. Como se sabe, a etimologia dessa palavra é muito discutida. Entre as versões correntes, parece-nos mais aceitavel a que a fas derivar da palavra hebráica que significa *sacrifício*. O culto foi primitivamente um *sacrifício* oferecido aos fetiches ou aos deuzes.

Isto posto, para estabelecer a *Comemoração,* convem lembrar que o conjunto da vida da Humanidade oferéce duas fazes sucessivas. A primeira, já essencialmente realizada, é a *faze preparatória,* na qual predomina o aspéto dos *sacrifícios* feitos pela Humanidade para conseguir os elementos indispensaveis à espansão normal do altruismo. Ela finda no advento espontâneo da religião da Humanidade no Venerdia 16 de Maio de 1845. A segunda é a faze *normal* ou definitiva, na qual se realiza sistemáticamente a ezistência caraterizada pela nossa fórmula sagrada, mediante a substituição da industria e da siencia à guerra e ao teologismo, graças ao predominio diréto do amôr. Neste segundo período, os sofrimentos constituem acidentes cada vês mais ecepcionais, tendo um carater cada vez mais individual.

A Missa católica, como as cerimônias anteriores, tem o carater predominante do *sacrifício*. Para instituí-la, o sacerdocio mediévo assimilou ao novo culto cerimônias fetíchicas e politeistas que Moysés incorporara ao seu monoteismo. Essa assimilação operou-se mediante a vizão pela qual S. Paulo transformou a principal fésta judaica no símbolo da suprema dedicação imaginavel. A imolação do cordeiro pascal, destinada a celebrar a estréia do monoteismo teocrático pela libertação do povo hebreu, tornou-se dest'arte o em-

blema do sacrifício voluntário pelo qual o proprio Deus inaugurou a redenção humana. Em torno dessa vizão sublime se grupárão as cerimônias que, *dirétamente,* lembrão o fetichismo, na adoração dos mortos, do fogo, d'agua, do pão, do vinho, e até dos *animais.* Apezar dos preconceitos monoteistas, o cordeiro tornou-se a imagem do Deus-Filho, como a pomba constituiu uma das manifestações do Espirito-Santo, tambem consubstanciado no *ar* e no *fogo*.

Ezaminada por isso na sua liturgia, e abstraindo das orações teológicas que interprétão as suas cerimônias, a Missa católica constitúi assim, de fato, uma solenidade fetíchica na sua quazi totalidade. Similhante consideração já mostra quanto ha nela de assimilavel ao culto pozitivista. Relativamente aos símbolos que o Catolicismo adotou especialmente para caraterizar o aspéto pelo qual ele incara a ezistência humana, tambem a evolução ocidental os transformou gradualmente em *símbolos abstratos do martírio,* isto é, do *sacrifício imerecido para fazer triunfar o amor.* Tal é hoje a significação geral atribuída especialmente à imagem da *crus,* glorificada por S. Paulo. De sorte que nada impéde de manter tambem tal símbolo, ligando-lhe escluzivamente o sentido pozitivo que comporta, segundo o que o nosso Mestre fês com outras instituições teológicas, como os *anjos,* por ezemplo.

Na primeira faze, a dos sacrifícios, isto é, das conquistas civilizadoras efetuadas entre cruéis torturas, convem distinguir dois períodos sucessivos. O período inaugural marca uma evolução na qual todos os aspétos da natureza humana se dezenvolvem *sintéticamente* sob o predominio espontâneo do amor. Iniciado pelo Fetichismo, esse período vai até a dissolução das Teocracias. O objetivo da Humanidade é então sempre dezenvolver a felicidade na Terra; os tormentos são considerados como acidentes que Ela tenta reparar ou evi-

tar. Póde-se dizer que as torturas são então *involuntárias*.

O segundo período começa com a dissolução teocrática da qual rezultou a *evolução ocidental*, fonte inevitavel da regeneração definitiva. Então os aspétos da natureza humana evoluem *analíticamente*, isto é, *revolucionáriamente*, uns com sacrificios dos outros. A noção do *sacrifício voluntário* vai se tornando cada vês mais sistemática, desde a lenda grega de Prometeu martirizado pela sua dedicação aos homens na Terra, até à ficção católica do Deus tripartindo-se afim de se humanizar para abrir aos homens as portas do Céu, e ficar com eles permanentemente na Terra.

Neste segundo período convem distinguir assim tres fazes sucessivas, constituidas respetivamente pela evolução grega, a civilização romana, e o regimen católico-feudal. Foi deste último, rezumo de todo o Passado, que rezultou a instituição da religião definitiva. Para concebê-lo nitidamente, é precizo reprezentar-nos o mundo romano dividido entre o Catolicismo e o Islamismo, e depois o Ocidente partilhado entre o Catolicismo e o Protestantismo. No seio da anarquia rezultante dessas fragmentações e que marca o apogêu dos sacrifícios humanos foi que se realizou a elaboração final.

Passa-se assim para a época normal, em que a Humanidade, consiente dos seus destinos, prosegue a sua evolução no seio da beatitude terrena. Essa época foi inaugurada pela *união* dos esfórços espontâneos condensados em Clotilde e Augusto Comte. Mas a sua instituição sistemática só se realizou graças à espansão dessa *união* incomparavel, quando a morte prematura da nossa divina Mãe-Espiritual veio tornar puramente subjetiva a sua colaboração. Nessa dupla ezistência findou-se, pois, essencialmente o martirio e começou a felicidade eterna da Humanidade. A comemoração do

Passado e a glorificação do Porvir da Humanidade ficão assim separados e unidos pela morte do nosso santissimo Mestre.

A *efuzão* decompõe-se em tres partes. Primeiro glorificamos diretamente a Humanidade na Terra e envolvida com esta pelo Espaço, testemunhando a nossa gratidão pelos seus benefícios no período Fetíchista. Depois celebramos a Humanidade em Paris, na Notre-Dame, agradecendo especialmente os dons outorgados durante o Teologismo. Esta efuzão carateriza ao mesmo tempo a nóssa alegria pelo encerramento da faze preliminar da vida da Humanidade, lembrando a solenidade que ha de assinalar a conversão do Ocidente. Emfim espandimos a plenitude do nosso júbilo e das nossas esperanças, contemplando a beatitude eterna, quando o predominio espiritual de Constantinopla simbolizar a unificação religióza de toda a Terra.

14 de Aristóteles de 47 (113)
11 de Março de 1901

---

15 de Aristóteles de 47 (113)
12 de Março de 1901

Como se verá, conservamos do ritual católico quazi tudo; mas dando-lhe uma nova significação a que as cerimônias se prestárão naturalmente. Esta circunstancia, alem de caraterizar a filiação diréta do Pozitivismo para com o regimen mediévo, tem a inestimavel vantagem de pôr-nos melhor em comunhão com os nossos mais caros predecessores. De fato, são assim mantidas essencialmente as *grandes e suaves cerimônias* cuja recordação enlevava Clotilde, mesmo depois que perdêra a fé da sua infancia e da sua adolecência.

As nossas proprias emoções tornão-se por esta fórma mais enérgicas e mais doces, mediante a lembrança que as mesmas práticas encantárão e ainda hoje encantão os corações mais ternos.

Similhante utilização não pôde, porem, concernir sinão a parte da *comemoração* anterior à revolução ocidental. A faze posterior teve de ser instituida mediante um simbolismo novo, aliás haurido, como cumpria, em tocantes epizódios relativos a tal período.

Julgamos haver assás indicado o carater geral da cerimônia com a qual apenas pretendemos atender, do melhor modo ao nosso alcance, a necessidade que vivamente sentimos no prezente, sem nada prejulgar quanto ao seu destino futuro. Em uma palavra, procuramos celebrar a Humanidade segundo as nóssas forças; os que pudérem mais farão melhor. As outras esplicações parecem-nos mais cabiveis no decurso da referida cerimônia.

Sabado, 26 de Aristóteles de 47 (113)
23 de Março de 1901

R. Teixeira Mendes.

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

O Amor por principio,
E a Ordem por baze;
O Progresso por fim.

Ordem e Progresso
Viver para outrem
Viver às claras.

ENSAIO SOBRE A MISSA

26 de Aristóteles de 47 (113)
23 de Março de 1901

1. O altar simboliza o túmulo do nosso Mestre e os seus tres Anjos. Sobre ele erige-se, em um pedestal, a estátua da Humanidade personificada por CLOTILDE; aos lados do pedestal estão: ROZALIA, à direita, e SOFIA à esquerda, sentadas sobre a lápide do túmulo. ROZALIA medita, com a cabeça melancólicamente inclinada para o cenotáfio; SOFIA contempla n'um êstaze esperançozo a efígie da Deuza. Por diante do pedestal, acha-se um sacrário envidraçado, em cujo interior se descobre, sobre uma almofada verde, o *Volume Sagrado*, e, encimando-o, uma *Cesta de flores* artificiais (rozas, violetas, amores-perfeitos, sempre-vivas, saudades, angelicas, etc.) predominando as rozas. Este ramalhete ao mesmo tempo que nos recórda o mimo de CLOTILDE a AUGUSTO COMTE, reprezenta o conjunto das graças acumuladas pelo Passado da Humanidade. No meio das flores haverá uma haste preparada para receber uma roza natural. O sacrario é feito de modo que a face an-

terior, superior e laterais, podem ser simultaneamente removidas, deixando o *Ramalhete sagrado* a descoberto.

2. Por diante e aos lados do sacrario estende-se uma faixa da meza do altar que corresponde à parte da pedra do sepulcro não ocupada pelos emblemas mencionados. Esta faxa deve ser bastante larga para nela se poder colocar, por diante do sacrario, os símbolos ezigidos pela cerimônia, e ao lado destas, duas almofadas verdes para o *Missal*. O Altar é ladeado por vazos de porcelana contendo carvão para comemoração do fogo, símbolo do *amor*.

28 de Aristóteles 47 (113)
25 de Março de 1901

Ao lado do altar mais afastado de Paris eziste uma *credência* sobre a qual se colocão objétos para a cerimônia (galhetas, toalha, turíbulo, etc.).

---

17 de Aristóteles de 47 (113)
13 de Março de 1901

O Celebrante deve estar vestido com uma batina preta com vivos e botões verdes. Estas côres lembrão o Passado e o Futuro; o Prezente é recordado pelo que aparece da roupa branca. No braço direito será atado um laço verde simbolizando a religião, segundo o ezemplo do nosso Mestre. Esse laço lembra, ao mesmo tempo, a lei: *a submissão é a baze do aperfeiçoamento*, e o pensamento de S. Paulo: *estando prezo, sinto-me livre.*

Sobre a batina, o Celebrante revestirá uma *cazula* branca matizada de rozas e forrada de verde. A côr branca reprezenta a Atualidade; a sua evidencia cara-

terizará o predominio sensitivo da *objetividade,* ao passo que o seu carater accessório patenteia a subordinação do Prezente para com o Passado, simbolizado pela côr preta da batina. Na parte anterior, sobre o peito, esta cazula oferecerá uma imagem da Humanidade, emoldurada em uma orla elíptica azul para reprezentar o *Ar* e o *Céu* limite subjetivo do Espaço. A cazula será constituida por um pano de fórma prossimamente elíptica, tendo o semi-eixo maior ecedendo um pouco à distancia do pescoço aos joelhos, e o semi-eixo menor mais ou menos igual à distancia do pescoço ao cotovelo. A góla corresponderá ao centro e será orlada por um cordão verde cujas pontas terminadas por borlas permitirão ajustá-la ao pescoço. Os lados serão arregaçados até aos hombros, deixando os braços livres, e mostrando o forro verde sobre a face branca como uma faxa.

Assim a véste habitual do Sacerdote reprezenta o Passado, o forro verde da *cazula* reprezenta o Futuro e fica em contato com o Passado para signficar que o Prezente é um *instante* do Futuro. O forro, superpondo-se lateralmente sobre a face branca (Prezente), simboliza o Presente entre o Passado e o Futuro. O Prezente é o que fica mais vizivel. O Passado serve de baze a tudo; o Futuro se entrevê através do Passado e do Prezente.

A simplicidade da fórma da cazula lembra a singeleza do vestuário primitivo; e o fato de não cobrir o corpo totalmente recorda que o vestuário foi instituido sobretudo com o fim moral do recato, o que é tambem indicado pela cor branca, emblema natural da pureza.

Nota. Vamos espor a ceremônia peculiar à festa da Virgem-Mãi.

ROZALIA

COMEMORAÇÃO

Preambulo

Antes de entrar o Celebrante, a orquestra ezecuta a *uvertura* que os assistentes escutão sentados. A auzencia do Celebrante e a falta de canto, isto é, de *palavras*, lembra a faze primitiva da evolução humana ao desprender-se da animalidade. Quazi ao terminar a uvertura entra o Celebrante, pelo lado do altar que fica mais próssimo de Paris, afim de lembrar o berço da Religião Universal. Ele trás os emblemas do sacrificio (Cálice e a Hóstia) para caraterizar as agruras da faze preliminar da vida da Humanidade e a dedicação da Humanidade. A sua prezença recórda o primeiro termo da fórmula sagrada: *O Amor por principio*. Seguem-no varios ministros, um dos quais trazendo o *Missal* simbolo da *fé*. Acompanhando o Celebrante em vês de precedê-lo, ele carateriza a subordinação da *fé* ao *amor*, do *dogma* ao *culto*. A sua prezença recórda assim o segundo termo da fórmula pozitivista: *E a Ordem por baze*. A marcha de ambos para o altar carateriza o Progresso, isto é, a evolução contínua da Humanidade para o estado plenamente religiozo.

Ao entrar o Celebrante erguem-se os assistentes. O Celebrante e os Ministros chegando em frente ao altar genuflécsão-se e sobem até o altar, onde o Celebrante coloca adiante do sacrario os emblemas que trás, e o Ministro depozita o Missal sobre a almofada mais afastada de Paris. Depois decem ambos e espérão, voltados para o altar e de mãos póstas, que a orquestra termine. Finda a muzica, os assistentes ajoelhão. O Celebrante genuflécsa-se, ergue-se e, de mãos póstas, inicia a cerimonia. Os ministros ajoelhão-se ao mesmo tempo que os assistentes.

O CELEBRANTE: (*de mãos póstas*): (1)

Em nome da Humanidade,
sustentada pela Terra e envolta com esta pelo Espaço,

(*e fazendo o sinal pozitivista*):

O Amor por principio, e a Ordem por baze;
O Progresso por fim.

(*de mãos póstas*): (1)

---

(1) Ou lendo o Ritual. 27 *de Gutemberg* 47 (113)
8 de Setembro de 1901

C. Aprossimemo-nos do altar da Deuza, nossa Mãi Suprema.

M. Da Deuza que enche a nossa alma de uma alegria sempre nova (Tradução da *Journée du Chrétien*) (Edição de 1896).

O Celebrante ajoelha-se então e escuta em recolhimento o canto dos assistentes:

Este culto de amor e reconhecimento não póde jamais cessar de alegrar-nos, consolar-nos, e sobretudo de melhorar-nos.

E' melhor amar do que ser amado.
Não ha nada real no mundo sinão amar.

Ó, Madre del solo amore, ó, Diva,
Non é l'affezione nostra tanto profonda,
Che basti a render te grazia per grazia.

Findo o canto, o Celebrante ergue-se, e recita de mãos póstas este hino ao amor — S. Paulo. Ep. aos Corintios, I. Cap. 13:

1. Si falarmos a lingua dos homens e dos anjos e não tivermos caridade, seremos como o bronze soando ou como os címbalos vibrando.
2. Si tivermos o dom das profecias, e conhecermos todos os mistérios, e toda a siencia; e si tivermos a fé capás de transportar montanhas; e não tivermos caridade, nada seremos.
3. E si distribuirmos em alimento dos pobres todos os nossos bens, e si entregarmos os nossos córpos para serem queimados e não tivermos caridade, de nada nos servirá.
4. A caridade é paciente, é benigna; a caridade nada inveja; não age irrefletidamente, não se ensoberbece;

5. Não é ambicióza, não procura o seu, não se irrita, não pensa no mal;
6. Não se regozija com a iniquidade, alegra-se com a verdade;
7. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta;
8. A caridade não acabará nunca; quer se esvaêção as profecías, quer céssem as linguas, quer se destrua a siencia.
9. Na sua infancia a Humanidade amava como as crianças, pensava como as crianças, agia como as crianças. Aos poucos, porem, o seu amor, a sua siencia, e o seu poder se fôrão dezenvolvendo.
10. Nossos pais a vírão como em um espelho, em enigma; nós, porem, a contemplamos face a face. Eles a conhecêrão em parte; porem, agora Ela nos é conhecida como o somos uns dos outros.
11. Agora e sempre permanecerão a caridade, a fé, e a esperança; dessas tres virtudes, a maior, porem, é e sempre será a caridade.

O Ministro responde: Amen.

E os assistentes cantão:

Se cança de pensar e até de agir cançamos;
E só amar não cança, e nem dizer que amamos.

COMEMORAÇÃO ESPECIAL

Na festa da Virgem-Mãi

Os assistentes levantão-se ao mesmo tempo que o Ministro. O Celebrante volta-se para os assistentes e dis:

Alegremo-nos todos celebrando neste dia a festa da Virgem-mãi, a sublime concepção que anunciou di-

rétamente o culto da Humanidade. Mistério, — ela foi o encanto, o consolo, e a esperança dos mais ternos e puros corações medievais, e tornou-se o rezumo final da ultima faze preparatória da Religião. Utopia, — ela sintetiza hoje os mais nobres elances do altruismo nobilitando os vôos mais audaciózos da siencia, e fazendo convergir toda a nossa atividade para o seu supremo destino: — o aperfeiçoamento diréto e contínuo da natureza humana. Gloria à Humanidade que de tão humílimo início elevou a Mulher a essa autura sem par!

Volta-se então para o altar, enquanto os assistentes cantão uma paráfraze da *Ave maris stella*:

Ave, estrela dos mares, Mãi soberana e sempre Virgem, dispensadora de todas as graças. Tu que te submetendo sucessivamente à Terra e ao Espaço, com o teu suave amor nos déste a pás, nos mantem nela. Quebra os ferros dos oprimidos, dá lús aos cégos, espéle para longe de nós todos os males; pede ao Espaço e a Terra para nós os bens necessarios ao teu serviço. Mostra que és nossa Mãi, e, por ti, recêbão as nossas bençãos a Terra que te sustenta e o Espaço que vos domina. Virgem incomparavel, doce entre todos Seres; libertando-nos do egoismo, nos torna ternos e puros. Dá-nos uma vida virtuóza, e afasta do nosso caminho todo perigo, afim de que te contemplando sempre, gozemos as alegrias eternas. Louvor à Humanidade, a nossa Mãi Suprema, à Terra que a sustenta, e ao Espaço que as domina. Amen.

Findo o canto, o Celebrante sóbe á cátedra pelo lado de Paris. Sentão-se todos ao mesmo tempo que ele, e ouvem a leitura de um ou vários trechos do nosso Mestre sobre a Utopia da Virgem, comentados ou não, segundo a predica do dia.

Terminada a leitura, o Celebrante levanta-se e volta-se, ainda na cátedra, para a Humanidade. Os assistentes erguem-se ao mesmo tempo que ele. O Celebrante dis:

(*Gadual*). Pela supremacia do seu altruismo, a mulher tornou-se o orgão da Providencia moral da Humanidade. Escutai, mãis, espozas, filhas, irmans; a vossa missão é a mais sublime e a mais grata de todas: a suprema Deuza vos tornou os nossos Anjos no seu Paraizo.

Os assistentes cantão:

Aleluia. Aleluia. A mulher foi ezaltada ao seu eterno sólio. Aleluia! Regozijão-se os homens e bemdizem a Humanidade. Aleluia.

CLOTILDE

COMEMORAÇÃO GERAL

1.ª Parte. (período inaugural-sintético)

Fetichismo

I

Fetichismo Espontaneo

A

Fetichismo nomade — Festa dos animais

O Celebrante déce da cátedra pelo lado mais afastado de Paris; chegando novamente em frente da imagem da Humanidade, volta-se para Ela, e dis:

CELEBRANTE. Glorifiquemos a Deuza, nossa Mãi Suprema.

MINISTRO. A Deuza que enche a nossa alma de uma alegria sempre nova.

C. O nosso socorro está na Humanidade.

M. Que desvendou as leis do Espaço, da Terra, e da sua propria Alma, afim de milhor submeter-se a elas.

C. A submissão é a baze do aperfeiçoamento.

M. Vai-se com passo mais firme seguindo do que mandando.

Ajoelha-se; e os assistentes fazem o mesmo.

A orquestra ezecuta então uma sinfonia melancólica na qual se escutão entremeiados as vózes e canto dos animais, nomeadamente do cão, do cavalo, e do boi. (1) Nesse interim os assistentes estão de joelhos e o Celebrante dis, em atitude humilde a *Confissão*, que simboliza a fraqueza inicial da Humanidade e a sua ingenua ternura fraternizando com os animais.

CELEBRANTE: Nós confessamos à Humanidade, a suave Deuza, fonte perene de todas as graças; à Clotilde, sua personificação suprema, nossa Mãi sempre Virgem, com quem Rozalia e Sofia fórmão os Anjos do nosso Mestre e as nossas Padroeiras universais; ao côro das Mulheres Santas que as circundão; ao nosso Mestre santissimo Augusto Comte, e a todos os seus precursores religiózos; tanto aqueles cujos nomes não chegárão até nós, como aqueles cujas memorias podemos abençoar individualmente, os pagés, os fetichocratas, os teocratas de Memfis e Thebas, Moizés, Manú, Buda, Confucio, Zoroastro, Numa, S. Paulo, Mahomet; à todos os santos, à todos os grandes reprezentantes da evolução sagrada, Homero, Aristóteles, Arquimedes, Cezar, S. Paulo, Carlos Magno, Dante, Gutemberg, Shakespeare, Descartes, Frederico, e Bichat; aos nossos anjos domésticos; e a vós irmãos, que frequentemente erramos, por pensamentos, palavras e atos, já pela nossa ignorancia e fraqueza, já por nossa culpa, nossa culpa, nossa mássima culpa.

(bate tres vezes no coração com a mão direita).

Suplicamos, pois, à Humanidade, à Clotilde, à Rozalia, à Sofia, ao côro das Mulheres santas, ao nosso Mestre, aos seus precursores, teóricos e práticos, aos

---

(1) 16 de Aristoteles de 47 (113)
13 de Março de 1901

nossos anjos domésticos e a vós, irmãos, que não cesseis de amparar o nosso débil altruismo.

M. Sustentado pela Humanidade, e as gloriózas personificações que Ela nos deu por Anjos universais e domesticos, conseguiremos, como Ela, elevar-nos, da mais humilde condição, às sublimidades do altruismo, vivendo para outrem afim de reviver em outrem por outrem.

CELEBRANTE. Amen.

Ergue o corpo.

MINISTRO: Confessando igualmente a nossa fraqueza e as nossa culpas, imploramos à Humanidade, à Clotilde, à Rozalia, à Sofia, ao côro das Mulheres santas, ao nosso Mestre, aos seus precursores, teóricos e práticos, aos nossos anjos domésticos e a vós, irmãos, que não cesseis de superar o nosso débil altruismo.

CELEBRANTE. Protegidos pela Humanidade e as gloriózas personificações que Ela nos deu por Anjos universais e domésticos, conseguiremos, como Ela, elevarnos, da mais humilde condição, às sublimidades do altruismo, vivendo para outrem afim de reviver em outrem por outrem.

Os ASSISTENTES — Amen.

O CELEBRANTE (Fazendo o sinal pozitivista):

Oxalá mereçamos a indulgencia, a absolvição, e a remissão dos nossos pecados, pela nossa crecente dedicação à Familia, à Patria, e à Humanidade.

E, inclinado, prosegue:

O homem se agita e a Humanidade o condús.

MINISTRO. O Amor prevalecerá, pois, cada vês mais.

CELEBRANTE. E milhor se patenteará que não ha prazeres que ecêdão os da dedicação.

M. E que só somos felizes quando a nossa felicidade a ninguem aflige ou ofende.

C. Sejamos cada vês mais gratos à Humanidade.

M. E os nossos louvores crêção em torno do seu nome.

C. A Humanidade seja convosco.

M. E com o vosso coração.

Separando e unindo as mãos, o Celebrante dis em vós alta: *Oremos*, e prosegue em vós mais baixa, em sinal de humildade enquanto sóbe os degraus do altar. (Pelo lado mais afastado de Paris). Esta cerimonia reprezenta a passagem para o período sedentário. A orquestra deve ter findado a sinfonia, na qual por fim não se escutão mais os rugidos dos animaes ferozes:

— Esquece, piedóza Mãi, as demazias do nosso egoismo, e ezalta as potencias do nosso altruismo, afim de que nos aprossimemos do Santo dos Santos com um coração terno e puro. Amen.

Chegado ao altar, a orquestra fas ouvir uma breve melodia fúnebre, enquanto o Sacerdote dis:

Quizéramos poder servir-te e glorificar-te como todos aqueles que te amárão dignamente e aqui se achão nas suas reliquias ou simbólicamente.

(Beija o altar-Culto dos mortos),

sobretudo Clotilde com Rozalia e Sofia e Augusto Comte, as tuas supremas personificações.

Céssa a orquestra. Os assistentes sentão-se.

---

13 de Dante 47
28 Julho 1901

(Rezervar esta parte para a *comemoração especial* da festa do Fetichismo sedentário. Sustituí-la nos outros dias pelo simples *acendimento* das vélas e do fogo).

B

Fetichismo sedentário — Fésta do fogo

O Celebrante fas então jorrar a centelha eletrica que acende uma coroa luminóza em torno da cabeça da imagem da Humanidade, e as luzes do altar, ao mesmo tempo que inflama os carvões colocados nos perfumadores de porcelana que ladêião o altar. Lê em seguida no *Missal*: (1)

18 *de Archimedes de* 47 (113).
12 de Abril de 1901.

Divino éter! ventos de azas rápidas! fontes dos rios! vagas sem número que increpais a face dos mares! e tu, Terra, alma Mater do mundo! e tu, Sol, cujo olhar vê tudo! escutai os nóssos louvores à Humanidade. No meio de ultrages e torturas inconcebiveis, sofrendo durante séculos sem conta, espondo-se a nóvos perigos por suas proprias mãos, Ela ouzou ir buscar a assombróza dádiva que tu, Terra, lhe outorgavas, trovejando os hinos entuziásticos do teu amor, imenso mas cégo. Ela recebeu assim em uma férula a centelha fecunda, a fonte da chama, a méstra que ensinou aos homens todas as artes, o instrumento de todos os bens, e que, após a sua glorióza evolução, Ela fas jorrar a um doce aceno e de um numero infindo de módos.

(Vide Eschilo — Prometeu).

Os assistentes érguem-se e cantão um hino ao Fogo, por ezemplo:

HINO AO FOGO

Como se funde a dureza
Ao teu possante calôr,
Se abrande assim o egoismo
Nas ancias do puro amôr.

---

(1) Esta cerimonia deve ser substituida, porque não poderia ter sido instituida no tempo de nosso Mestre.

Como se incende o perfume
No teu ardente fulgôr,
A mente assim se ilumine
Aos brilhos do puro amôr.

Como distila os aromas
Teu rutilante vapôr,
A vida em culto sublímão
Os vótos do puro amôr.

Terminado este cânto, as cortinas do Templo correm-se, e a lus do Sol inunda a nave. As senhoras sentão-se. O Celebrante lê o Missal.

II

FETICHISMO SISTEMÁTICO

C

Fetichismo sacerdotal — Fésta do Sol

Limitar nos dias ordinários a este ato simbolico. Rezervar o mais para a *comemoração especial*.

13 *Dante* 47(113)
28 Junho 1901

Gloria à Humanidade nas alturas do Espaço, onde o Sol, a Lua, Jupiter, e os astros todos entôão os seus louvores, e sobre a Terra, onde a pas dos homens e as maravilhas da industria celébrão ainda mais os prodígios do seu altruismo, do seu engenho, e da sua atividade. Nós te louvamos, nós te abençoamos, nós te adoramos, nós te glorificamos, nós te rendemos graças perenes, Astro incomparavel, pela imensidade dos benefícios que proporcionas à Mãi soberana e Senhora nóssa, a suave e benigna Providência da Terra que tu

equilibras na
ação potente
ção salutar d
contínuo amp
o altruismo;
gratidão, por
dado repetir:
nhora, só tu
ze do *Gloria*

Fetic

Dois acólit
primeiro um tu
incenso. O Cel
do-se do *vazo*
brazas e coloca

Dom pro
rano Ferro, p
Humanidade
e a Lus (1) o
trial e moral
vés da guerra
mo e estrain
destinados a
balho, substit
de, pela liber
glorióza Mãi

(1) Introdu

equilibras na amplidão do Espaço. E' bazeada na tua ação potente que a sua bondade póde dirigir a dominação salutar da vida sobre a matéria; é só com o teu contínuo amparo que Ela fas triunfar incessantemente o altruismo; recebe, pois, as bênçãos da nossa eterna gratidão, porque sem o teu concurso não nos seria dado repetir: Humanidade, só tu és santa, só tu és Senhora, só tu és a Mãi Altíssima e Soberana. (Paráfraze do *Gloria in excelsis*.)

D

Fetichismo militar. Fésta do Ferro

Limitar as palavras ao que vem no começo da p. 24.

13 de Dante 47 (113).
28 de Junho 1901

Dois acólitos, um proletário e outro patricio, trazem, o primeiro um turíbulo de ferro, e o segundo uma naveta com incenso. O Celebrante vem ao encontro deles e, aprossimando-se do *pozo do Amor* mais afastado de Paris, toma algumas brazas e colocando no turíbulo dis:

Dom prodigiozo entre os mais prodigiózos, soberano Ferro, primicia sublime que a Terra outorgou à Humanidade por meio do Fogo para ser, com o Fogo, e a Lus (1) o supremo instrumento do seu surto industrial e moral: com o teu aussílio, Ela caminhou, através da guerra, para a pas universal, domando o egoismo e estraindo do seio da Terra os preciózos metais destinados a permitir a tua inteira aplicação ao trabalho, substituindo, com a moéda, a violência e a fráude, pela liberdade e a franqueza. Léva agora à nóssa glorióza Mãi os perfumes da nóssa adoração.

---

(1) Introduzido a 12 de *Descartes de* 47 (113)
19 de Outubro de 1901

O Celebrante coloca então tres colheres de incenso no turíbulo dizendo:

Serás abençoado por Aquela em cuja honra serás queimado (Est. da Missa Catolica).

O Celebrante incensa então a Humanidade, dizendo:

Suba até à tua prezença, Senhora, este incenso abençoado por ti, como sobre nós decem as tuas graças (*Ibidem*).

O Celebrante incensa em seguida o altar, enquanto os assistentes cantão, e ele dis:

Dirija-se, Senhora, a nóssa oração à tua prezença como o incenso. A elevação das nóssas mãos seja velós no teu serviço como os seus flócos rólão em torno da tua imagem. Põe, Senhora, guardas em nóssas bocas e portas em torno dos nóssos lábios, para que os nóssos corações não deslizem em palavras de malícia ou em sofismas. (*Ibidem*).

Para incensar o altar, o Celebrante caminha do centro do altar para o lado mais afastado de Paris, lançando o incenso tres vezes para os castiçais. Chegado aí, abaixa a mão, incensa a parte posterior, primeiro em baixo, depois em cima; voltando-se para o altar e levantando a mão, incensa a meza do altar, conduzindo o turíbulo até ao meio, como em tres semi-círculos dirigidos para o meio, fas a reverência conveniente, incensa tres vezes, sempre andando, o outro lado (para os castiçais) até o lado mais próssimo de Paris; depois a parte posterior, primeiro em baixo depois em cima; e, sem sair daí, levanta o turíbulo e incensa a meza do altar como fês no lado oposto; abaixando depois um pouco a mão incensa tres vezes a frente do altar, caminhando até o meio deste; e, fazendo nóvamente a reverência conveniente, incensa igualmente tres vezes a outra parte anterior do altar, indo do meio até a estremidade mais afastada de Paris. Aí ele entrega o turíbulo ao acólito. (Est. do Cerimonial católico). Entregando o turíbulo, o Celebrante dis:

Acende, Humanidade, em nóssos corações a chama do teu altruismo e com ela anima os nóssos braços

(1) e vivifica a mortiça lus das nóssas inteligências. (Parafraze do Cat.)

III

POLITEISMO

A

Politeismo teocratico. Fésta das castas

O Celebrante volta ao meio do altar, e dis:

Purifica e entuziasma o nósso coração e os nóssos lábios, Humanidade compassiva, que personificando-te em CLOTILDE, conseguiste patentear ao nosso Mestre, AUGUSTO COMTE, o teu altruismo estreme de toda mácula egoista; digna-te purificar-nos tambem e abrazar-nos com o teu amôr, afim de que possamos anunciar decoróza e fecundamente os ensinos da tua sabedoria secular proclamados pelo teu supremo Intérprete. Amen.

O Celebrante sóbe então á cátedra, pelo lado mais afastado de Paris. Aí chegando dis:

Conhece-te a ti mesmo afim de melhorar-te. Só ha uma virtude: amar a Humanidade; só ha uma siência: conhecer a Humanidade.

Fás então o sinal pozitivista e senta-se para ler algumas páginas do Catecismo. Antes da leitura beija o livro no começo da página. Finda a leitura, beija nóvamente o livro, e o fechando dis:

---

(1) 27 *de Frederico* 47 (113).
1º de Dezembro 1901

Que as palavras evangélicas se gravem em nóssos corações e nos libértem do egoismo, ensinando-nos as delícias do altruismo. (Paráfraze do Cat.)

Ergue-se e, voltado para o altar, dis a oração de Jorge Lagarrigue:

Oremos — Ergamos os nossos corações à Humanidade e lhe testemunhemos o reconhecimento de que se sêntem replétos pelos ensinos que acabamos de receber; que estes frutifiquem em nóssas almas, e que, ao sairmos deste recinto, levemos a rezolução feita de dedicar todos os nóssos esfórços a coadjuvar, em nós e em outrem, a vitória do altruismo sobre o egoismo. Rendamos graças especiais ao nósso augusto Mestre e à sua imaculada Inspiradora, aos quais devemos a revelação final da Humanidade e da sua sublime doutrina — Que a tua palavra de vida, ó Santa Humanidade, seja não sómente bem aceita e compreendida, mas, antes de tudo, aplicada com zelo a todos os atos da nossa vida, privada e publica. Amen.

2.ª PARTE

PERÍODO PREPARATORIO-ANALÍTICO

Evolução Ocidental

I

Politeismo Militar

A

Politeismo intelectual

(Sacrifício da população grega — lenda de Prometeu
(Não emancipado do teologismo)

α

Politeismo estético — Homero — Eschilo — Fidias

Muda-se o Missal para o lado de Paris, onde se devia concluir a evolução preliminar e inaugurar o estado normal. — O Celebrante descóbre o Cálice com ambas as mãos, dóbra o véu e o coloca ao lado mais afastado de Paris, ou dá a dobrar a um dos Ministros. Depois colóca o Cálice do mesmo lado. Tira então a pala com a mão direita, e tomando a pátena, onde está a Hóstia, a coloca na altura do peito e dis, com os olhos voltados para a imagem da Humanidade:

Recébe, ó Mãi estremózissima, esta Hóstia imaculada que te oferecemos em lembrança especial dos martírios sem número que sofreste desde tempos imemoriais e contínuamente sofres para haurir do seio da Terra e da imensidão do Espaço os tezouros que nos

distribues. Ela é tambem o símbolo da nóssa rezolução de consagrar, cada vês milhor, ao teu trabalho, apezar dos nóssos defeitos, toda a nóssa atividade e toda a nóssa inteligencia. Seja, pois, ela um penhôr da nossa etérna união contigo.

Fazendo então com a pátena uma *crus*, simbolo do martírio, a depozita sobre o altar. (1)

β

Politeismo teórico
Thales — Pitágoras — Aristóteles
Hipócrates — Archimedes — Apolonio — Hiparco

Emancipação prematura do teologismo — Construção da siencia

O Celebrante recita o seguinte *Credo*:

Não eziste, no fundo, sinão uma única religião, ao mesmo tempo universal e definitiva, para a qual tendêrão cada vês mais as síntezes parciais e provizórias, tanto quanto o comportávão as situações correspondentes. A estes diversos esfórços impíricos sucéde agora o dezenvolvimento sistemático da unidade humana, cuja constituição diréta e compléta tornou-se enfim possivel em virtude do conjunto das nóssas preparações espontâneas. A nóssa fé nunca teve sinão um mesmo objéto essencial: conceber a órdem universal que domina a ezistência humana, para determinar a nossa relação geral para com ela. Ora, o conjunto das concepções pozitivas se condensa na noção única de um ser imenso e etérno, a Humanidade, cujos destinos so-

(1) Suprimir aqui o sinal da crus--12 de *Descartes de* 47 (113)
19 de Outubro de 1901

ciológicos se dezenvólvem sempre sob o predominio da Terra e do Espaço. Em torno desse verdadeiro Grão-Ser, motôr imediato de cada ezistência individual ou coletiva, os nóssos afétos se concêntrão tão espontâneamente como os nóssos pensamentos e atos. A idéa só desse Ser-Supremo inspira a fórmula sagrada: *O Amor por princípio, e a Ordem por baze; o Progrésso por fim.* (*Catecismo*) Superiores pelo amor, mais bem dispóstas a sempre subordinar ao sentimento a inteligencia e a atividade, as mulhéres constituem espontâneamente entes intermediários entre a Humanidade e os homens. (*Politica*, II, 63 — Filhos desse Ser-Supremo por graça da Mulher, a nóssa vida consiste em *viver para outrem* afim de sermos incorporados definitivamente aos seus gloriózos destinos, revivendo em outrem e por outrem, até a consumação dos seculos, segundo a lei suprema: *Os vivos são sempre, e cada vês mais, governados pelos mórtos.*

O Celebrante beija o altar, e voltando-se para os assistentes, dis:

C. A Humanidade seja convosco.

M. O homem se agita e a Humanidade o condus; seja Ela sempre com o teu coração.

II

POLITEISMO SOCIAL

Incorporação militar do Ocidente

Sipião — Cezar — Trajano

O Celebrante toma o Cálice com a mão esquerda, e com a direita derrama nele uma essencia côr-de-roza, e em seguida algumas gotas de outra incolôr, dizendo:

C. Suave e amoróza Deuza que, derramando o teu sangue e as tuas lágrimas, abateste por toda parte o orgulho, protegeste os fracos, e impuzéste os costumes da pás, nos ensinando que no amôr não se vive sem dores, dá-nos a virtude da rezignação e da dedicação ao teu serviço, afim de que sejamos dignos de incorporar-nos aos teus gloriózos destinos.

O Celebrante vai então para o meio do altar, e dis:

Nós te oferecemos, Mãi piedózissima, este Cálice, em lembrança especial do sangue e das lágrimas que verteste durante séculos sem conta e ainda hoje derramas para aperfeiçoar cada vês mais a natureza dos teus filhos. Fá-lo subir em odôr de suavidade até o teu sólio, aceitando-o como o símbolo do vóto de consagrarmos tambem, quando precizo, o nósso sangue e as nóssas lagrimas a cimentar as virtudes que tu nos déste.

Fás o sinal da crus com o Cálice e o colóca sobre o altar. Depois, inclinado, dis: (1)

C. Nós te nos aprezentamos, adorada Mãi, com espirito de humildade e coração contrito; recebe-nos; e faze com que sintamos cada vês milhor que não ha prazeres que ecêdão os da dedicação, e que a submissão é a baze do aperfeiçoamento.

O Celebrante levanta então os ólhos para a imagem da Humanidade, para reprezentar a aspiração a uma religião universal, dizendo:

C. Vem, supérna Santificadora, Deuza do etérno amôr, abençôa estas oferendas, destinadas a glorificar as torturas da tua dedicação.

---

(1) Suprimir aqui o sinal da crus 12 *Descartes* 47 (113) 19 Outubro 1901

III

MONOTEISMO

Substituição da atividade conquistadora pela atividade defensiva: — Tentativa de estabelecer a atividade industrial

A

Monoteismo teocratico

Incorporação romana da Judéia

20 de *Aristoteles* 47 (113) — 17 de Março de 1901.

Abrahão — Moizés — Salomão

O Celebrante dirige-se então para a parte do altar mais afastada de Paris, e, lavando as mãos, dis:

C. Lavaremos as nóssas mãos entre os inocentes como os venerandos teocratas ao aprossimarem-se do teu altar para escutarem os teus louvores e contarem as tuas maravilhas. Como eles, as votaremos assim purificadas a colaborar na tua perene pas. Amaremos, como eles, a beleza da tua morada etérna e a séde da tua glória, a Terra, de cujo seio bróta a agua cristalina que nos dezaltéra, e purifica, nutre as plantas que dãonos forças para o teu serviço, viceja as flores que te embalsâmão, e é o agente multifórme da tua maravilhóza industria. Que as nóssas mãos sejão para sempre izentas de sangue e empregadas na ezecução das tuas vontades, pelo trabalho e a oração. Gloria à Hu-

manidade, Mãi soberana, à Terra que a sustenta, e ao Espaço que as domina.

M. Amen.

Chegado ao meio do altar o Celebrante dis:

C. Aceita, Humanidade santa, esta oblação que aprezentamos em memória dos teus martírios, das tuas vitórias, e do teu final triunfo, bem como em honra do que por ti padecêrão os teus mais ecélsos filhos, afim de que ela contribua para glória deles e salvação nóssa, incitando-nos a imitá-los no teu serviço etérno. Amen.

Beija o altar, e, voltando-se para os assistentes, dis:

C. Orai, irmãos, para que esta ceremônia redunde em vósso e nósso proveito, habilitando-nos a milhor amar, conhecer, e servir a Humanidade.

M. Receba a Humanidade esta celebração por teu intermédio para glória do seu nome, edificação nóssa e proveito de toda a sua santa Igreja.

Ajoelhão-se todos.

B

MONOTEISMO CATÓLICO

S. Paulo

Carlos-Magno — Alfredo — Hildebrando — Godofredo — S. Bernardo

Mistério da Virgem-Mãi

O Celebrante volta-se para o meio do altar e dis:

Nós te suplicamos, Mãi devotadissima, e te rogamos, ainda uma vês, que aceites e abençoes a oferenda que te fazemos, como o símbolo da nóssa gratidão e da

nóssa união, afim de poupar-te dóravante os martírios que até agora sofreste, por amôr dos teus filhos.

Que a Atualidade obedeça cada vês mais ao teu suave mando, e recordando incessantemente a tua glorióza Prioridade, trabalhe sem descanço pela ezaltação da tua Posteridade. União-se assim os nóssos corações aos dos teus santos cujas memórias mais veneramos, afim de que consagremos os nóssos esfórços a dezenvolver as doçuras da pas, vivendo para a tua Posteridade, em cujo seio esperamos reviver para sempre no teu etérno serviço.

Nós te rogamos, portanto, que te dignes fazer esta oferenda em tudo abençoada, privilegiada, aprovada, razoavel, e aceitavel, afim de que ela se tórne de fáto para nós o emblema augusto dos teus sofrimentos e da tua perene dedicação. Porquanto, nos êstazes do Apóstolo S. Paulo, instituiste tu mesma essa comemoração, figurando que na sua imolação voluntária, o teu último tutôr teológico, revestindo francamente a tua natureza, tomou o pão,

(O Celebrante toma a Hóstia),

o benzeu, partiu e deu aos que o cercávão dizendo: *Este é o meu corpo*.

Ajoelha-se, levanta-se, mostra a Hóstia aos assistentes; repõe-na sobre o altar; ajoelha-se outra vez; e ergue-se.

Descobrindo o cálice dis:

Do mesmo modo, tomando o Cálice

(toma o cálice)

benzeu-o

(sinal da crus),

o deu aos que o cercávão, dizendo: Este é o cálice do meu sangue que por vós e muitos outros será derramado para remissão dos vóssos pecados.

(Repõe o cálice).

Toda as vezes que isto fizerdes, o fareis em minha memória.

Ajoelha-se; ergue-se; mostra o Cálice aos assistentes; o repõe sobre o altar; cobre-o; ajoelha-se de novo; ergue-se. Depois dis:

Em lembrança, pois, dessa vizão sublime, na qual transformaste em símbolo tocante da tua propria dedicação as cerimônias santas que apenas lembrávão os teus esfórços para consagrar ao serviço do altruismo os bens com que a Terra generózamente recompensava o teu trabalho, oferecemos à tua magestade esta (+) Hóstia pura, (+) Hóstia santa, (+) Hóstia imaculada, e este cálice. Eles são para nós os emblemas dos cruéis martírios que padeceste nas tuas lutas industriais, e do sangue e das lágrimas que tens derramado nos teus combates contra o egoismo, para conquistar a nóssa etérna felicidade. Recebe assim, afinal, abnegada Mãi, no teu sublime altar, os protéstos da gratidão dos teus filhos, que, durante tantos séculos, te desconhecêrão, e desviárão as homenagens devidas a ti para os pálidos numes com os quais o Espaço ia objetivando os tateamentos do teu coração e do teu gênio. Era o teu amor, a tua sabedoria, a tua doce potestade, que as gerações que nos precedêrão de fato abençoávão, quando celebrávão as belas creações com as quais lhes guiaste ingenuamente os pássos débeis, vacilantes e dezordenados.

C

MONOTEISMO ISLAMICO

Advento — Mahomet — Tentativa de continuidade religióza

E', pois, como orgãos delas tambem que nós agora, seguindo todos os apóstolos do teu devotamento rezu-

midos no incomparável Mahomet, cujos vótos só CLOTILDE e AUGUSTO COMTE permitirião realizar, te oferecemos esse testemunho simbólico da nóssa gratidão e da nóssa rezolução de poupar-te dóravante todas as dôres que estivérem ao nósso alcance. Assim, vivamos, pois, contínuamente para ti, afim de revivermos em ti por todos os séculos dos séculos. Amen.

Oremos — E para milhor nos compenetrarmos da perfeita continuidade dos teus sentimentos, pensamentos, e atos, repetiremos neste momento a préce mais sagrada dos nossos predecessores medievais, segundo o teu maiór Poéta.

O Madre nostra, tu che in Terra stai,
Da dello Spazio te giungiai l'amore,
Ed ogni effetti del tuo amore tu hai;
Laudato sia il tuo nome e il tuo valore
Da ogni creatura, com'è degno
Di render grazie al tuo dolce vapore.
Vegna ver noi la pace del tuo regno,
Chè noi ad essa non potem da noi,
S'ella non vien, con tutto nostro ingegno.
Come del suo voler gli angeli tuoi
Fan sacrificio a te, cantando Osanna,
Tal del nostro voler facciamo noi.
Dá oggi a noi la cotidiana manna,
Senza la qual la Terra è aspro diserto
A retro va chi piú di gir s'affanna.
E come noi lo mal che avem sofferto
Perdoniamo a ciascuno, e tu perdona,
Benigno, e non guardar al nostro merto.
Nostra virtú, che di leggier s'adona,
Non spermentar con l'antico avversaro,
Ma libera da lui, che si la sprona.

(DANTE, *Purgatorio*, Canto XI)

Os assistentes:

Amen.

O Celebrante, tomando a pátena com a Hóstia, continúa:

Livra-nos das torturas do egoismo, piedóza Mãi, com a tua soberana lembrança, [que as imagens da bem-aventurada CLOTILDE, de ROZALIA e SOFIA com todas Mulheres Santas; do nósso santíssimo Méstre com os seus precursores, teóricos e práticos, bem como dos nóssos anjos domésticos não céssão de tornar-nos cada vês mais viva e mais familiar.] Dá que anelemos pelos gózos do altruismo em todos os momentos da nóssa ezistência.

O Celebrante depõe a pátena com a Hóstia sobre o altar, para significar a decadência do mistério eucarístico e o acendente do mistério da Virgem-Mãi. Ajoêlha-se, érgue-se, e dis:

Socorra-nos o côro invizível das Mulhéres santas que rodêião CLOTILDE, a nóssa Mãi sempre Vírgem, com ROZALIA e SOFIA, a Trindade angélica do nósso Méstre AUGUSTO COMTE, as quais embóra pelas fatalidades humanas tênhão perdido a ezistência objetiva, revívem no coração da Humanidade, na eterna glória, e não céssão de estimular, pela sua lembrança, o nósso débil altruismo.

C. Por todos os séculos dos séculos.

M. Amen.

C. A Humanidade seja convosco.

M. E com o teu coração.

C. Elevemos os nossos corações.

M. Nós os temos voltados para a nossa Virgem-Mãi.

C. Rendamos graças à nossa suave Deuza.

(Erguendo os olhos para a imagem da Humanidade).

M. Como é a nossa felicidade e o nosso dever.

C. E' verdadeiramente a nóssa felicidade e o nósso dever render-te graças em todo tempo, e em todo lugar, Humanidade Santa, Vírgem-Mãi piedóza, Deuza etérna, e louvar-te, abençoar-te, pregar-te, pela assunção da Mulhér ao etérno sólio, onde, conhecendo as doçuras de Mãi, sem perder os encantos de Vírgem, fás brilhar em todo o seu esplendor os prodígios do teu altruismo. E' por ela que louvão a tua doce magestade todos os teus Anjos, te adórão os teus Sacerdótes, te ezáltão os teus Patrícios, e te bemdizem os teus Proletários. O Espaço e a Terra celébrão por isso a tua santa sabiduria e a tua benigna potestade com transpórtes de alegria. Nós te rogamos que nos tórnes dignos de juntar as nóssas vózes às das almas bem-aventuradas que te servírão e te sérvem, afim de poder cantar como elas:

(Dis e os assistentes cântão):

C. Santa, Santa, Santa, é a nóssa Vírgem-Mãi, a suave Deuza dos ricos de coração, Deuza de amôr e de pas. O Espaço e a Terra estão cheios da sua gloria: Hozana a Humanidade na amplidão do Espaço e na vastitdão da Terra! Abençoada seja para sempre; Hozana na amplidão do Espaço e na vastidão da Terra!

Os assistentes erguem-se.

Partilha do mundo romano entre o Catolicismo e o Islamismo.

O Celebrante toma a Hóstia e a parte sobre o cálice dizendo:

Em memória da tua estremóza dedicação

(colóca a parte oriental da Hóstia sobre a pátena para significar o abandono do túmulo do suposto Fundador do Catolicismo)

que aceitou o dolorozo abandono de tudo quanto te éra mais caro, para fazer enfim prevalecer o amôr.

C. Por todos os séculos dos séculos.

M. Amen.

O Celebrante depõe a metade ocidental da Hóstia sobre a pátena.

Coezistencia dos dois monoteismos rivais com o monoteismo judáico dispérso.

C. Humanidade Santa, depois de teres transformado, durante a tua calamitóza infancia, a guerra em instrumento da pas, procuraste, através das rivalidades monotêicas conseguir, na tua poética adolecência, o predomínio universal do amôr, mediante o suave predomínio da Deuza ocidental. A tua doce imagem anunciou dirétamente o próssimo termo da faze preparatória da tua glorióza ezistência e o início da tua adoração estreme de todas as ficções.

3.ª PARTE

REVOLUÇÃO OCIDENTAL

A

1.ª Faze — (XIV e XV séculos)

Infelismente, antes que o teu gênio e a tua atividade pudéssem corresponder aos supremos anélos do teu altruismo, a medonha revolução começou a minar surdamente os altares onde eras anunciada. Rodeando, porém, a Deuza ocidental, o côro santo das Mulhéres continuou, como sempre, a ser o órgão da tua Providência Moral. Para elas o Espaço guardou as ingênuas ficções por meio das quais sistematizavas os mais preciózos frutos do teu sagrado empirismo. Dominado por esse doce prestígio, o teu maior poéta, Dante, entoou o hino que te estava finalmente rezervado.

O côro das Senhoras canta:

Vergine-Madre, Figlia del tuo Figlio,
Umile ed alta piú che creatura,
Termine fisso d'eterno consiglio.
. . . . . .
Donna, sei tanto grande, e tanto vali,
Che qual vuol grazia, ed a te non ricorre,
Sua dizianza vuol volar senz'ali.

La tua benignitá non pur soccorre
A chi dimanda, ma molte fiate
Liberamente al dimandar precorre.
In te misericordia, in te pietate,
In te magnificenza, in te s'aduna
Quantunque in creatura è di bontate.

O Celebrante dis:

E o mais sublime dos místicos, Tomas de Kempis, rezumiu as aspirações dos teus egrégios filhos no vóto supremo:

Amem te plus quam me, nec me nisi propter te!

B

2.ª Faze — Protestantismo — (XVI — 1688)

Separação do Ocidente entre o Catolicismo e o Protestantismo

O Celebrante ajoêlha-se, érgue-se, toma a metade ocidental da Hóstia e a divide, dizendo:

Em Memória da tua infatigavel dedicação que aceitou os mais cruéis dilaceramentos para implantar emfim sobre a Terra a pas pela industria, e desvendar no Espaço só o símbolo do altruismo pela siencia.

C. Por todos os séculos dos séculos.

M. Amen.

O Celebrante colóca uma das partes da Hóstia na pátena para significar a ruptura protestante; e com a outra parte, que simboliza a defeza dos rezultados medievais pela massa feminina, persigna tres vezes o Cálice, dizendo:

A pas da Humanidade (+) permaneça (+) sempre convosco (+) apezar de todas as sugestões do egoismo.

M. Assim permaneça ela sempre em nóssos corações.

O Celebrante deixa cair esta parte no Cálice para caraterizar o proseguimento da evolução pozitiva, através da dissolução revolucionária, mediante a combinação de todas as forças sociais rezultantes do regimen mediévo sob a doce prezidência afetiva da Mulher.

3.ª Faze — Deísmo

O Celebrante — Através de uma anarquia crecente, o teu devotamento teórico e industrial fundiu-se na tua dedicação moral, transformando em puro hino de amor os egoísticos impulsos que no princípio animávão o trabalho e a siencia. Por entre os clamores da revólta foste assim patenteando cada ves mais que a liberdade consiste no amor, a dignidade na submissão, e a felicidade no devotamento.

Cóbre o Cálice; ajoêlha-se; e, inclinado sobre as oferendas, dis, batendo tres vezes no peito:

Mãi piedóza, que te sacrificas incessantemente por nós, perdoa as dôres que te fizemos sofrer!

Mãi piedóza, que te sacrificas abnegadamente por nós, perdoa as dôres que te fazemos sofrer!

Mãi piedóza, que te sacrificas alegremente por nós, perdoa as dôres que te fazemos ainda sofrer, e dá que imitemos a tua dedicação.

A GRANDE CRIZE

As Senhoras sêntão-se; os homens levantão-se e cantão, com a muzica da Marselheza:

Allons, enfants de la Patrie!
Le jour de gloire est arrivé;
Réorganisons sans Dieu ni Roi
Par le culte de l'Humanité.

Les grandes pensées viennent du cœur;
L'amour est la liberté;
Réorganisons sans Dieu ni Roi
Par le culte de l'Humanité.

Au Temple, citoyens!
Courons au chœur sacré!
L'Amour, l'Amour
Est la liberté
L'Amour de l'Humanité.

(Aniversario da morte de Rozalia 3 *de Aristóteles de* 47 (113)
3 de Março de 1901

O Celebrante toma então no Ramalhete sagrado a *Roza natural* consagrada na cerimônia anterior, enquanto os acólitos se apromissão do altar da Humanidade com os turíbulos. O Celebrante dis:

Em vão o temerozo incendio parecia devorar todos os frutos do teu martírio, não só os que estávão ainda envoltos nos tocantes emblemas em que os resguardaste outróra
(lança os fragmentos da Hóstia no turíbulo)
mas até aqueles que já refulgíão, através das dilaceradas ficções,
(lança a roza no turíbulo),
na amplidão do Espaço, na imensidade da Terra, e na sublimidade da tua Alma.

As Senhoras cantão então um hino como este — 14 de Aristóteles de 47 (113):

Oxalá nóssas almas guardassem
As vontades da meiga Senhora
Como em vós recolhestes saudóza
A suave alegria da Aurora!

Oxalá nóssas almas mostrassem
A ecelência da pulcra Senhora,
Como o vósso matis primorozo
Do Sol guarda o poder inda agora.

Oxalá nóssas almas rezúmão
Toda a alma da Vírgem Senhora
Como em vós rezumistes dos Mórtos
Toda a essencia que a Terra incorpóra.

Oxalá nóssas almas ascêndão
Para o seio da grata Senhora,
Como ao Mundo de novo revértem
Os princípios que deu-vos outróra.

Ao mesmo tempo, o Celebrante toma o turíbulo, e, incensando a Humanidade, dis:

Mas o fogo redentor apenas consumiu os destróços das ficções teológicas e metafízicas, entre os cânticos que celebrávão os prazeres da dedicação e as doçuras da fraternidade universal.

(Incensa depois o altar, dizendo):

Ao seu esplendor, o Espaço patenteou os ultimos arcanos da Fatalidade, e, ao seu calôr, a Terra fês brotar as derradeiras maravilhas da Industria.

Entréga o turíbulo repetindo a fórmula seguinte para caracterizar a tentativa da escóla retrógrada para apreciar a Idade-Média:

Acende, Humanidade, em nóssos corações a chama do teu altruismo, e com ela vivifica a mortiça lus das nóssas inteligencias.

M. Amen.

ESTADO NORMAL

Advento do Pozitivismo

Faze preparatória — Instituição da Filozofia Pozitiva

Os homens sentão-se. O Celebrante vólta-se para o meio do altar e dis:

C. No meio dessa glorióza e tormentóza gestação, tu fizéste surgir o teu supremo Intérprete, nósso Pai

espiritual, AUGUSTO COMTE, e recompensaste o seu amor por ti, revelando-lhe a prodigióza continuidade da tua evolução.

Faze deciziva — Revelação da Humanidade

E quando o seu coração, arroubado pela grandeza do teu Passado, parecia consumir-se em anélos impotentes para descortinar o teu Porvir, através das convulsões do Prezente, tu te lhe mostraste personificada na térna e nobre imágem da bem-aventurada CLOTILDE.

Ajoêlha-se, bem como todos os homens, emquanto o côro das Senhoras canta o *Ave Clotilde*. Findo o canto, o Celebrante ergue-se. Algumas Senhoras e crianças aprossimão-se do altar com cestas de flores, e uma Senhora, tendo na mão direita uma roza, sóbe á Aria da Religião, enquanto o Celebrante dis:

Nela patenteaste os mais preciózos tezouros da tua propria alma, proclamando por seus lábios divinos a mássima sublime que fundiu em uma só as leis do dever e da felicidade: — Que prazeres podem eceder os da dedicação?

O Celebrante encaminha-se então para a Senhora que trás a roza, e, ajoêlhando-se aos seus pés, dis:

Não se póde pensar sempre, mas se póde amar sempre. Dóravante o joelho do homem não dobrará sinão diante da Mulher.

Recébe então a roza e, tendo beijado a sua haste, érgue-se e volta para o altar, enquanto os assistentes cantão — *Les pensées d'une fleur*, toda ou uma estrofe.

Morte de Clotilde

Chegado ao altar, o Celebrante colóca a flor no cálice e, ajoêlhando-se, dis:

No meio dos mais graves tormentos que póssão jámais rezultar da afeição, não cessaremos de sentir

que o essencial para a felicidade é sempre ter o coração dignamente cheio... mesmo de dôr, sim, mesmo de dôr, da mais amarga dôr.

CONCLUZÃO

A redenção—Advento sistemático do Pozitivismo

O Celebrante érgue-se, toma a roza, e a colóca no Ramalhete sagrado, dizendo:

Não ha nada real no mundo sinão amar
Amar ainda é melhor do que ser amado
Se cança de pensar, e até de agir cançamos;
Sómente amar não cança e nem dizer que amamos.

Viver para outrem. Eis a verdadeira felicidade, como o verdadeiro dever! Só tu ensinaste a fundir as suas fórmulas! Que prazeres podem eceder os da dedicação? O Amor por princípio, e a Ordem por baze; o Progrésso por fim.

Fazendo o sinal pozitivista. Ajoêlha-se.

Vergine-Madre, Figlia del tuo Figlio! Amen te plus quam me, nec me nisi propter te! Tre dolci nomi ha in te raccolti: Spoza, Madre, Figliola!

MORTE DE AUGUSTO COMTE

Os assistentes cantão a Ode de Jundzil ou apenas a estrofe final *Tal era o problema ingente*. 4 *de Aristóteles de* 47 (113)
1º de Março de 1901

Findo o canto, o Celebrante érgue-se, toma o Cálice e derramando os perfumes sobre as Flores sagradas, dis:

E no incomparavel martírio desses teus dois filhos predilétos findou-se o tempo das tuas torturas, como na

inecedível ventura que a ambos proporcionaste por uma união sem ezemplo, inaugurou-se a tua felicidade etérna.

Viver para outrem — Familia — Patria — Humanidade.

1 h. da tarde 1 *de Aristóteles* de 47 (113)
27 de Fevereiro de 1901.

1.º Ima
Espaço.

O Celeb
nóssos esfór
permitirá ja
ptivel do qu
Deuza de a
mos, pois, a
acumulaste
nós-mesmos
curaremos c
vel comunh
lhos uma p
deles em in
cia. Nós te
esperamos a
todo o enca
namente na

Efuzão

SOFIA

1.º Imagem da Humanidade na Terra envolta pelo Espaço.

FETICHISMO

O Celebrante — Por maiores que póssão ser os nóssos esfórços, a mais longa vida bem empregada não permitirá jamais restituir sinão uma parte imperceptivel do que temos recebido de ti, Humanidade, suave Deuza de amôr. (*Catecismo* p. 244) Como poderiamos, pois, agradecer-te assás os bens que para nós acumulaste na Terra, no Espaço, e incorporaste em nós-mesmos, consubstanciando-te na Atualidade? Procuraremos compenetrar-nos cada vês mais dessa inefável comunhão que torna cada um dos teus dignos filhos uma personificação tua, erigindo o mais humilde deles em incomparavel rezumo da tua glorióza ezistencia. Nós te invocaremos cantando os teus louvores, e esperamos assim triunfar afinal do egoismo, gozando todo o encanto do altruismo, e revivendo um dia eternamente na tua posteridade.

TEOLOGISMO

2º Imagem da Humanidade glorificada em Notre Dame

O Celebrante — Paris não é uma cidade; Paris é a França; Paris é o Ocidente; Paris é a Europa; Paris é a Terra.

Ajoêlha-se, bem como os assistentes. Os assistentes cantão:

Donna sei tanto grande e tanto vali
etc.

O Celebrante:

Vergine-Madre. Figlia del tuo Figlio
Amemus te plus quam nos, nec nos nisi propter te.

3º Imagem Final — A Humanidade glorificada em Constantinopla

Pozitivismo

O Celebrante dirige-se então para a Cátedra, trazendo os símbolos do martírio (o Cálice) que ele colóca sobre o púlpito. O Ministro trás o Missal. Por diante do Celebrante um grupo de crianças aprezenta cestas com flores, que ele abençoa dizendo:

Em nome da Humanidade! O Amor por principio, e a Ordem por baze; o Progresso por fim. Ide, levai e transmiti à Atualidade, os vótos da Prioridade e as esperanças da Posteridade.

Então sêntão-se todos. Distribúem-se as flores enquanto se canta um hino adequado. Finda a distribuição o Celebrante e os assistentes érguem-se. O Celebrante dis:

A Humanidade seja eternamente convosco.

Beija então um dos Ministros que transmite o beijo ao outro, enquanto os assistentes beijão-se. 14 *de Aristóteles* 47 (113).
11 de Março de 1901

Volta para o altar, e, ajoelhando, dis:

Vergine-Madre, Figlia dei figli tuoi
Amemus te plus quam nos, nec nos nisi propter te.

Os Assistentes repétem em coro:

Vergine-Madre etc.

O Celebrante:

Ave Clotilde, Vergine-Madre, Figlia del tuo Figlio
Termine fisso d'eterno consiglio.
Tre dolci nomi ha in te raccolti
Spoza, madre, figliola.
Amemus te etc.

Os Assistentes:

Ave Clotilde etc.

O Celebrante:

Tu duca, tu Maestro, tu Signore, Augusto Comte
Figlio della tua Figlia Clotilde, Vergine-Madre tua e nostra

Amemus te, etc.

Os Assistentes:

Tu duca, etc.

O Celebrante:

Vergine-Madre. Humanitá. Diva d'amore
Figlia dei Figli tuoi

Non è l'affezione nostra tanto profonda
Che basti a render te grazia per grazia
Amemus te etc.

Os Assistentes:

Virgine-Madre, etc.

O Celebrante:

Amen.

Ergue-se, volta-se para os assistentes e dis:

Ide, o homem se agita e a Humanidade o condús. O Amor por princípio, e a Ordem por baze; o Progrésso por fim. Ordem e Progrésso. Viver para outrem. Família — Patria — Humanidade — Viver às claras.

Os assistentes em coro:

Amen.

O Celebrante déce; toma na cátedra o cálice e retira-se enquanto a orquestra toca uma marcha solene.

4 *de Aristóteles de* 47 (113)
1º de Março de 1901

Acabado de copiar em

18 *de Archimedes de* 47 (113)
12 de Abril de 1901

—o—

NOTAS

25 de Shakespeare de 47 (113)
4 de Outubro de 1901

Os estudos que ultimamente tenho feito acerca das origens da liturgia católica, me fizérão reconhecer a necessidade de modificar o projéto anterior, acerca das véstes apropriadas à celebração do ofício da Humanidade. Creio que é necessario aprossimar-nos mais das véstes tradicionais, e que de fato vêm desde o fetichismo astrolátrico, pelo menos algumas. Assim, sem nenhum artifício, o celebrante recordará que o sacerdocio da Humanidade é o continuador dos sacerdocios antigos. Eis as concluzões a que já cheguei nesse sentido.

As véstes dos sacerdotes antigos érão de linho *branco;* parece, pois, que convem adotar esse traje nas solenidades pozitivistas. Isto não impéde que as *véstes habituais* sejão *pretas* ornamentadas de *verde,* confórme se depreende das indicações do nósso Mestre. Tambem as *véstes habituais* dos padres católicos são *pretas.*

Não sei se convem conservar o *Amito,* cuja origem não consegui ainda descobrir de uma maneira *cérta.* Suponho que vem do paramento que os *Augures* colocávão sobre a cabeça na ocazião de funcionar. A importancia desses sacerdotes e o fato do catolicismo ter tirado deles a fórma do *baculo* episcopal, indus-me a essa hipóteze que ainda não encontrei formulada. As

origens que tenho encontrado mencionadas não satisfazem. Inclino-me a adotá-lo, já dando-lhe esta interpretação, já como comemorando o Catolicismo.

A *estóla* é, segundo rezulta do que tenho lido, apezar do que pretendem vários autores católicos, tirada do *ephod* judeu, que paréce provir dos sacerdotes egípcios. Conviria, pois, adotar um paramento equivalente: uma facha verde, uzada a modo do *ephod*.

O *manípulo,* cuja origem tambem não pude achar satisfatóriamente, embóra faça a hipóteze de provir da *bulga* (*sacola*) antiga, deve ser substituido pelo *laço verde*, instituido pelo nosso Mestre. Ao colocá-la, convem proferir as palavras: Estando prezo, sinto-me livre (S. Paulo). A liberdade consiste no amôr. A submissão é a baze do aperfeiçoamento.

A *casula* parece-me dever ser modificada quanto a fórma atual, restabelecendo a *penula* que devia ter sido uzada por S. Paulo. Paréce-me tambem que a sua côr deve variar com as cerimônias como acontéce no rito romano. Apenas já percebi a conveniencia de ser *branca* nas maióres festas; *preta* nas comemorações funebres; *verde* nas féstas da Terra e do mês industrial; *rózea* na fésta do fogo e do politeismo militar; sempre esse fundo semeado de flores predominando a *roza*.

RAY.DO T. MENDES.

P. S. As atitudes da oração católica sendo tambem tiradas das antigas atitudes, paréce-me que conviria conservá-las *dando-lhes o cunho antigo,* salvo na parte da ceremonia relativa ao catolicismo na qual convem manter a atitude católica.

RAY.DO T. MENDES.

6 de Descartes de 47 (113)
13 de Outubro de 1901

Desde o dia 3 de Descartes (10 de Outubro) que fui levado a pensar que nas comemorações do Céu, a cazula deve ser *azul* celeste. Hoje sou induzido a pensar que conviria que ela reprezentasse o quadro do Céu em Paris, à tarde, (1) no Venerdia, 16 de Maio de 1845, dia em que, segundo o testemunho do nosso Mestre, surgiu o Pozitivismo religiozo.

RAY.DO T. MENDES.

12 de Descartes de 47 (113), sabado
19 de Outubro de 1901

Paréce-me que as véstes pontificais devem reduzir-se a *alva*, cingida por uma facha verde colocada a modo do *ephod* que sem dúvida tem uma origem egipcíaca; e sobre a alva a *penula* de côr, adequada a ceremônia. Assim a véste terá uma parte comum a todas as solenidades (comemoração geral) e uma parte variável com a festa (comemoração especial).

Tambem cheguei à concluzão de que o *cálice* e a *hóstia* devem ser préviamente colocados sobre a credência, e trazidos por um acólito na ocazião conveniente; a maneira pela qual tinha concebido primeiro o ofício da Humanidade, dá um caráter muito preponderante a *eucarístia* que de fato apenas corresponde à primeira faze do Catolicismo. O Celebrante déve trazer o seu livro de orações, idêntico ao das Senhoras, como os dos demais crentes, tendo sobre a capa verde um ramalhete (cesta) de flores, imitação do de Clotilde.

RAY.DO T. MENDES.

---

(1) ... em Paris, á tarde. (Nota introduzida a 6 de Outubro de 1922).

A cerimônia de incensar o altar deve simbolizar a adoração dos astros e do Céu. E' precizo alterar a cerimônia nesta parte e na parte relativa ao Politeismo estético, (oférta da hóstia)-Politeismo militar (oférta das essências líquidas).

15 de Descartes de 47 (113)
22 de Outubro de 1901

Creio que é necessario dar às Senhoras uma maior participação na cerimônia; elas dévem oferecer o *fogo* em vazos de porcelana; trazerem a *lus* em vélas de cêra convenientemente ornamentadas; oferecerem os perfumes, especialmente o *incenso;* e depois as essências côr de róza e branca. Os homens trarão os turíbulos de *ferro* para receberem o *fogo* e os perfumes, as essências côr de róza, e a *hóstia*.

RAY.DO T. MENDES.

28 de Frederico de 47 (113)
2 de Dezembro de 1901

REVIZÃO DA CERIMONIA PRECEDENTE

A descrição do altar que se lê a fl. 9 até o § 2 escluzive, convem ao *Altar pozitivista ou definitivo*, que se erige sobre a Aria onde está a Estátua da Humanidade. Creio, porém, que por diante da cátedra sacerdotal, deve haver um *Altar provizório ou fetíchico*, sobre o qual se realiza a 1ª parte da *Comemoração geral*. Esse Altar deve ser um simples cenotáfio coberto de flores.

Isto posto, eis como concebo hoje o ofício da Humanidade.

ROZALIA

COMEMORAÇÃO

Preambulo

Antes de entrar o Celebrante, a orquestra ezecuta a *uvertura* que os assistentes escútão sentados. A auzência do Celebrante e a falta de canto, isto é, de *palavras*, lembra a faze primitiva da evolução humana ao desprender-se da animalidade. Quasi ao terminar a *uvertura*, entra o Celebrante pelo lado do altar que fica mais próssimo de Paris, afim de lembrar o berço da Religião Universal. O Celebrante tras o seu Ritual, identico ao das Senhoras, como o dos demais crentes, tendo sobre a capa verde um ramalhete (cesta) imitação do de Clotilde, circundado pela fórmula sagrada. Seguem-no os membros do colégio sacerdotal e os Aspirantes necessários á cerimônia. Um deles tras o Sacramentário.

Ao entrar o Celebrante, os assistentes erguem-se. O Celebrante chegando em frente ao altar genuflécsa-se, depois genuflécsa-se à direita e à esquerda em homenagem ao côro

feminino. Espéra então voltado para o altar que a orquéstra termine. Finda a muzica, os assistentes ajoêlhão. O Celebrante genuflécsa-se, érgue-se, e inicia a cerimônia. Todo o Colegio sacerdotal ajoêlha-se ao mesmo tempo que os assistentes.

O CELEBRANTE — Em nome da Humanidade, sustentada pela Terra e envolta com esta pelo Espaço,

(e fazendo o sinal pozitivista)

O Amor por princípio, e a Ordem por baze; o Progrésso por fim.

C.

(lendo no Ritual)

— Aprossimemo-nos do altar da Deuza, nossa Mãi Suprema.

MM. Da Deuza que enche a nóssa alma de uma alegria sempre nóva.

O Celebrante ajoêlha-se então e escuta em recolhimento o canto dos assistentes:

Este culto de amôr e reconhecimento não póde jámais cessar de alegrar-nos, consolar-nos, e sobretudo de melhorar-nos.

E' melhor amar do que ser amado.
Não ha nada real no mundo sinão amar.
O'! Madre del solo amore, ò Diva,
Non è l'affezione nostra tanto profonda
Che basti a render te grazia per grazie.

Findo o canto, o Celebrante ergue-se e recita o hino do Amor. S. Paulo, I. Ep. aos Corintios, Cap. 13.

Os MM. Amen.

E os assistentes cântão:

Se cança de pensar e até de agir cançamos;
E só amar não cança, e nem dizer que amamos.

COMEMORAÇÃO ESPECIAL

Os assistentes erguem-se ao mesmo tempo que os Ministros. O Celebrante vólta-se para os assistentes e proclama a festa do dia. Finda a proclamação vólta-se para a Humanidade enquanto os assistentes cantão um hino aluzivo á fésta do dia. Sobre a ária da Religião, ou alhures, erige-se um monumento aluzivo á festa do dia. Findo o canto, o Celebrante sóbe á cátedra pelo lado de Paris; o colégio sacerdotal o acompanha e ocupa a sua séde. Sêntão-se todos, e ouvem a leitura de trechos do nosso Mestre acerca da solenidade: esses testos serão comentados ou não.

Terminada a leitura, o Celebrante levanta-se e vólta-se ainda na cátedra para a Humanidade, e profére o *Gradual* e a *Aleluia*, e a Oração de Jorge Lagarrigue.

CLOTILDE

COMEMORAÇÃO GERAL

1.ª Parte

Período inaugural sintético

I Fetichismo

a) Fetichismo espontaneo

α) Fetichismo nômade — Fésta dos animais

O Celebrante déce da cátedra pelo lado mais afastado de Paris; chegando novamente em face da imagem da Humanidade, vólta-se para Ela, dis:

C. Glorifiquemos a Deuza, nossa Mãi suprema;

M. A Deuza que enche a nóssa alma de uma alegria sempre nóva.

C. O nósso socorro está na Humanidade .

M. Que desvendou as leis do Espaço, da Terra, e da sua própria alma, afim de milhor submeter-se a elas.

C. A submissão é a baze do aperfeiçoamento.

M. Vai-se com passo mais firme seguindo do que mandando.

Ajoêlhão-se e os assistentes fazem o mesmo.
O orquestra ezecuta uma sinfonia melancólica na qual se escútão entremeiados as vózes e os cantos dos animais mansos e ferózes, nomeadamente o Cão, o Cavalo e o Boi. Nesse interim os assistentes estão de joelhos, e o Celebrante dis, profundamente inclinado, o ato de Contrição, que simboliza a fraqueza inicial da Humanidade e a sua ingênua ternura fraternizando com os animais.

C. Nós confessamos etc.

M. Sustentados pela Humanidade etc.

C. Amen.

(ergue o corpo)

M. Confessando etc.

C. Protegidos etc.

Os ASSISTENTES — Amen.

C.

(Fazendo o sinal pozitivista)

Oxalá etc.

Etc.

Como se segue.

Os Ministros estão de pé diante das suas sédes.

6) Fetichismo sedentário — Fésta do Fogo

Séte Virgens nas séte idades da adolecência, reprezentando o colégio das Vestais, cuja instituição déve remontar ao Fetichismo, destácão-se então do côro feminino que está no Santuário. Este colégio de Vestais déve ocupar cadeiras á esquerda do altar, desde o começo do ofício. Séte Senhoras, sendo quatro cazadas, duas solteiras e uma viuva, ocúpão cadeiras simétricas á direita. Diante das primeiras haverá uma credência sobre a qual estará colocado um Lar de porcelana, munido de hastes laterais de madeira, para ser carregado como andôr, e dois pequenos feixes de plantas aromáticas. Nesse Lar haverá brazas. Diante das séte Senhoras haverá uma outra credência, sobre a qual se áchão seis vélas acezas e ornamentadas, ladeando um rico *aceiro*, com perfumes para

serem queimados. Estas séte Vestais dévem ser escolhidas — quatro entre as familias proletárias, duas entre as familias patrícias, e uma entre as familias sacerdotais, e mudarão em cada cerimônia tanto quanto possivel. Só podem ser escolhidas entre as familias cazadas religiozamente, isto é, cujos pais tiverem feito o vóto da viuvês etérna. E' precizo demais que os pais se tênhão comprometido a não consentir no cazamento antes de 21 anos complétos, não permitindo mesmo que fiquem noivas antes dessa idade. As Senhoras cazadas devem se ter cazado religiózamente. A viuva deve ser segundo a órdem da idade.

Quando a orquéstra tiver cessado, quatro Vestais da esquerda tomarão o Lar e as outras duas as plantas aromáticas, e as Senhoras da direita, seis, as velas e o aceiro: a mais velha das Senhoras levará os perfumes, e a seu lado se disporão as outras segundo as idades, as mais velhas mais próssimas da que leva os perfumes. Todas se encaminharão para o altar e o Celebrante, precedido do colégio sacerdotal, virá ao seu encontro. Nesse interim os assistentes cantão o hino ao Fogo. As Vestais colócão o Lar sobre o Altar Provizório e distribuem-se á esquerda do altar. As Senhoras á direita. A que prezide ao colégio aprossima-se do Celebrante que se acha entre o Altar e a cátedra sacerdotal e voltado para os assistentes. Findo o hino ao Fogo, o Celebrante dis:

Acende, Humanidade, em nóssos corações a chama do teu amor; com ele vivifica a mortiça lus da nóssa inteligência, e guia os nóssos passos e as nóssas mãos para o teu trabalho e felicidade.

1 de Bichat de 47 (113)
3 de Dezembro 1901

b) Fetichismo sistemático

α) Fetichismo astrolátrico — Fésta do Sol

Então a princeza do côro feminino oferéce os perfumes ao Celebrante, e dis:

Abençoai, Venerado Pai;

este se inclina e dis:

Abençoe-te Aquela por cujo suave mando serás queimado.

Lança então tres colhéres de perfume no Fogo, dizendo:

Suba até a tua prezença, soberano Astro, este incenso abençoado pela Humanidade, como sobre Ela décem as tuas graças.

6) Fetichismo militar — Fésta do Ferro

Do meio dos homens destácão-se então tres patrícios (1 Patrício. 1 Cavaleiro. 1 Ancião) e quatro proletarios. Estes séte cidadãos devem ocupar as cadeiras da primeira fileira junto à balaustrada que separa a nave do Santuário. Os patrícios ficarão à direita e os proletários à esquerda. Defronte de cada grupo eziste uma credência; a da esquerda terá quatro troféus de instrumentos de ferro: agrícolas, industriais, comerciais, dominando a bússola, e estéticos. Os tres patrícios trázem turíbulos com bazes de ferro, sendo o do meio suspenso por correntes de ouro, e os laterais de prata e platina. Chegados ao Santuário todos genuflécsão-se primeiro à Humanidade, depois á direita e á esquerda em homenagem á Mulher. Então sóbem até à Aria da Religião, onde o Celebrante, cercado das Vestais e do colégio sacerdotal, os recebe. Os patrícios aprezêntão os turíbulos, e o Celebrante tomando perfumes que a Princeza das Vestais oferéce, lança nos turíbulos, dizendo:

Dom prodigiozo etc.

Depois recébe do mais velho dos Patrícios o turíbulo, e incensando a Imagem da Humanidade, dis:

Dirija-se, Senhora, a nóssa oração á tua prezença, etc.

Entregando o turíbulo ao ancião:

A Humanidade seja convosco.
As Vestais: E com o teu coração.
Os Patricios: E com o teu espírito.
Os Proletarios: Com o teu coração e o teu espírito.

Então retirão-se todos e vão ocupar os seus lugares. Deixando as seis vélas acezas e os dois turíbulos entregues aos Ministros do altar.

II

Politeismo conservador ou teocratico
Fésta das castas

O Celebrante vólta ao meio do altar e um dos Ministros colóca o Sacramentário ao lado mais afastado de Paris. O Celebrante dis, voltado para a Humanidade:

Purifica e entuziasma os nóssos corações e os nóssos labios, Humanidade compassiva, que desde o início patenteaste as aspirações do teu altruismo estreme de toda mácula egoista; afim de que possamos anunciar, decorózamente e fecundantemente, os ensinos da tua sabedoria secular proclamados pelos teus sublimes Intérpretes. Amen.

O Celebrante sóbe então á cátedra pelo lado mais afastado de Paris, e aí chegando, dis voltado para os Assistentes:

Conhece-te a ti mesmo, afim de melhorar-te; só ha uma virtude, amar a Humanidade; só ha uma siencia, conhecer a Humanidade.

Fás então o sinal pozitivista, e senta-se para ler algumas páginas do Catecismo relativas à teocracia. Antes de fazer a leitura beija o livro no começo da página. Finda a leitura, beija nóvamente o livro, e o fechando, dis:

Que as palavras teocráticas se grávem em nóssos corações e nos libértem do egoismo ensinando-nos as delícias do altruismo. (Paráfraze do Catolicismo).

2.ª PARTE

Periodo preparatorio analítico

Evolução ocidental

I. Politeismo progressista ou militar

a) Politeismo intelectual (Sacrifício da população grega. Lenda Prometeu).

α) Politeismo estético (Homero-Eschilo-Fidias).

(*Não emancipado do teologismo*)

Muda-se o Sacramentário para o lado de Paris, para significar o advento da evolução grega - Atenas.

Sobre o altar de Homero, um sacerdote e dois vigários precedidos por um oficial da marinha policial personificando Salamina, (Temístocles e Alexandre) tomão o *popanon* que está sobre uma *pátena* tendo um pé em fórma de lira; e uma corôa de louro e outra de carvalho, e, como símbolo do politeismo grego, duas hastes encimadas pelas estátuas de Minérva e Zeus. O Sacerdote tras a pátena, com a corôa de louro, os vigários os símbolos do politeismo, e o marinheiro a corôa de carvalho, sobre um estandarte tendo pintada a vólta de Salamina. Chegando à Aria da Religião, genuflécsão-se saudando a Humanidade; o coro feminino entôa um cantico. O sacerdote recébe a pátena e, voltando-se para a Humanidade, dis:

Recébe, ó Mãi estremózissima etc.

Depozita a pátena sobre o altar, enquanto os portadores colócão-se à esquerda do altar.

β) Politeismo teórico. (Emancipação prematura do teologismo)

Então tres membros do colégio sacerdotal, e quatro aspirantes ao sacerdócio, tômão rolos sobre o altar de Aristóteles (os sacerdotes) e de Arquimédes (os aspirantes) e vêm colocar-se ao lado dos primeiros. O Celebrante recita então a 1ª lei de Thales e um dos seus princípios morais. Um princípio de Pitágoras. A lei intelectual - a lei social - e a lei moral de Aristóteles. O princípio do consenso de Hipócrates. A relação da esféra para o cilindro e o cône. A definição focal das seções cônicas. A lei da precessão dos equinócios.

b) Politeismo social.

De junto do altar de Cézar parte um grupo composto de 13 proletários, 6 gendarmes e um general trazendo emblemas tomados ao altar. Os proletários, emblemas industriais; os gendarmes, emblemas politicos; o general os símbolos do triunfo. Chegando ao Santuário um grupo de matronas e virgens, trazendo vázos com perfumes, vem ao seu encontro e os conduzem à Aria da Religião. Aí são recebidos por um sacerdote tendo o báculo augural acompanhado por dois aspirantes

que trazem — um, um vazo com perfume côr de roza, o outro um cálice antigo. Chegado junto ao altar colocão-se á direita. O General toma a galheta do aspirante e derrama algumas gotas no cálice. Uma das matronas aprossima-se e derrama tambem algumas gotas do perfume branco. Então o Celebrante toma o cálice e, voltando-se para a Humanidade, repéte os versos de Virgilio e depois acrescenta:

Suave e amoróza Deuza, etc.

II. MONOTEISMO

Substituição da atividade conquistadora pela atividade defensiva. — Tentativa de estabelecer o dominio da atividade industrial

a) Monoteismo teocrático.

Incorporação romana da Judéia

Abrahão — Moizés — Salomão

Do altar de Moizés sáem tres sacerdotes, — um tras uma toalha, o outro uma pequena bacia, e o terceiro o hissópe, e dirígem-se para o santuário. Aí chegados, pássão pelo lado esquerdo do altar e depois colócão-se do lado direito. O Celebrante lava então os dedos, dizendo:

Lavaremos as mãos, etc.

Então os sacerdotes dispérsão-se entre as pessoas que se achão na Aria da Religião, enquanto o Celebrante vai para o meio do altar e dis:

Aceito, etc.
Beija o altar, e voltando-se para os assistentes, dis:
C. Orai irmãos, etc.
M. Receba, etc.

b) Monoteismo católico

Uma parte dos que estão junto do altar dispõe-se a retirar-se com os diversos emblemas que troussérão (dissolução

moral do mundo romano). As Senhoras e os proletários permanécem. Os sacerdotes entrégão a pátena aos proletários e o cálice às Senhoras, e retírão-se para as suas sédes. Do altar de S. Paulo, um sacerdote encaminha-se então para o Santuário; chegando aí o sacerdote recébe a pátena do Proletário e entrega ao Celebrante que a depozita sobre o altar; depois recébe o Cálice da Mulher e fas o mesmo.

O CELEBRANTE: A caridade não acabará nunca, etc. Sempre ezistirão a fé, a esperança, e a caridade; porem a caridade é e será sempre a maior de todas.

Nós te rogamos, Mãi devotaõissima, que te dignes fazer estas oferendas, etc.

Então, do altar de Cézar, alguns gendarmes acompanhados por um general com os troféus imperiais, encaminhão-se para o Santuário e vêm colocar-se ao lado esquerdo do altar.

O CELEBRANTE: Per cedere al pastor se fece Greco.

Nós te suplicamos, etc.

Do altar de Carlos Magno, se dirigem então tres cavalheiros trazendo emblemas medievais e vêm colocar-se á direita do Santuário.

O CELEBRANTE: Que a Atualidade, etc.

c) Monoteismo islâmico

Advento — Mahomet — Tentativa de continuidade

E para melhor nos compenetrarmos da perfeita continuidade, etc.

Luta entre o catolicismo e o islamismo

O Celebrante tomando a pátena com a Hóstia continua, etc.

O Celebrante depõe a pátena com a hóstia, etc.

Côro feminino trazendo flores que vem da Capela de Heloiza, e cérca o altar com outras Senhoras saídas do Santuário.

3.ª PARTE

Revolução ocidental

a) 1.ª *faze* (*XIV e XV*)

Da capéla de Dante, sái um grupo de aspirantes prezidos por um sacerdote, e encaminhão-se para o Santuário, cantando:

Vergine-Madre.

O Celebrante: E o mais sublime dos místicos, etc.

b) 2.ª *faze*. *Protestantismo*. (*XVI* — 1688)

Separação do Ocidente entre o Catolicismo e o Protestantismo

Das capelas de Gutenberg, Shakespeare, Descartes. Córos que se encaminhão para o Santuário e ficão na nave.

c) 3.ª *faze*. *Deismo*. (1688-1789)

Sáem da capela de Frederico e de Bichat.

A GRANDE CRIZE

As Senhoras sóbem à Aria da Religião e cércão o Celebrante, enquanto os ministros se aprossimão dele com os turíbulos. O Celebrante dis:

Em vão o temerozo incendio parecia devorar todos os frutos do teu martírio, envoltos nos tocantes emblemas com que os resguardaste outróra.

(Lança nos turíbulos os fragmentos da Hóstia). Nesse interim as Senhoras continúão a subir para o Altar Pozitivista, e vão ficando nos divérsos degráus, abrindo alas ao Celebrante; duas só continúão acompanhadas por crianças de ambos os sexos (a Posteridade) levando cestas com flores, até chegar junto à estátua da Humanidade onde se consérvão - uma, à direita e outra, à esquerda. O Celebrante levando o cálice chega depois delas, acompanhado pelos Mi-

nistros que trazem os turíbulos, e tomando no Ramalhete Sagrado, a Roza da solenidade precedente, lança-a no turíbulo dizendo:

Mesmo as construções que já refulgíão, através das dilaceradas ficções, na amplidão do Espaço, na imensidade da Terra, e na sublimidade da tua alma!

As Senhoras cantão:

Oxalá, etc.

Ao mesmo tempo o Celebrante tomando o turíbulo, etc. Os ministros décem (izolamento do nosso Mestre).

Faze deciziva — Revelação da Humanidade

Findo o canto, a Senhora que está á direita do altar vem ao encontro do Celebrante, seguida pelas crianças com as cestas de Flores. O Celebrante se dirige para Ela, e ajoelhando aos seus pés, dis: Etc.

Recebe então a roza, etc.

MORTE DE CLOTILDE

A Senhora retira-se para a direita, e a segunda (Proletária) aprossima-se dela. Chegado ao altar o Celebrante dis:

CONCLUZÃO

.....

Viver para outrem, etc.

O Celebrante déce trazendo o cálice e as Senhoras e as crianças o acompanhão, voltando para os seus lugares, enquanto Ele sóbe á catedra.

EFUZÃO

1 de Bichat de 47 (113)
3 de Dezembro de 1901

Rio, *3 de Bichat de 47 (113)*
5 de Dezembro de 1901

1. Paréce-me que a comemoração geral deve ser feita com trechos dos grandes poétas ou dos grandes homens da época celebrada.

2. E' precizo reprezentar o islamismo por uma *teoria* que parta do altar de Moizés com a bandeira de Mahomet, e que vá tomando emblemas em todos os altares até Carlos-Magno.

3. Para reprezentar o Catolicismo, o Sacerdote que vem do altar de S. Paulo deve trazer o crucifixo.

4. Quando os cavalheiros sairem do altar de Carlos-Magno com as *divizas*, um sacerdote sairá do altar de Heloiza com a efígie da Virgem.

Rio, *4 de Bichat de 47 (113)*
6 de Dezembro de 1901

Na fésta do fetichismo astrolátrico é precizo fazer figurar um símbolo da China. Confucio e Meng-tzeu.

6 de Bichat 47 (113)
8 de Dezembro 1901

O altar Provizório deve ser armado na ocazião para ser removido no fim da comemoração.

7 de Bichat 47 (113)
9 de Dezembro 1901

O altar provizório deve ser transportado por Senhoras seguidas de Anciãos antes da comemoração geral.

11 de Bichat 47 (113)
13 de Dezembro 1901, 11 hs. da noite

Até hoje tinha tomado os reprezentantes da Humanidade, na Evolução Ocidental, considerando a data da sua morte, em vês da data do seu principal concurso. Cumpre corrigir esse ponto.

22 de Bichat 47 (113)
24 de Dezembro 1901

As senhoras, na comemoração do teologismo devem vir da Capela de Heloiza.

Oratório doméstico da familia R. Teixeira Mendes

RELIGIÃ

O Amôr por p
O

Ordem e Progresso.

ENSAIO SOB

Terceiro esboç
(3 de Dezembro de

Lembr
companhei
soárão par
ção as ceri
do convent
(Inscr
née du ch
bette).
Trata-
rar íntima
ramentos
tólico da i
esboçar de
(32ª C

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

O Amôr por princípio, e a Ordem por baze;
O Progrésso por fim.

Ordem e Progresso. Viver para outrem. Viver às claras.

ENSAIO SOBRE O CULTO PUBLICO

R. Teixeira Mendes.
42. Rua Benjamin Constant

Terceiro esboço redigido a 1 de Bichat de 47 (113) (3 de Dezembro de 1901).

Lembrança precióza da minha mocidade, companheiro e guia das horas santas que soárão para mim, evóca sempre ao meu coração as cerimônias grandes e suaves da capéla do convento!...

(Inscrição de Clotilde, em 1837, na *Journée du chrétien,* seu livro uzual na rua Barbette).

Trata-se sobretudo, no fundo, de incorporar íntimamente ao pozitivismo, com melhoramentos radicais, tudo quanto o sistema católico da idade média pôde realizar ou siquér esboçar de grande e de térno.

(32ª Carta de Augusto Comte a Clotilde).

OFICIO DA HUMANIDADE

Ensaio sociolátrico

1. Na ária superior está o Altar definitivo que simboliza o túmulo do nósso Mestre e os seus três Anjos. Sobre ele erige-se, em um pedestal, a estátua da Humanidade, personificada por CLOTILDE; aos lados do pedestal estão: ROZÁLIA à direita, e SOFIA à esquerda, sentadas sobre a lápide do túmulo. ROZÁLIA medita com a cabeça melancólicamente inclinada para o cenotáfio; SOFIA contempla n'um êstaze esperançozo a efigie da Deuza. Por diante do pedestal, acha-se um sacrário envidraçado em cujo interior se descóbre, sobre uma almofada verde, o *Volume Sagrado*, e, encimando-o, uma *Cêsta de Flôres* artificiais, predominando as rózas. Este ramalhete, ao mesmo tempo que nos recórda o mimo de CLOTILDE a AUGUSTO COMTE, reprezenta o conjunto das gráças acumuladas pela Humanidade. No meio das flôres, haverá uma haste preparada para receber uma róza natural. O sacrário é feito de modo que as faces póssão ser simultaneamente removidas, deixando o *Ramalhete Sagrado* a descobérto.

2. Na ária da Religião, por diante da cátedra sacerdotal, déve haver um *Altar provizório*, sobre o qual se realiza a Primeira Parte da Comemoração Geral. Esse Altar déve ser um simples cenotáfio coberto de flores, [e tendo nas quatro faces verticais paineis aluzivos à vida pastoral.] (1)

3. As véstes sacramentais são uma alva cingida por uma faxa verde e uma pénula de côr variavel com a fésta e matizada de rózas. No braço direito o Celebrante terá o laço verde, e ao pescoço trará uma corrente de ferro entrelaçada de uma fita verde à qual está preza uma imagem da Humanidade.

COMEMORAÇÃO

Preambulo

Antes de entrar o Celebrante, a orquéstra ezecuta a *uvertura* que os assistentes escútão sentados. A auzencia do Celebrante e a falta de canto, isto é, de palavras, lêmbrão a faze primitiva da evolução humana ao desprender-se da animaverde um ramalhete, imitação do de CLOTILDE, circundado pela lado do altar que fica mais próssimo de Paris, afim de lembrar o berço da Religião Universal. O Celebrante tras o seu Ritual, idêntico aos dos demais crentes, tendo sobre a capa verde um ramalhete, imitação de CLOTILDE, circundado pela fórmula sagrada. Seguem-no os membros do colégio sacerdotal e os aspirantes necessarios à cerimônia. Um deles trás o Sacramentário.

---

(1) (2 *de Bichat de* 47/113 — 4 *Dezembro* 1901).

Ao entrar o Celebrante, os assistentes erguem-se. O Celebrante chegando em frente ao altar genuflécsa-se, depois genuflécsa-se à direita e à esquerda em homenagem ao sexo feminino. Os membros do colégio vão ocupar os diversos altares da nave. Todos espérão de pé que a orquéstra termine. Finda a múzica, os assistentes ajoêlhão. O Celebrante genuflécsa-se, érgue-se, e inicia a cerimônia.

O CELEBRANTE — Em nome da Humanidade, sustentada pela Terra e envolta com esta pelo Espaço!

O Amôr por princípio, e a Ordem por baze;
O Progrésso por fim.

(Ao recitar a fórmula sagrada, fas o sinal).

C. — Aprossimemo-nos do altar da Deuza, nossa Mãi Suprema.

M. — Da Deuza que enche a nóssa alma de uma alegria sempre nóva.

(O Celebrante ajoelha-se então e escuta em silêncio o canto dos assistentes).

Este culto de amôr e reconhecimento não póde jamais cessar de alegrar-nos, consolar-nos, e sobretudo de melhorar-nos.

E' melhor amar do que ser amado.
Não ha nada real no mundo sinão amar.
Oh! Madre del solo amore, ó Diva,
Non è l'affezione nostra tanto profonda
Che basti a render voi grazia per grazie.

Findo o canto, o Celebrante ergue-se e recita o hino do Amor. S. Paulo, I. Coríntios, Cap. 13.

Si falarmos a lingua dos homens e dos anjos e não tivermos amôr, seremos como o bronze soando ou como os címbalos vibrando.

Si tivermos o dom das profecias, e conhecermos todos os mistérios e toda a siência, e si tivermos a fé capas de transportar montanhas, e não tivermos amôr, nada seremos.

E si distribuirmos em alimento dos póbres todos os nóssos bens, e si entregarmos os nóssos córpos para sêrem queimados, e não tivermos amôr, de nada nos servirá.

O amôr é paciente, é benigno; o amôr nada inveja, não age irrefletidamente, não se ensoberbece.

Não é ambiciozo, não procura o seu, não se irrita, não pensa no mal;

Não se regozija com a iniquidade, alégra-se com a verdade;

Tudo sófre, tudo crê, tudo espéra, tudo supórta;

O Amôr não acabará nunca; quer se esvaêção as profecias, quer céssem as linguas, quer se destrua a siência.

Agora e sempre permanecerão o amôr, a fé, e a esperança; éssas três virtudes; a maiór, porem, é e sempre será o amôr.

Os Ministros respondem: Amen.
E os Assistentes cantão:

Se cança de pensar e até de agir cançamos;
Sómente amar não cança, e nem dizer que amamos.

COMEMORAÇÃO ESPECIAL

ROZALIA

Os assistentes erguem-se ao mesmo tempo que os Ministros. O Celebrante vólta-se para os Assistentes e proclama a fésta do dia. Finda a proclamação vólta-se para a Humanidade. Os assistentes cântão um hino aluzivo. Sobre a Aria da Religião ou alhures ergue-se um monumento aluzivo à festa do dia. Findo o canto, o Celebrante sóbe à cátedra pelo lado de Paris; os Ministros ocúpão as suas sédes. Sêntão-se todos, e ôuvem a leitura de trechos do nósso Mestre acerca da solenidade: esses testos serão comentados ou não.

Terminada a leitura o Celebrante levanta-se e vólta-se ainda na cátedra para a Humanidade, e profére a Oração de Jorge Lagarrigue:

Oremos — Ergamos os nossos corações à Humanidade e lhe testemunhemos o reconhecimento de que se

sêntem replétos pelos ensinos que acabamos de receber; que estes frutifíquem em nóssas almas, e que, ao saírmos deste recinto, levemos a rezolução feita de dedicar todos os nóssos esfórços a coadjuvar, em nós e em outrem, a vitória do altruismo sobre o egoismo. Rendamos graças especiais ao nósso augusto Mestre e à sua imaculada Inspiradora, aos quais devemos a revelação final da Humanidade e da sua sublime doutrina. — Que a tua palavra de vida, ó Santa Humanidade, seja não sómente bem aceita e compreendida, mas, antes de tudo, aplicada com zelo a todos os átos da nóssa vida, privada e publica. Amen.

Recita o *Gradual*, e os Assistentes cantão o *Aleluia*. (Paráfraze do Catolicismo).

COMEMORAÇÃO GERAL

CLOTIDE

Primeira Parte

Faze preparatória da evolução

I

Período inaugural sintético

A

Fetichismo

a) Fetichismo espontaneo

α) Fetichismo nômade. Fésta dos Animais.

O Celebrante déce da cátedra pelo lado mais afastado de Paris; chegando nóvamente em face da imagem da Humanidade, vólta-se para Ela, e dis:

C. Glorifiquemos a Deuza, nóssa Mãi suprema;

M. A Deuza que enche a nóssa alma de uma alegria sempre nóva.

C. O nósso socorro está na Humanidade.

M. Que desvendou as leis do Espaço, da Terra, e da sua propria alma, afim de melhor submeter-se a élas.

C. A Sumbissão é a baze do aperfeiçoamento.

M. Vai-se com passo mais firme seguindo do que conduzindo.

Ajoêlhão-se, com os assistentes.

A orquestra ezecuta uma sinfonia na qual se escútão entremeiadas as vózes e os cantos dos animais mansos e ferózes, nomeadamente o cão, o cavalo e o boi.

[Vem um altar carregado por aspirantes seguidos por Meninos e Senhoras.] (1)

Nesse interim, o Celebrante lê os seguintes trechos que caraterizão a fraqueza inicial da Humanidade e a sua ingênua ternura fraternizando com os animais.

> "E eles se falavão assim, e um cão que estava deitado ergueu a cabeça e levantou as orelhas. ... Ele reconheceu Ulisses que se aprossimava, sacudiu a cauda, e endireitou as orelhas; mas não pôde ir ao encontro do seu Senhor, que, o tendo visto, enxugou uma lágrima.
>
> *Odisséia* — Canto XVII.

> "E ele disse rudemente aos cavalos do seu pai: Xanto e Balios, ilustres filhos de Podarge, restitui desta vês o vósso condutor aos Gregos quando estiverdes saciados do combate...
>
> *Iliada* — Canto XX

(1) (7 *de Bichat* 47/113 — 9 *Dezembro* 1901).

"E quatro pastores conduzíão os bois, e nóve cães rápidos os seguíão. E eis que dois leões horriveis apanhárão à frente das vacas, um touro que mugia, e ele era arrastado, dando longos bramidos. Os cães e os pastores os perseguíão; mas os leões dilacerávão a péle do grande boi, e bebíão as suas entranhas e o seu sangue negro. E os pastores açulávão os cães rápidos que recuzávão morder os leões, e não ladrávão de pérto sinão para fugir lógo depois.

Iliada — Canto XVIII.

Depois prosegue neste ato de humildade:

C. Curvados aos teus pés, suave Deuza, fonte perene de todas as graças, confessamos compungidos que frequentemente erramos, por pensamentos, palavras e átos, já pela nóssa ignorância e fraqueza, já por nóssa culpa, nóssa culpa, nóssa mássima culpa.

(Bate três vezes no peito com a mão direita.)

Não césses, pois, de amparar o nósso débil altruismo.

M. Sustentados pela Humanidade, e as gloriózas personificações que Ela nos deu por Anjos universais e domésticos, conseguiremos, como Ela, elevar-nos da mais humilde condição às sublimidades do altruismo, vivendo para outrem, afim de reviver em outrem por outrem.

C. Amen.

(E fazendo o sinal pozitivista):

Oxalá mereçamos a indulgência, a absolvição, e a remissão dos nóssos pecados, pela nóssa crecente dedicação à Familia, à Patria e à Humanidade.

(E inclinado proségue):

O homem se agita e a Humanidade o condus.

M. O amôr prevalecerá, pois, cada vês mais.

C. E melhor se patenteará que não ha prazeres que ecêdão os da dedicação.

M. E que só somos felizes quando a nóssa felicidade a ninguem aflige ou ofende.

C. Sejamos cada vês mais gratos à Humanidade.

M. E os nóssos louvores crêção em torno do seu doce nome.

C. A Humanidade seja convosco.

M. E com o teu coração.

Separando e unindo as mãos, o Celebrante dis em vós alta: *Oremos*, e proségue em vós baixa, em sinal de humildade enquanto sóbe os degráus do altar, pelo lado mais afastado de Paris. Esta cerimônia reprezenta a passagem para o periodo sedentário. A orquéstra deve ter findado a sinfonia, na qual por fim não se escútão mais os rugidos dos animais ferozes.

Come l'augello, intra l'amate fronde,
Posato al nido de'suoi dolci nati
La notte, che le cose ci nasconde,

Che, per veder gli aspetti disiati,
E per trovar lo cibo onde gli pasca,
In che i gravi labor gli son aggrati,

Previene il tempo in sull'aperta frasca,
E con ardente affetto il sole aspetta,
Fiso guardando, pur che l'alba nasca.

(DANTE. *Paraizo*. Canto XXIII).

— Esquece, piedóza Mãi, as demazias do nósso egoismo, e ezalta as potências do nósso altruismo, afim

de que nos aprossimemos do Santo dos Santos com um coração térno e puro. Amen.

Culto dos mortos

Chegado ao altar, a orquéstra fás ouvir uma breve melodia fúnebre enquanto o Celebrante dis:

C. Quizéramos poder servir-te e glorificar-te como todos aqueles que te amárão dignamente e aqui se achão nas suas reliquias ou simbólicamente..

(Beija o altar)

sobretudo CLOTILDE com ROZÁLIA e SOFIA e AUGUSTO COMTE, as tuas supremas personificações.

Céssa a orquéstra; os assistentes sêntão-se.

Fetichismo sedentário. Fésta do Fogo

Séte Virgens nas séte idades da adolecência, reprezentando o colégio das Vestais, cuja instituição deve remontar ao Fetichismo, ocúpão cadeiras à esquerda da Aria da Religião, desde o começo do ofício. Séte Senhoras, sendo quatro cazadas, duas solteiras e uma viuva, ocúpão cadeiras simétricas à direita da mesma Aria. Diante das Vestais haverá uma credência sobre a qual estará colocado um Lar de porcelana munido de hastes laterais de madeira, para sêr carregado como andór, e tres pequenos feixes de plantas aromáticas. Diante das séte Senhoras haverá uma outra credência sobre a qual se áchão seis velas de cêra acezas e ornamentadas ladeando um formozo cófre com perfumes para sêrem queimados. As séte Vestais serão escolhidas, quatro entre as familias proletárias, duas entre as familias patricias e uma entre as familias sacerdotais, e mudarão em cada cerimônia tanto quanto possivel. Só pódem ser escolhidas entre as familias cazadas religiózamente, isto é, cujos pais tiverem feito vóto de viuvês eterna. E' precizo demais que os pais se tênhão comprometido a não consentir no cazamento delas antes de 21 anos complétos, não permitindo mesmo que fiquem noivas antes dessa idade. As Senhoras cazadas devem ter tido a consagração religioza. A ordem entre as séte Senhoras será a da idade.

Quando a orquestra houver cessado, as quatro Vestais mais Moças tomarão o Lar, e as tres mais Meninas tomarão os feixes aromáticos. As seis Senhoras mais moças tomarão as vélas, e a mais idósa levará os perfumes, tendo três de cada lado, e indo ela no centro. Os dois grupos se dirigem para a frente do Altar, e o Celebrante precedido do Colégio

sacerdotal virá ao seu encontro. Nesse interim os assistentes cântão o *Hino ao Fogo*, por ezemplo:

Hino ao Fogo

Como se funde a dureza
Ao teu possante calôr,
Se abrande assim o egoismo
Nas ancias do puro amôr.

Como se incede o perfume
No teu ardente fulgôr,
A mente assim se ilumine
Aos brilhos do puro amôr.

Como distila os aromas
Teu rutilante vapôr
A vida em culto sublímão
Os atos do puro amôr.

As Vestais depozitão o Lar sobre o Altar Fetichista e colócão-se à esquerda. As Senhoras depõem as seis vélas, sendo três de cada lado e na mesma linha, entre o Lar e a cátedra sacerdotal. A primeira das Senhoras fica à direita do Celebrante, e a primeira das Vestais à esquerda; esta recebe um dos feixes aromáticos. Findo o Hino ao Fogo, o Celebrante dis: (Est. dos livros da India primeiro).

C. Acende, Humanidade, em nóssos corações a chama do teu amôr; com ele vivifica a mortiça lus da nóssa inteligencia, e guia as nóssas mãos e os nóssos passos para o teu trabalho e felicidade.

(Paráfrase do ritual católico).

b) Fetichismo sistemático.

α) Fetichismo sacerdotal. Fésta do Sól. (1)

---

(1) *Introduzir uma lembrança da China. Palavras de Confucio.*

Então a primeira das vestais oferéce o feixe das plantas aromáticas dizendo:

Abençoai, venerado Padre.

O Celebrante responde:

Abençôe-te Aquela por cujo suave mando serás queimado.

Lança então o feixe no Lar, dizendo:

Súbão até a tua prezença, poderozo Sól, Astro benino que equilibras a Terra, a Lua, Jupiter e os ástros todos, irmão da Terra, esses aromas abençoados pela Humanidade, como sobre Ela décem as tuas inezauríveis graças.

O côro feminino:

Amen.

β) Fetichismo militar. Fésta do Ferro.

Da nave destácão-se então tres Patrícios e quatro Proletários. Estes séte cidadãos dévem ocupar as cadeiras mais próssimas da balaustrada que separa a nave do Santuário. Os Patrícios ficarão à direita, e os Proletários à esquerda. Os Patrícios serão: um escolhido entre os chéfes industriais, outro entre os cavalheiros, e o terceiro entre os anciãos retirados. Os Proletários pertencerão às quatro classes industriais. Defronte de cada grupo eziste uma credência com emblemas. A da esquerda terá quatro hastes com troféus de instrumentos de férro, agrícolas, fabris, comerciais(especialmente a bússola e a âncora) e estéticos (como rezumo dos que se destinão a agir sobre o hômem). Na da direita haverá tres turíbulos de férro, suspensos por correntes de ouro, prata e platina. Chegados ao santuário todos genuflécsão-se, primeiro em adoração à Humanidade e depois à direita e à esquerda em homenagem ao côro feminino. Então sóbem até a Aria da Religião, onde o Celebrante cercado das vestais, das matronas e do colégio sacerdotal os recebem. Os Patrícios aprezêntão os turíbulos, e os proletários colócão-se dois à direita e dois à esquerda. A primeira das Matronas oferéce os perfumes, e o Celebrante lança uma colher em cada um dos turíbulos, dizendo:

Dom prodigiozo entre os mais, soberano Férro, primícia sublime que a Terra outorgou à Humanidade, por meio do Fogo e da Lus, para sêr, com o Fogo e a Lus, o supremo instrumento do seu surto industrial e moral: com o teu aussílio, Ela caminhou, através da

guerra e da escravidão, para a pas universal, domando o egoismo e estraindo os preciózos metais destinados a permitir a tua inteira aplicação ao trabalho, substituindo, com a moéda, a violência e a fraude pela liberdade e a franqueza. Léva à nossa glorióza Mãi os perfumes da nóssa adoração.

O Celebrante colóca de novo incenso nos turíbulos, e recebendo o do ancião, vólta-se para a Humanidade e incensa o Altar, dizendo:

Dirija-se, Senhora, a nóssa oração à tua prezença como o incenso. A elevação das nóssas mãos seja velós no teu serviço, como os seus flócos rólão em torno da tua imagem. Põe, Senhora, guardas em nóssas bocas e pórtas em redór dos nóssos lábios, para que os nóssos corações não deslízem em palavras de malícia ou em sofismas.

Psalmo.

Para incensar o altar, o Celebrante caminha do centro para o lado mais afastado de Paris, lançando o incenso três vezes para os castiçais. Chegado aí, abaixa a mão, incensa a parte posterior primeiro em baixo, depois em cima; voltando-se para o altar e levantando a mão, incensa a meza do altar, conduzindo o turíbulo até o meio, como em três semi-círculos dirigidos para o meio, fas a reverência conveniente, incensa tres vezes, sempre andando, o outro lado (para os castiçais) até o lado mais próssimo de Paris; depois a parte posterior, primeiro em baixo, depois em cima; e sem sair daí, levanta o turíbulo e incensa a meza do altar como fês no lado oposto; abaixando depois um pouco a mão, incensa três vezes a frente do altar, caminhando até o meio deste; e fazendo nóvamente a reverência conveniente, incensa igualmente três vezes a outra parte anterior do altar indo do meio até a estremidade mais afastada de Paris. Aí entrega o turíbulo ao ancião de quem recebêra. (Cerimônia católica)

B

Politeismo conservador ou teocrático

Da capéla de Moizés, dirige-se para o Altar fetichista uma teoria compósta de tres sacerdótes (Egito, Caldeia e India)

seguidos de dois aspirantes (Grecia e Roma) e de Militares, Patricios e Proletários. Os Sacerdotes e Aspirantes trázem as imágens dos Deuzes caracteristicos de cada civilização. Os outros membros trázem emblemas das suas profissões. O Celebrante, que até então estivéra entre o altar e a cátedra e voltado para os Assistentes vem ao encontro da teoria e a espéra adiante do altar. Os recemvindos colócão-se em torno do Altar: os Sacerdotes do lado do Oriente, os Aspirantes do lado do Ocidente; os outros membros distribúem-se de ambos os lados. Esta cerimônia reprezenta a assimilação do Fetichismo pelas Teocracias. O mais velho dos sacerdotes depozita o Sacramentário do lado do Oriente. O Sacramentário reprezenta a tentativa da coordenação social pelo acendente da razao abstrata, tambem simbolizada pelas imagens dos Deuzes. O Celebrante volta-se então para a Humanidade, para significar o predomínio do tipo humano, como antes estivera voltado para os Assistentes para reprezentar a adoração do Mundo, carateristica do Fetichismo. Assim voltado para a Humanidade, o Celebrante dis:

Purifica e entuziasma os nóssos corações e os nóssos lábios, Humanidade compassiva, que desde o início patenteaste as aspirações do teu altruismo estreme de toda mácula egoista, afim de que possamos anunciar decorózamente e fecundantemente os ensinos da tua sabedoria secular, proclamada pelos teus sublimes Intérpretes. Amen.

O Celebrante sóbe (1) então à cátedra pelo lado mais afastado de Paris, e aí chegando, dis, voltado para os Assistentes:

Conhece-te a ti mesmo, afim de melhorar-te.

Fas então o sinal pozitivista, senta-se, e lê alguns trechos do *Livro dos Mórtos*.

"E vos conheço, senhores da Verdade e da Justiça; e vos trousse a verdade, eu destrui para vós a mentira. Não cometi fraude contra os homens. Não tormentei a viuva. Não fis trabalhar um chéfe de operários mais do que devia. Não fis chorar. Não subtraí as provizões ou as ínfulas dos mórtos... Não tirei o leite da boca

---

(1) *Suprimido — 9 de Bichat* 41 (11 Dez. 1901).

das crias. Não enxotei os rebanhos sagrados dos seus pastos. Não apanhei com laços as aves divinas. Não pesquei os peixes sagrados nos seus tanques. Não cortei um braço d'agua na sua passágem. Não apaguei o fogo sagrado. Sou puro. Sou puro. Sou puro".

Antes de fazer a leitura, beija o livro, e o fechando torna beijar. Depois dis:

"Que as palavras teocráticas se grávem em nóssos corações e nos libértem do egoismo, ensinando-nos as delícias do altruismo.

(Paráfraze do Catolicismo).

II

SURTO NECESSARIAMENTE ANALÍTICO

Evolução Ocidental

A. Politeismo progressista ou militar

O Celebrante déce da cátedra pelo lado do Oriente. Os reprezentantes das teocracias orientais retírão-se e vão depozitar os seus emblemas na Capéla de Moizés. Os reprezentantes da teocracia grega pássão para o lado do Oriente. Advento de Atenas. Os reprezentantes da teocracia romana permanécem do lado do Ocidente.
[Um outro côro feminino vem substituir o primeiro. 5 Bichat (7 de Dezembro)]

a) Politeismo intelectual

Elaboração grega

α) Politeismo estético

Homéro — Esquilo — Fidias

Sobre o altar de Homéro, um sacerdote e dois vigários precedidos por um oficial de Marinha policial, tômão vários emblemas. O sacerdote toma uma hóstia (popanon) que está sobre uma pátena tendo um pé em fórma de lira. O mais moço dos vigários toma um estandarte reprezentando a vólta de Salamina, e cuja haste é encimada pela figura de Minérva, e vem à esquerda do Sacerdote. O mais velho dos vigários trás um estandarte onde está retraçado o suplício de Prometeu, e cuja haste é encimada pela figura do Destino. O

oficial de marinha trás um troféu naval coroado de louros e carvalho.

Chegando ao santuário, o Sacerdote entrega ao Celebrante a pátena com a Hóstia, que é colocada ao oriente do Lar. Depois lê:

1º Ah! que a dissenção pereça entre os Deuzes!... e entre os homens, pereça a cólera que perturba o mais sábio, e que mais doce do que o mel líquido, se enfuna, como a fumaça no peito dos homens.

Iliada. Canto XVIII

2º Tu és para mim pai, mãi venerável, irmão, e um espozo cheio de mocidade. Por piedade fica nesta torre, não faças teu filho órfão e tua mulher viuva. — Nem a desgraça futura dos troiânos, nem da própria Hecuba, do rei Priamo, e dos nóssos irmãos corajózos, que cairão em turba sob os guerreiros inimigos, me aflige tanto como a tua. Mas a terra pezada me cubra morto antes que eu ouça os teus gritos e veja arrancar daqui!

Iliada. Canto VI

Que nenhum homen seja iniquo e aceite em silencio os dons dos Deuzes...

Odisséia. Canto XVIII

Padre Zeus, nenhum dos Deuzes é mais cruel do que tu, porque tu não tens piedade dos homens que tu mesmo geraste para serem acabrunhados de mizérias e dores amargas!

Odisséia. Canto XX

E lançando os braços ao pescoço de Ulisses, ela beijou-lhe a cabeça e disse: Não te irrites contra mim,

Ulisses, o mais prudente dos homens... A minha alma, no meu caro seio, tremia que um homem, vindo aqui, me enganasse pelas suas palavras... Ela falou assim, e o dezejo de chorar tomou Ulisses, e ele chorava cerrando nos braços a sua cara espoza tão prudente.

Odisséia. Canto XXIII

Mas dizei-me, meus amigos, onde fica Atenas? — Bem longe do lado do poente, para os lados onde dezaparéce o Sól, nosso Senhor. — Pois bem, meu filho ardia do dezejo de se apoderar dessa cidade. — Com efeito toda a Grecia ficaria então sujeita ao rei. — Que monarca os condus e governa o seu ezército. — Nenhum homem os tem por escravos ou por súditos.

Desgraça! Desgraça! E' pois em vão que, das planícies da Azia, tantos póvos confundindo as suas armas se precipitárão sobre esse nobre país da Helenia. — Os cadáveres dos desgraçados que perecêrão estão amontoados nas práias de Salamina e em todos os seus arredóres.

O' Salamina! nome fatal e detestavel! Atenas! Atenas! Que lagrimas a tua lembrança me custa! Atenas é para o inimigo um objéto de terror.

Eschilo. Os Pérsas.

Jupiter é cruel, e o sei; o justo para ele é o seu capricho... E no entanto, apezar do orgulho que enche a sua alma, ele cairá do seu trono... Honra, ezora, lizongeia esse senhor; para mim Jupiter é menos que nada aos meus olhos... Servir aos mortais era criarme dores... Suportarei corajózamente a fortuna prezente... Que pósso eu temer?... o meu destino é não morrer jamais... E agora caí, sobre mim, raios de sulcos tortuózos...

Eschilo. Prometeu.

O que se admira em um poeta? — Os hábeis conselhos que tórnão os cidadãos melhores... O poéta déve esconder o que é infame e não ostentá-lo em sena... Nós não devemos mostrar sinão o bem.

Aristófanes. As Rans.

O Celebrante toma então a pátena com a Hóstia, a colóca na altura do peito e dis, com os ólhos voltados para a imagem da Humanidade:

Recébe, ó Mãi estremózissima, esta Hóstia imaculada que te oferecemos em lembrança especial dos martírios sem número que sofreste desde tempos imemoriais, e contínuamente sofres para haurir do seio da Terra, e da imensidão do Espaço os tezouros que nos distribue. Ela é tambem o símbolo da nóssa rezolução de consagrar, cada vês melhór, ao teu trabalho, apezar dos nóssos defeitos, toda a nóssa atividade e toda a nóssa inteligência. Seja, pois, ela um penhor da nóssa eterna união contigo.

O Celebrante depõe a pátena sobre o altar e os reprezentantes do Politeismo estético colócão-se do lado do Oriente.

β) Politeismo teórico
Táles — Pitágoras — Aristóteles
Hipócrates — Arquimédes — Apolônio
Hiparco

Então tres sacerdotes e quatro aspirantes ao sacerdocio vêm dos altares de Aristoteles e Arquimédes. Dois dos sacerdotes trázem estandartes brancos com emblemas verdes, e vêm na frente. O terceiro atrás e entre os dois, tras um estandarte verde em baixo, e branco em cima. As hastes são encimadas por esféras celéstes de vidro azul, quazi branco, deixando vêr no centro uma esféra verde reprezentando a Terra. O sacerdote da esquerda tem no estandarte traçada a figura que, segundo o nósso Méstre, carateriza a descobérta geométrica fundamental de Tales. E por baixo o dístico —

A agua é o principio de tudo. E por cima: *O que ha de mais dificil é conhecer-se a si mesmo*. O sacerdote da direita tem no estandarte inscritos os símbolos 1, 2, 3, e por cima: *Nada faças de vil, nem sózinho nem com outrem; e acima de tudo sê um guarda vigilante de ti mesmo*. Por baixo: *Os números régem até o Fogo*. (Pitágoras).

O estandarte do terceiro sacerdote tem, na parte branca, as palavras: *Terra, Agua, Ar, Fogo;* e na parte verde, os dísticos: *Divizão dos ofícios, convergência dos esfórços. A principal força da mulher consiste em superar a dificuldade de obedecer*. (Aristóteles) Estes tres estandartes se áchão na capéla de Aristóteles.

Os quatro aspirantes tômão os estandartes na capéla de Arquimédes. Vêm formando dois pares um pouco atrás do terceiro sacerdote, os dois mais velhos adiante. Destes, o da direita tras a haste encimada por um cilindro de vidro verde claro circunscrevendo uma esféra mais escura. O estandarte branco reprezenta a defeza de Siracuza, e tem figuras geométricas na órla. O aspirante que fica à sua direita, e é mais velho, tem um estandarte verde encimado pelos símbolos da arte de curar. Nesse estandarte estão inscritos os aforismos — *Vida breve, etc*. — *Tudo concorre, etc*. — Por tras do aspirante da direita vem o aspirante trazendo um estandarte branco encimado por um cône cortado por um plano. No estandarte está traçada a figura que carateriza a propriedade focal comum às tres seções cônicas. O aspirante à direita deste tras um estandarte branco encimado por uma esféra armilar. No estandarte está reprezentado o sistema astronômico de Hiparco.

Chegando ao altar, o sacerdote que tras o estandarte aristotélico, o entrega a uma das matronas em lembrança do culto de Aristóteles pela sua espoza; em seguida toma o Sacramentário para ser lido pelo Celebrante.

Este lê:

— A soma dos ângulos de um triângulo retilíneo é constante. — Os lados dos triângulos equiângulos são proporcionais. — O que ha de mais dificil é conhecer-se a si mesmo. TALES.

Um, dois, tres. — Os números régem mesmo o Fogo! Nada faças de vil, nem sózinho, nem com outrem; e acima de tudo sê um guarda vigilante de ti mesmo. PITÁGORAS.

Terra, Agua, Ar, e Fogo — eis os elementos de tudo.

Mamíferos, Aves, Réptis, Peixes, e Invertebrados; nutrir-se, dezenvolver-se, e morrer, — eis a vida.

Divizão dos ofícios, convergência dos esforços — eis a sociedade.

Nada eziste na inteligência que não venha por meio dos sentidos.

A felicidade consiste na atividade da alma dirigida pela virtude. A virtude é o meio entre dois vícios estremos, um por ecésso, outro por falta.

A principal força da mulher consiste em vencer a dificuldade de obedecer. ARISTÓTELES.

Vida breve, arte longa, ocazião fugas, juizo dificil, esperiencia falás. Tudo concorre, tudo conspira, tudo concente. HIPÓCRATES.

As árias e os volumes da esféra, do cilindro e do cône equilátero circunstão entre si como os numeros 4, 6, 9. — O cilindro é media proporcional entre a esféra e o cône. ARQUIMEDES.

Curvas descritas por um ponto cujas distâncias a um outro e a uma réta são entre si em relação constante: parábola, elípse, hipérbole. APOLONIO.

Os pontos equinociais retrográdão continuamente. HIPARCO.

O sacerdote depõe o Sacramentário sobre o altar e vai com os outros colocar-se do lado do Oriente, tendo recebido o seu estandarte. E' então que o Celebrante toma a pátena e fas a oração que foi transcrita atras.

b) Politeismo social

Preparação romana

O Sacramentário é mudado para o ocidente. Roma

Do altar de Cezar parte um grupo composto de 13 proletários, 7 gendarmes, e tres generais. (1) Todos trázem di-

---

(1) Corrigido a 5 Bichat (7 de Dezembro 1901).

versos emblemas. Os proletários trázem emblemas industriais, os gendarmes emblemas políticos e militares, os generais os símbolos do triunfo. Chegando ao Santuário um grupo de Matronas e Virgens, trazendo vazos com perfumes, vêm ao seu encontro, e os condúzem à Aria da Religião. A mais velha das matronas tras uma estátua da Pudicícia. Na Aria da Religião encorpóra-se um sacerdote trazendo o báculo augural e o aspergilium, acompanhado por dois aspirantes que trázem um vazo de perfumes côr de róza e o outro um cálice antigo. Vão todos colocar-se do lado do ocidente. O general toma a galheta do aspirante e derrama algumas gotas no cálice, uma das matronas aprossíma-se e derrama tambem algumas gotas de perfume branco. Então o Celebrante recebe o cálice e o colóca à direita do Lar, e lê no Sacramentario:

Hão de outros, sim, mais mólemente os bronzes
Respirantes fundir, sacar do mármore
Vultos vivos; orar melhór nas cauzas;
Descrever com seu radio o céu rotundo,
O órto e sidéreo curso: tu Romano,
Cuida o mundo em reger; terás por artes
A pas e a lei ditar, e os póvos todos
Poupar submissos, debelar soberbos.

Eneida. Livro VI.

Mas antes para mim se rasgue a terra,
Ou me despenhe o onipotente padre,
Com o raio seu às sombras, sombras pálidas
Do Erobo, e da noite às profundezas,
Qu'eu, Pudor! te vióle ou a fé te quebre.
Aquele que primeiro a si jungiu-me
Os meus amores carregou comsigo,
Consigo os tenha e no sepulcro os guarde.

Eneida. Livro IV.

Sou homem e nada humano eziste que repute alheio a mim.

Sei que tudo é de todos; e que nem siquér foi digno de nacer quem acredita que naceu só para si. METASTÁSIO.

Tomando então o cálice e, voltando para a Humanidade, dis:

Suave e amoróza Deusa que, derramando o teu sangue e as tuas lagrimas, abateste por toda parte o orgulho, protegeste os fracos, e impuzéste os costumes da pas, nos ensinando que no amôr não se vive sem dores, dá-nos a virtude da rezignação e da dedicação ao teu serviço, afim de que sejamos dignos de incorporar-nos aos teus gloriózos destinos.

B) Monoteismo
Substituição da atividade conquistadora pela atividade defensiva
Tentativa de estabelecer o regimen de pas universal
a) Monoteismo teocrático
Incorporação romana da Judéia
Abrahão-Moizés-Salomão

Do altar de Moizés dois sacerdotes e um General encamínhão-se para o Santuário. Vão seguindo os altares até a capéla de Cezar; daí tômão o meio da nave. O mais velho dos sacerdotes tras o hissope e uma pequena bacia; o segundo, um vazo com agua coberto por um véu de linho. O general os segue um pouco atrás com um troféu de símbolos guerreiros e teocráticos. Aí chegados, *passão pelo lado oriental* e depois vem colocar-se do lado do Ocidente. Aí o sacerdote que tem a bacia, aprezenta-a ao Celebrante, e o que tras o vazo d'agua derrama sobre os dedos do Celebrante como abluçâo. Depois oferéce-lhe o véu de linho para enxugar as mãos. Nesse interim o Celebrante dis:

"Lavarei as minhas mãos entre os inocentes, e circundarei o teu altar; afim de ouvir a vós do teu louvôr, e narrarei todas as tuas maravilhas... Não percas com os ímpios a minha alma, e com os homens sanguinários a minha vida."

Psalmo

E indo para o meio do altar lê:

Votaremos as nóssas mãos assim purificadas, a colaborar na tua perene pas. Amaremos a beleza da tua

morada etérna e a séde da tua glória, a Terra, de cujo seio fecundo brota a agua cristalina que nos dezaltéra e purifica, nutre as plantas que dão-nos forças para o teu serviço, viceja as flores que embalsâmão os teus Templos, e é o agente multifórme da tua prodigióza industria. Que as nóssas mãos sejão para sempre izentas de sangue, e empregadas na ezecução das tuas vontades, pelo trabalho e a oração.

Nesse interim os recem-vindos *dispersão-se* entre os que se achão na ária da Religião; enquanto o Celebrante vem para o meio do altar, e dis:

Aceita, Humanidade santa, esta oblação que aprezentamos em memória dos teus martírios, das tuas vitórias, e do teu final triunfo, bem como em honra do que por ti padecêrão os teus mais nobres filhos, afim de que ela contribua para glória deles, e salvação nóssa, incitando-nos a imitá-los no teu serviço etérno. Amen.

Beija o altar, e voltando-se para os assistentes dis:

C. Orai, irmãos, para que esta cerimônia redunde em proveito da Humanidade, habilitando-nos a melhor amá-la, conhecê-la, e serví-la.

M. Receba a Humanidade esta celebração para glória do seu nome, edificação e proveito da Posteridade.

Ajoêlhão-se todos.

b) Monoteismo católico
Dissolução do mundo Romano

Uma parte dos que estão junto do altar, dispõe-se a retirar-se com diversos emblemas. As senhoras e os proletários permanécem. Do altar de S. Paulo um sacerdote se encaminha trazendo um crucifixo. Atravessa os que estão a oriente e vai colocar-se ao ocidente onde entrega-o ao Celebrante. Este o colóca entre a pátena e o cálice. E dis:

"Agora e sempre permanecerão o amôr, a fé, e a esperança; dessas três virtudes, a maior, porém, é e sempre será o amôr".

Nós te rogamos, Mãi devotadissima, que te dignes fazer esta oferenda em tudo abençoada, privilegiada, aprovada, razoavel, e aceitavel, afim de que ela se torne de fato para nós o emblema augusto dos teus sofrimentos e da tua perene dedicação. Porquanto, nos êstazes do Apostôlo S. Paulo, instituiste tu mesma essa comemoração, figurando que, na sua imolação voluntária, o teu ultimo tutôr teológico, revestindo francamente a tua natureza, tomou o pão

(O Celebrante toma a Hóstia),

o benzeu, partiu e deu aos que o cercávão dizendo: *Este é o meu corpo*.

(Ajoelha-se, levanta-se; móstra a Hóstia aos assistentes; repõe-na sobre o altar; ajoelha-se outra vês; e érgue-se).

Do mesmo módo, tomando o Cálice

(Toma o cálice)

benzeu-o,

(Sinal da crus)

deu-o aos que o cercávão dizendo: Este é o calice do meu sangue que por vós e por muitos outros será derramado para remissão dos vóssos peccados.

(Repõe o cálice).

Todas as vêzes que isto fizérdes, o fareis em minha memória.

(Ajoelha-se; ergue-se; mostra o Cálice; o repõe sobre o altar; ajoelha-se de novo e ergue-se).

Em lembrança dessa vizão sublime, aceita, pois, esses emblemas dos cruéis martírios que padeceste e do sangue e das lágrimas que tens derramado para conquistar a felicidade dos teus filhos. Recebe assim, abnegada Mãi, os protéstos de gratidão que, durante séculos sem conta fôrão desviados para os pálidos nu-

mes, com os quais o Espaço ia objetivando os tateamentos do teu coração e do teu gênio. Amen.

Conversão de Constantino

Então do altar de Cezar alguns gendarmes acompanhando um general com os troféus imperiais e o lábaro encamínhão-se para o Santuário e atravéssão o Ocidente, e vêm colocar-se ao lado oriental do altar:

O Celebrante:

Per cedere al pastor, si fece Greco.

DANTE

As vestais retirão o Lar. (1) O Celebrante colóca o crucifixo entre as vélas. Um sacerdote retira a lira que sérve de pedestal à pátena e que o Celebrante sepára. O cálice é colocado por diante do Crucifixo e a pátena com a Hóstia diante do cálice. O Celebrante dis:

Nós te suplicamos, Mãi devotadissima, e te rogamos, ainda uma vês, que aceites e abençôes, a oferenda que te fazemos, como o símbolo da nóssa gratidão e da nóssa união afim de poupar-te dóravante os martírios que até agóra sofreste, por amôr dos teus filhos.

Idade média

Do altar de S. Paulo parte um sacerdote com os símbolos do papado em um troféu. Ao passar pelo altar de Carlos Magno, dois Cavalheiros o acompânhão, dos quais um léva os símbolos imperiais. Os tres vão colocar-se do lado ocidental do altar, enquanto o Celebrante prosegue:

Que a Atualidade obedeça ao teu suave mando, e, recordando incessantemente a tua glorióza prioridade, trabalhe sem descanço pela tua Posteridade.

---

(1) *O côro feminino é substituido por outro.* 5 *Bichat* 47 (7 *Dez.* 1901).

C) Monoteismo islamico

Do altar de Moizés parte um sacerdote com a bandeira de Mahomet [ladeado por uma Senhora e uma Virgem] (1), seguido por 13 gendarmes. O cortejo vai passando por todos os altares e quando chega aos de S. Paulo e Carlos Magno os saúda. Daí se encaminha para o Santuário e vai colocar-se na entrada do Santuário e do lado do Oriente. O Celebrante lê alguns versículos do Corão que caraterízão o espírito de continuidade do islamismo, e depois lê:

O Madre nostra, tu che in Terra stai,
Da dello Spazio te giungiai l'amore,
Ed ogni effetti del tuo amore tu hai;
Laudato sia il tuo nome e il tuo tuo valore
Da ogni creatura, com'è degno
Di render grazie al tuo dolce vapore.
Vegna ver noi la pace del tuo regno,
Chè noi ad essa non potem da noi,
S'ella non vien, con tutto nostro ingegno.
Come del suo voler gli angeli tuoi
Fan sacrificio a te, cantando Osanna,
Tal del nostro voler facciamo noi.
Dá oggi a noi la cotidiana manna,
Senza la cual la Terra é aspero diserto
A retro va chi piú di gir s'affanna.
E come noi lo mal che avem sofferto
Perdonianmo a ciascuno, e tu perdona,
Benigno, e non guardar al nostro merto.
Nostra virtú, che di leggier s'adona,
Non spermentar con l'antico avversaro,
Ma libera da lui, che si la sprona.

(DANTE, *Purgatorio*, Canto XI).

Então do altar de Heloiza vem um grupo de cavalheiros tendo à frente um sacerdote. São acompanhados por um andôr carregado por cavalheiros onde vem uma imagem da Virgem. Um côro de virgens, matronas e crianças segue o an-

---

1) *Kadija e Fatima*. (5 *de Bichat* 47 — 7 *de Dezembro* de 1901.

dôr (1) Chegando à entrada do Santuário, os reprezentantes do islamismo [saúdão a Virgem,] (2) êntrão com elas e vão até a Aria da Religião. Aí os reprezentantes do Catolicismo ficão ao Ocidente e os do islamismo ao Oriente.

O Celebrante lê:

E' pois verdade que o homem ama-se primeiro por si mesmo... Ele ama a Deus no segundo gráu, porque este lhe é útil e não porque seja amável em si mesmo... Em seguida tendo esperimentado quanto o Senhor é doce, ele passa ao terceiro gráu do amôr que o fas amar a Deus, não mais pelo seu próprio interesse, mas pela ecelência e mérito da natureza divina. E' nesse gráu que se fas uma longuíssima páuza, e eu não sei si é possivel a alguem nesta vida chegar até ao quarto gráu, no qual o homem não se ama mais nada sinão por Deus.

S. Bernardo. *Tratado do Amôr divino*

A Virgem real, cumulada de títulos de honra verdadeiros e revestida de esplêndidas dignidades, não preciza de uma falsa glória.

S. Bernardo. *Carta sobre a Conceição*

Trecho do Corão sobre a Virgem.

La fede unqua non deve esser corrotta,
O data a un solo, o data insieme a mille;
. . . . . .
Senza giurare, o segno altro piú espresso,
Basta una volta che s'abbia promesso.

Ariosto. *Orlando Furioso*

---

(1) *O cortejo é fechado por dois aspirantes ao sacerdocio tendo estandartes com as invocações N. S. dos Anjos e N. S. do Rozário. Atrás destes vêm um sacerdote, dois vigarios e quatro aspirantes.* (5 *de Bichat* 47 — 7 *de Dezembro* 1901).

(2) 5 *de Bichat* — 7 *de Dezembro.*

Fais ce que dois, advienne que pourra.

O Celebrante tomando a pátena com a Hóstia, continúa:

Livra-nos das torturas do egoismo, piedóza Mãi, com a tua soberana lembrança. Dá que anelemos pelos gózos do altruismo em todos os momentos da nóssa ezistência.

O Celebrante depõe a pátena com a Hóstia sobre o altar, para significar a decadência do mistério eucaristico. Ajoêlha-se, ergue-se, volta-se para o andôr da Virgem, e esta é então cclocada diante do crucifixo que fica completamente eclipsado; vêm-se apenas os braços da crus por tras da imágem da Virgem-Mãi.

O Celebrante dis:

Socorra-nos o côro invizivel das Mulheres santas, que revivem no coração da Humanidade e não céssão de estimular o nósso débil altruismo.

C. Por todos os séculos dos séculos.

M. Amen.

C. A Humanidade seja convosco.

M. E com o teu coração.

C. Elevemos os nóssos corações.

M. Nós os temos voltados para a nóssa Virgem-Mãi.

C. Rendamos graças à nóssa suave Deuza.

(Erguendo os ólhos para a imagem da Humanidade).

M. Como é a nóssa felicidade e o nósso dever.

C. E' verdadeiramente a nóssa felicidade e o nósso dever render-te graças em todo tempo e em todo lugar, Humanidade Santa, Virgem-Mãi piedóza, Deusa eterna, e louvar-te, abençoar-te, pregar-te, pela assunção da Mulher ao eterno sólio, onde, conhecendo as doçuras de Mãi, sem perder os encantos de Virgem, fas brilhar em todo o seu esplendor os prodígios do teu altruismo. E' por ela que louvão a tua doce magestade

todos os teus Anjos, te adórão os teus Sacerdotes, te ezáltão os teus Patrícios, te bendizem os teus Proletarios. O Espaço e a Terra celébrão por isso a tua santa sabidura e a tua benigna potestade com transpórtes de alegria. Nós te rogamos que nos tórnes dignos de juntar as nóssas vózes às das almas bem-aventuradas que te servírão e te sérvem, afim de poder cantar com elas:

(Dis, e os assistentes cântão):

C. Santa, Santa, Santa, é a nóssa Virgem-Mãi, a suave Deuza dos ricos de coração, Deuza de amôr e de pas. O Espaço e a Terra estão cheios da sua gloria. Hozana à Virgem Mãi na amplidão do Espaço e na vastidão da Terra! Abençoada seja sempre: Hozana na amplidão do Espaço e na vastidão da Terra!

Os assistentes érguem-se.

PARTILHA DO MUNDO ROMANO ENTRE O CATOLICISMO E O ISLAMISMO.

O Celebrante toma a Hóstia e a parte sobre o cálice dizendo:

Em memória da tua estremóza dedicação

(Colóca a parte oriental da Hóstia sobre a pátena para designar o abandono do Fundador legendário do Catolicismo).

que aceitou o dolorozo abandono de tudo quanto te era mais caro, para fazer enfim prevalecer o amôr.

C. Por todos os séculos dos séculos.

M. Amen.

O Celebrante depõe a metade ocidental da Hóstia sobre a pátena.

O Celebrante volta-se então para os assistentes. O reprezentante do islamismo entréga-lhe sucessivamente os estandartes de Tales, Pitágoras, Aristóteles, Hipócrates, Arquimedes, Apolônio e Hiparco que estávão em mãos de aspirantes. O Celebrante os vai passando ao sacerdote, aos vigarios, e aos aspirantes que viérão da Capéla de Heloiza, para caraterizar que os Ocidentais recebêrão dos muzulmanos os rezultados

teóricos da Grécia. Depois o sacerdote reprezentante do Catolicismo, e o reprezentante do Islamismo entrégão juntamente os seus estandartes ao Celebrante. Este os beija e os restitúi a ambos que se separão indo o católico-feudal para o Ocidente, e o islâmico para o Oriente.

Coezistencia dos tres monoteismos rivais, católico, islamico, e judáico; este disperso entre os dois primeiros.

O Celebrante volta-se para o altar e lê:

C. Humanidade Santa, depois de teres transformado, durante a tua ingênua infancia, a guerra em instrumento da pas, procuraste, através das rivalidades monotêicas conseguir, na tua poética adolecência, o predomínio universal do amôr, mediante o suave predomínio da Deuza ocidental. A sua doce imagem anunciou dirétamente o próssimo termo da faze preparatória da tua glorióza ezistência e o início da tua adoração estreme de todas as ficções.

d) Monoteismo metafízico
Dante — Descartes — Frederico
Revolução Ocidental
α) 1ª faze — (XIV-XV)

Da Capéla de Dante sái um sacerdote, ladeado por duas Senhoras trazendo corôas de louros que vão na frente, e seguido por dois vigários. O sacerdote tras um estandarte onde está reprezentada a sena final do Paraizo, com este dístico: *Vergine-Madre, Figlia del tuo Figlio. Quella che imparadiza la mia mente.* O vigário da sua direita tras um estandarte branco com este dístico: *Ogni basso pensier del cor m'avulse.* O que está à esquerda tem um estandarte branco com este dístico: *Amen te plus quam me, nec me nisi propter te.* Ao passar pela capéla de Gutemberg, junta-se um grupo de quatro patrícios seguidos por séte proletários. O mais velho dos patrícios tras um estandarte branco encimado por um troféu de instrumentos tipográficos, servindo de pedestal a um livro. No estandarte está figurada a prensa de Gutemberg. Ao lado vão dois proletários. Atras vêm os outros tres patrícios com estandartes verdes, encimados, o do centro por um globo reprezentando a Terra, os dos lados por uma bússola e o astrolábio. No do centro vem o retrato de Izabel de Castéla, com as armas de Colombo e o dístico: *Ave! maris stella!* O da sua

esquerda tras o retrato do infante D. Henrique com as armas de Portugal, e o da sua direita, as armas de Castela. Os proletários que acompânhão trazem um modelo da Sta. Maria. Ao passárem pela capéla de Frederico junta-se-lhes um general trazendo um estandarte com as armas de Paris, e ladeado por um patrício e um proletário. Ao chegar a capéla de Heloiza, estes deixão passar adiante duas Senhoras patrícias e uma Virgem proletária; as Senhoras trazem os estandartes de Castela; a Virgem proletária o estandarte de Joana d'Arco. (Sta. Catarina de Siene tambem).

Inquanto o cortejo se aprossima do altar, canta-se:

Dona se' tanto grande e tanto vali

E quando chegar ao altar o Celebrante dis:

Vergine-Madre Figlia del tuo Figlio
Amem te plus quam me, nec me nisi propter te.

β) 2ª faze — Protestante (XVI-1688)

Da capéla de Dante sáem quatro aspirantes ao Sacerdocio com estandartes precedidos por sacerdote. Este tras no seu estandarte uma sena cavalheiresca do Orlando com o dístico: *La fede unqua etc*. Os tres que o seguem trazem; o do centro a madona de S. Sixto. O da direita uma sena do *D. Quichote*, o da esquerda uma sena da *Jerusalem libertada*. Atrás vem o quinto tendo uma sena do *Paraizo Perdido*. Ao passar pela capéla de Gutenberg são acompanhados por séte industriais (Napier, Benevenuto Stevin, Mariotte, Papin, Boyle, Palissy) com os emblemas das respetivas invenções. Na capéla de Shakespeare se lhe júntão quatro aspirantes ao sacerdócio reprezentando Shakespeare, Calderon, Corneille, e Molière. Na capéla de Descartes, um sacerdote com um estandarte reprezentando as concepções de Descartes, ladeado por dois, reprezentando as concepções de Hobbes, Bacon, se junta ao préstito. Na capéla de Frederico júntão-se mais séte reprezentantes (Cromwell, Guilherme, o taciturno, W. Pen, J. Fox, Sully, Richelieu, Colbert). Na capéla de Bichat, júntão-se outros séte (Copernico, Galileu, Kepler, Viète, Wallis, Fermat, Harvey). Enfim na capéla de Heloiza reprezentantes dos esfórços caraterizados por S. Ignacio de Loyola, Sta. Thereza, Marina, La Vallete, D. Juan d'Austria, (com o estandarte de Lepanto), Bayard, e uma senhora reprezentando a princeza Palatina.

Chegando à balaustrada os católicos se separão dos protestantes; adiante de ambos ficão os poétas, os industriais, os sientistas e os filózofos precedidos pelo reprezentante de Descartes, a cujo lado se colóca a Senhora reprezentante da Princeza Palatina.

Então o Celebrante jenuflécsa-se, ergue-se, toma a metade ocidental da Hóstia e a divide dizendo:

Em memória da tua infatigavel dedicação que aceitou os mais cruéis dilaceramentos para implantar, enfim, sobre a Terra a pas pela industria, e desvendar no Espaço só os símbolos do altruismo pela siência e a poezia. Por todos os séculos dos séculos.

M. Amen.

O Celebrante colóca uma das partes da Hóstia na pátena para significar o Protestantismo; e com a outra que simboliza a defeza dos rezultados medievais pela massa feminina, persigna tres vezes o Cálice, dizendo:

A pas da Humanidade + permaneça + sempre convosco + apezar de todas as sugestões do egoismo, e de todos os estravios do espírito.

M. Assim permaneça ela sempre com o teu coração e o teu espírito.

O Celebrante deixa cair esta parte no Cálice para caraterizar o proseguimento da evolução pozitiva através da dissolução revolucionária, mediante a combinação de todas as forças sociais rezultantes do regimen mediévo, sobre a prezidência do sexo afetivo.

Depois lê:

1º Não receber como verdadeiro sinão o que fôr evidente — Dividir as dificuldades — Começar pelos objétos mais símples e mais fáceis de serem conhecidos para subir pouco a pouco, como por degráus, aos mais complexos — Fazer enumerações tão complétas quanto possiveis.

Obedecer às leis e aos costumes do meu pais — Ser o mais firme e rezoluto nas minhas ações, e não seguir menos constantemente as opiniões mais duvidózas, quando uma vês me houvesse decidido por elas, do que se fossem certíssimas — Esforçar-me sempre por vencer antes a mim do que a fortuna.

Instituir métodos gerais para rezolver as questões geométricas mediante a ligação entre as fórmas e as equações.

Tudo se esplica pelo movimento na ordem cósmica. — DESCARTES.

Saber é poder. — BACON.

A ordem social não póde jamais ter outra baze imediata que não seja a força. HOBBES (*Pol. Poz.* III, 298).

A Terra gira — Os planetas descrevem elípses de que ocupa um dos fócos; e os satélites elípses de que o planeta respetivo ocupa um dos fócos — As árias descritas pelos raios vetores são proporcionais aos tempos. Os quadrados das revoluções são proporcionais aos cubos dos grandes eixos das órbitas.

Ver outros estrátos. De Descartes à princeza Palatina, e dos poétas.

Finda a leitura o Celebrante vólta-se para os assistentes e dis:

A pas da Humanidade seja sempre convosco apezar de todas as sugestões do egoismo e dos estravios do espírito.

M. Amen.

Então os recem-vindos sóbem à Aria da Religião e colócão-se do lado do Ocidente; os elementos da sociedade modérna ficão adiante, e os protestantes e católicos mais atrás, separados pelos elementos da sociedade moderna.

γ) 3ª faze — Deismo (1688-1789)

Da capéla de Gutenberg séte industriais (Vaucanson, Watt, Montgolfier, Lacaille, Arkwright, Coulomb, Black), se dirigem para o Santuário. Da capéla de Shakespeare — 7 (Mozart, Beethoven, Haendel, Gluck, Fielding. Metastasio, Voltaire). (1) Da capéla de Descartes (Fontenelle, Leibnitz, Hume, Vauvenargues, Diderot, Vico, Buffon). Da capéla de Frederico — 5 (Frederico, Turgot, Aranda, Campomanes, Pombal). (2) Bichat — 11 (Newton, Clairaut, Euler, D'Alembert,

(1) *Ezecútão D. Juan.*

(2) 5 *bandeiras ocidentais — troféu — Frederico — (6 Bichat — 8 Dezembro).*

Bergman, Geoffroy, Boerhaave, Linneu, Haller, Vicq-d'Azyr, Morgagni). Capéla de Heloiza (1 sacerdote reprezentando Bossuet acompanhado por algumas senhoras).

Sóbem ao santuário e vão colocar-se na parte mais avançada: os elementos da sociedade modérna adiante. As senhoras ficão com o sacerdote junto do altar, salvo duas. Nesse interim o Celebrante continúa:

. Reorganizar sem Deus nem rei.
Os grandes pensamentos vêm do coração.

Através de uma anarquia crecente, o teu devotamento teórico e industrial fundiu-se na tua dedicação moral, transformando em puro hino de amôr os egoistícos impulsos que no princípio animavão o trabalho e a siencia. Por entre os clamôres da revólta foste assim patenteando cada vês mais que a liberdade consiste no amôr, a dignidade na submissão, e a felicidade no devotamento.

Ajoelha-se, érgue-se e inclinado sobre as oferendas dis, batendo tres vezes no peito:

Mãi piedóza, que te sacrificas incessantemente por nós, perdôa as dôres que te fizemos sofrer!

Mãi piedóza, que te sacrificas abnegadamente por nós, perdôa as dôres que te fazemos sofrer!

Mãi piedóza, que te sacrificas alegremente por nós, perdôa as dôres que te fazemos ainda sofrer, e dá que imitemos a tua dedicação.

Segunda Parte

ESTADO NORMAL

a) Estréia tempestuoza

Grande crize — 1789

Das capélas de Dante, Gutenberg, Shakespeare, Descartes, Frederico, Bichat e Heloiza, dirige-se um préstito para o santuário. Vem cantando ao som da Marselheza. [Bandeira verde]. (1)

---

(1) 6 *Bichat* — 8 *Dezembro* 1901

Allons, enfants de la Patrie!
Le jour de gloire est arrivé;
Réorganisons sans Dieu ni Roi
Par le culte de l'Humanité.
Les grandes pensées viennent du coeur;
L'amour est la liberté;
Réorganisons sans Dieu ni Roi
Par le culte de l'Humanité.

Au Temple, citoyens!
Courons au choeur sacré!
L'Amour, l'Amour
Est la liberté
L'Amour de l'Humanité.

Chegando ao santuário sóbem até o altar; enquanto as Senhoras cércão o Celebrante, várias pessoas do préstito tomão os turibulos. [Desfraldão a bandeira tricolôr. A bandeira verde se encaminha para a Ala da Humanidade com os elementos pozitivos — Condorcet — Danton — etc.] (2)

Nesse interim o Celebrante dis:

Em vão o temerozo incendio parece devorar todos os frutos do teu martírio, que estávão ainda involtos nos tocantes emblemas em que os resguardaste até então.

(Lança nos turibulos os fragmentos da Hóstia).

Nesse interim algumas senhoras continuão a subir para a Aria da Humanidade; abre-se a cortina que véla a Aria, mas a efigie da Humanidade continúa coberta. As Senhoras vão ficando nos diversos degraus, abrindo álas ao Celebrante; [duas só continuão acompanhadas por crianças de ambos os sexos (Posteridade) levando cestas de flores, até chegar junto do altar, onde uma (patricia) se conserva à direita e a outra se colóca à esquerda (proletária)]. O celebrante levando o cálice, chega acompanhado pelo estandarte verde e o tricolôr, e os Ministros com os turibulos e a imagem da Razão. E tomando no Ramalhete sagrado a róza da solenidade precedente lança-a ao fogo, dizendo:

---

(1) 6 *Bichat* 47-113 (8 *Dezembro* 1901).

Mesmo as construções que já refulgíão através das dilaceradas ficções na amplidão do Espaço, na imensidade da Terra, e na sublimidade da tua alma!

As Senhoras cântão um hino, por ezemplo:

Oxalá nóssas almas guardassem
As vontades da meiga Senhora,
Como em vós recolhestes saudozas
A suave alegria da Aurora!

Oxalá nóssas almas mostrássem
A ecelência da pulcra Senhora,
Como o vósso matis primorozo
Do Sol guarda o poder inda agora.

Oxalá nóssas almas rezúmão
Toda a alma da Virgem Senhora,
Como em vós rezumistes dos Mortos
Toda a essência que a Terra incorpóra.

Oxalá nóssas almas acêndão
Para o seio da grata Senhora,
Como ao Mundo de novo revértem
Os princípios que deu-vos outróra.

O Celebrante recebe o turíbulo e incensa a Humanidade (que está velada) dizendo:

Mas o fogo redentôr apenas consumiu os destróços das ficções teológicas e metafízicas, entre os cânticos que celebrávão os prazeres da dedicação, e as doçuras da fraternidade universal.

Incensa o altar dizendo:

Ao seu esplendor, o Espaço patenteou os últimos arcanos da Fatalidade, e ao seu calôr, a Terra fes brotar as derradeiras maravilhas da Industria.

Entréga o turíbulo repetindo a fórmula:

Acende, Humanidade, em nóssos corações a chama do teu altruismo, e com ela vivifica a mortiça lus das nóssas inteligências.

M. Amen.

Déce a bandeira tricolôr com os que a seguíão — fica a bandeira verde com os que a seguíão; — desfralda-se a bandeira branca pouco depois da bandeira tricolôr chegar à Aria da Religião, onde permanecem ambas. (Retrogradação e anarquia).

Nesse interim o Celebrante lê:

Trecho de Condorcet no fim da *Esquisse*.

BICHAT — Não ha função sem órgão — A vida de relação repouza na vida vegetativa — Tecido celular — Tecido muscular — Tecido nervozo.

GALL — A alma é o conjunto das funções do cérebro — Os órgãos do coração prepondérão sobre os do espírito — O Apêgo, a Veneração, e a Bondade fórmão a parte mais nóbre do aparelho afetivo.

BROUSSAIS — A moléstia e a saude são regidas pelas mesmas leis: os dois estados só diférem pela intensidade dos mesmos fenômenos.

DE MAISTRE — Trecho *Du Pape*.

b) Construção diréta do Pozitivismo
α) Fundação filozófica

Os sientistas dévem hoje elevar a política ao rango das siencias de observação.

Pela natureza mesma do espírito humano, cada ramo dos nóssos conhecimentos está necessariamente sugeito na sua marcha a passar sucessivamente por tres estados teóricos diferentes: o estado teológico ou fictício, o estado metafízico ou abstráto; enfim, o estado sientífico ou pozitivo.

As siencias tornárão-se pozitivas uma após outra, na órdem em que era natural que essa evolução se operasse. Essa órdem é a do gráu de complicação maior ou menor dos seus fenômenos, ou, em outros termos, da sua relação mais ou menos intíma com o homem.

Fundação da filozofia
β) Fundação da Religião

7 de Bichat 47 (113) — 9 de Dezembro 1901.

Os Ministros décem deixando a bandeira verde encostada à esquerda do altar (izolamento de nósso Mestre). Uma Senhora proletária sóbe até a Aria da Humanidade; crianças e meninos de ambos os sexos reprezentando a Posteridade a séguem, levando cestas de flores. A Proletária vai colocar-se à esquerda do altar, hasteando o estandarte verde. Então uma Senhora viuva, patricia, de origem proletária, sendo possível, vestida de branco, sóbe acompanhada tambem por crianças e meninos de ambos os sexos com cestas de flores. Quando ela chega à Aria da Humanidade coloca-se à direita do altar, e as meninas cântão *Ave Clotilde!* Findo o canto, o Celebrante vólta-se para os assistentes e dis:

Não se póde pensar sempre; mas se póde amar sempre.

Depois dirigindo-se para a Senhora da direita, ajoelha aos seus pés dizendo:

Dóravante o joelho do homem não se dobrará mais sinão diante da Mulher.

A Senhora: — Que prazeres podem eceder aos da dedicação? — Só somos felizes quando a nóssa felicidade a ninguem aflige ou ofende.

Toma uma róza em uma das cestas e entrega ao Celebrante, enquanto as meninas cântão:

Les Pensées d'une fleur.

O Celebrante érgue-se, a senhora da esquerda aprossima-se da da direita e derrama flores sobre ela, que a beija e abraça. O Clebrante dirige-se para o altar. Aí chegando depõe a flôr no cálice (Mórte de Clotilde) e ajoelhando, dis:

No meio dos mais graves tormentos que póssão jamais rezultar da afeição, não cessei de sentir que o

essencial para a felicidade é sempre ter o coração dignamente cheio... mesmo de dôr, sim, mesmo de dôr, da mais amarga dôr.

Sagrada es ya mi passion
La divinisó la muerte.

CONCLUZÃO

Construção da Religião

O Celebrante érgue-se, toma a róza, e a colóca no Ramalhete sagrado dizendo:

Não ha nada real no mundo sinão amar
Amar inda é melhor que ser amado
Se cança de pensar e até de agir cançamos
Sómente amar não cança, e nem dizer que amamos.

Viver para outrem — Eis a verdadeira felicidade, como o verdadeiro dever! Só tu me ensinaste a fundir as suas formulas! Que prazeres pódem eceder aos da dedicação? O Amôr por princípio e a Ordem por baze; o Progresso por fim.

Fazendo o sinal pozitivista. Ajoelha-se.

Amem te plus quam me, nec me nisi propter te!

O Celebrante érgue-se e dis, voltado para os assistentes:

Humanidade! de quem a mulher constitui naturalmente a imagem familiar! A esse único verdadeiro Grão-Ser, de quem somos sientemente os membros necessários, se dirigirão sempre as nóssas contemplações para conhecê-lo, as nóssas afeições para amá-lo e as nóssas ações para serví-lo.

Ordem e Progresso — Viver para outrem — Viver às claras.

O Amôr por princípio, e a Ordem por baze; o Progresso por fim. O Amôr procura a Ordem e estimúla o Progresso; a Ordem consolida o Amôr e dirige o Progresso; o Progresso dezenvolve a Ordem e nos volve ao Amôr.

Um, união, *unidade*, continuidade; *dois*, arranjo, combinação; *tres*, evolução, sucessão.

O Amôr universal assistido pela fé demonstravel, dirige a atividade pacífica.

O homem tórna-se cada vês mais religiozo.

Agir por afeição e pensar para agir.

Referindo tudo à Humanidade, a unidade tórna-se mais completa e mais estável do que se esforçando por tudo religar a Deus.

A submissão é a baze do aperfeiçoamento.

Amem te plus quam me, nec me nisi propter te.
Amen te plus quam me, nec me nisi propter te.
Vergine-Madre Figlia del tuo Figlio
Amem te plus quam me, nec me nisi propter te

O Celebrante vólta-se para a Humanidade.

Um grupo de Ministros, Proletários Patricios e Senhoras sóbem até à Aria da Humanidade, cantando a estrofe final da Ode de Jundzill, enquanto o Celebrante toma o cálice e derramando os perfumes sobre as Flores sagradas, (Morte de Augusto Comte) dis:

O nada é o esquecimento, a gloria é a outra vida

Viver para outrem, afim de reviver em outrem por outrem.

"Venerado Méstre, gloriozo fundador e primeiro Sumo-Pontífice da Religião universal, regenerador e bemfeitor dos contemporâneos e da posteridade, recebe pela nóssa boca as saudades do prezente e as entuziásticas homenagens da posteridade." (Robinet. discurso na sepultura do nósso Mestre por ocazião do seu enterro).

"A religião cuja fundação a Posteridade te atribuirá tanto quanto a mim."

Depois o Celebrante dis:

Vida eterna de amôr vivida em outrem!

E no incomparavel martírio da tua Filha mais amada e do teu Filho prediléto, findou-se o tempo das tuas torturas, como na inecedível ventura que a ambos proporcionaste, por uma união sem ezemplo, inaugurou-se a tua felicidade éterna.

Vólta-se para os assistentes tendo o cálice na mão, diz:

Ordem e progresso — Viver para outrem — Viver às claras.

Déce da Aria da Humanidade trazendo o estandarte sagrado, que foi colocado sobre o outro (para significar o surto social do Pozitivismo), acompanhado por todos. Enquanto décem, os que estão na Aria da Religião, lévão todos os emblemas para os seus altares, e transpórtão o altar provizório para o Santuário.

Chegando à Aria da Religião o Celebrante sóbe à cátedra, o colégio sacerdotal ocupa a sua séde. Todos vão para os seus lugares. (Inauguração da época normal). O estandarte da Humanidade é colocado à direita da Cátedra sacerdotal. O Celebrante dis então:

Em nome da Humanidade
O Amôr por princípio, e a Ordem por baze;
O Progresso por fim.
Viver para outrem — Familia — Patria — Humanidade.

Os ASSISTENTES: — Amen.

7 de Bichat 47 (113), 11h. 20m. da manhan.
9 de Dezembro de 1901.

EFUZÃO

PEQUENO OFÍCIO DA HUMANIDADE

Ensaio sociolátrico

Fésta da Humanidade
(Para o ano 48 (114)

Comemoração.

Preâmbulo (7m).

Harmonium — Marcha da *Flauta encantada*. Mozart (2m) Assistentes sentados. Entra o Celebrante. Erguem-se todos.

Finda a muzica, os Assistentes ajoêlhão. O Celebrante de pé:

Em nome da Humanidade,
sustentada pela Terra, e envolvida com esta pelo Espaço.

(e fazendo o sinal pozitivista):

O Amôr por princípio, e a Ordem por baze;
O Progresso por fim.

C. Aprossimemo-nos do altar da Deuza, nóssa Mãi Suprema,

A. Da Deuza que enche a nóssa alma de uma alegria sempre nóva.

O Celebrante ajoelha-se e escuta em recolhimento o canto dos Assistentes. (1)

Este culto de amôr e infinda graça jamais póde cessar de alegrar-nos, consolar-nos, e sobretudo melhorar-nos.

O' Madre del solo amore, ó Diva,
Non è l'affezione nostra tanto profonda
Che basti a render voi grazia per grazia.

Findo o canto o Celebrante e os Assistentes érguem-se; as Senhoras sêntão-se. O Celebrante lê:

E' milhor amar do que ser amado,
Não ha nada real no mundo sinão amar.

Si falarmos a lingua dos homens e dos anjos e não tivermos amôr, seremos como o bronze soando ou como os símbolos vibrando.

Si tivermos o dom das profecías, e conhecermos todos os mistérios e toda a siência, e si tivermos a fé capás de transportar montanhas, e não tivermos amôr, nada seremos.

E si distribuirmos em alimento dos pobres todos os nóssos bens, e si entregarmos os nóssos córpos para serem queimados, e não tivermos amôr, de nada nos servirá.

O amôr não acabará nunca; quer se esvaêção as profecias, quer céssem as linguas, quer se destrua a siência.

Agora e sempre permanecerão o amôr, a fé, e a esperança; dessas tres virtudes; a maior, porém, é o amôr. (S. PAULO. *Corintios.* I, Cap. 13).

---

(1) *Côro da Flauta Encantada (2m).*

E os Assistentes cântão:

Se cança de pensar e até de agir cançamos;
Sómente amar não cança, e nem dizer que amamos.

Comemoração especial
Fésta da Humanidade

O Celebrante vólta-se para os Assistentes e proclama a solenidade do dia.

O nósso Mestre disse: Os nóssos decendentes abrirão o ano pela mais augusta das solenidades, adorando dirétamente o Grão-Ser, de quem se reconhecerão filhos e servidores. (*Pol. Pos.* IV, 137).

"O conjunto das concepções pozitivas se condensa na noção única de um ser imenso e etérno, a Humanidade, cujos destinos sociológicos se dezenvólvem sempre sob o predomínio da Terra e do Espaço. Em torno desse verdadeiro Grão-Ser, motôr imediato de cada ezistencia individual ou coletiva, os nóssos afétos se concêntrão tão espontâneamente como os nóssos pensamentos e átos. A idéia só desse Ser-Supremo inspira a fórmula sagrada: *O Amôr por princípio, e a Ordem por baze; o Progrésso por fim.* (*Catecismo*).

"Superiores pelo amôr, mais bem dispóstas a sempre subordinar ao sentimento a inteligência e a atividade, as mulheres constitúem espontâneamente entes intermediários entre a Humanidade e os homens. (*Pol. Pos.* II, 63). Filhos desse Ser-Supremo por graça da Mulher, a nóssa vida consiste em *viver para outrem* afim de sermos encorporados definitivamente aos seus gloriózos destinos, *revivendo em outrem por outrem,* até a consumação dos séculos, segundo a lei: *Os vivos são sempre, e cada vês mais, governados pelos mórtos.*

Todos ajoêlhão e cântão:

Ave! cara Humanidade.

Sentão-se as Senhóras; os homens de pé. O Celebrante:

Sómente de real no mundo eziste amar. etc.

Ajoêlhão-se todos e cântão:

Deuza de amôr nos abraza, etc.

Erguem-se; o Celebrante dis: (Senhoras sêntão-se).

Pois bem; do amôr guardai o permanente ensino. etc..

Sêntão-se. Ha a prédica ou a leitura do *Catecismo* (p. 55-59: Trad. Braz, 1ª edição).

Terminada a leitura, o Celebrante beija o livro, e dis a oração de Jorge Lagarrigue.

Depois vólta-se para o povo:

Gradual: A esse único e verdadeiro Grão-Ser, de quem somos sientemente os membros necessários, se dirigirão sempre as nóssas contemplações para conhecê-lo, as nóssas afeições para amá-lo, e as nóssas ações para serví-lo. (*Proclamação do Palais Cardinal.* 1847).

Os Assistentes respondem:

Alleluia! Alleluia! Diis extinctis, Deoque, successit Humanitas! Alleluia!

Ofício da Humanidade
(Quarto ensaio)
Comemoração geral

O Celebrante déce da cátedra pontifical pelo lado de Paris; chegando em baixo da escada que condús à Aria da Religião, vólta-se para a Humanidade, e dis:

C. Glorifiquemos a Deuza, nóssa Mãi suprema;

M. A Deuza que enche a nóssa alma de uma alegria sempre nóva.

C. O nósso socorro está na Humanidade.

M. Que desvendou as leis do Espaço, da Terra, e da sua propria alma, afim de milhor submeter-se a elas.

C. A Submissão é a baze do aperfeiçoamento.

M. Vai-se com passo mais firme seguindo do que conduzindo.

Ajoêlhão-se os assistentes.

PRIMEIRA PARTE
Evolução preparatória
I
Período fundamental sintético
A
(1) Faze inaugural — Fetichismo
a
Fetichismo espontaneo
α
Fetichismo nômade — Fésta dos Animais

A orquéstra ezecuta uma sinfonía na qual se escútão entremeiadas as vózes dos animais, sociaveis e ferózes, nomeadamente o *Cão,* o *Cavalo,* e o *Boi.* Entre o gorgêio das aves destaca-se o canto do Rouxinol. Nesse ínterim, do fundo do Santuário sái um côro de Senhoras, precedidas por meninas e crianças, e seguidas por quatro aspirantes ao sacerdócio carregando, como andôr, uma meza sagrada (*mensa sacra*) destinada a servir de altar. (festins funebres) Aos quatro lados da meza péndem painéis, pintados e aluzivos à vida pastoril. Entre as aves domésticas deve figurar a pomba.

Ao chegar o préstito à entrada do santuário, se lhe junta um grupo de *anciãos* saídos da nave. O Celebrante vólta-se para receber o altar que é colocado na sua frente, em baixo da escada que sóbe à Aria da Religião. Os aspirantes retírão os varais da meza sagrada, que deve ser preza aos ditos varais por correias, e o sustentão de pé ao lado. Então o Celebrante lê no seu *Ritual* alguns trechos dos grandes poétas que

---

(1) *Incorporação do Fetichismo no Pozitivismo; por isso todos os que tômão parte no cerimonial sáem do* templo, *e não* dos altares históricos.

caraterizem a fraqueza inicial da Humanidade, e a sua ingênua ternura fraternizando com os animais. Por ezemplo:

E eles se falavão assim, e um cão que estava deitado ergueu a cabeça e levantou as orelhas... sacudiu a cauda, e endireitou as orelhas; mas não pôde ir ao encontro do seu Senhor, que, o tendo visto, enxugou uma lagrima.

Odisséia — Canto XVII.

E ele disse rudemente aos cavalos do seu pai: Xanto e Balios, ilustres filhos de Podarge, restitui desta vês o vósso condutor quando estiverdes saciados do combate...

Iliada — Canto XX.

E quatro pastores conduzíão os bois, e nove cães rápidos os seguíão. E eis que dois leões horriveis apanhárão à frente das vacas, um touro mugidôr, e ele era arrastado, dando longos bramidos. Os cães e os pastores os perseguíão; mas os leões dilacerávão a pele do grande boi, e bebíão as suas entranhas e o seu sangue negro. E os pastores açulávão os cães rápidos que recuzávão morder os leões, e não ladrávão de pérto sinão para fugir logo depois.

Iliada — Canto XVIII.

Depois prosegue, voltado para a Humanidade, com o corpo inclinado, neste áto de humildade:

C. Curvados aos teus pés, suave Deuza, fonte perene de todas as graças, confessamos compungidos que frequentemente erramos, por pensamentos, palavras e átos, já pela nóssa ignorancia e fraqueza, já por nóssa culpa, nóssa culpa, nóssa mássima culpa,

(*bate tres vêses no peito com a mão direita*)

Não césses, pois, de amparar o nósso débil altruismo.

M. Sustentados pela Humanidade, e as gloriózas personificações que Ela nos deu por Anjos universais e

domésticos, conseguiremos elevar-nos da mais humilde condição às sublimidades do altruismo, vivendo para outrem, afim de reviver em outrem por outrem.

C. Amen.

(E fazendo o sinal Pozitivista):

Oxalá mereçamos a indulgência, a absolvição, e a remissão dos nóssos pecados, pela nóssa crecente dedicação à Familia, à Patria, e à Humanidade.

(E inclinado proségue):

O homem se agita e a Humanidade o condus.

M. O amôr prevalecerá, pois, cada ves mais.

C. E milhor se patenteará que não ha prazeres que ecêdão os da dedicação.

M. E que só somos felizes quando a nóssa felicidade a ninguem aflige ou ofende.

C. Sejamos cada ves mais gratos a Humanidade.

M. E os nóssos louvores crêção em torno do seu doce nome.

C. A Humanidade seja convosco.

M. E com o teu coração.

Separando e unindo as mãos o Celebrante dis *Oremus*. Então os aspirantes colócão nóvamente as hastes no andôr e sóbem com ele à Aria da Religião, indo colocá-lo em frente à Cátedra pontifical. O Celebrante vai adiante; e o Altar é acompanhado pelo côro feminino e infantil, e pelos anciãos; o Celebrante vai rezando em vós baixa, em sinal de humildade. (Esta cerimônia reprezenta a passagem da vida nômade para a ezistência sedentaria).

Come l'augello, intra l'amate fronde,
Posato al nido de'suoi dolci nati
La notte, che le cose ci nasconde,
Che, per veder gli aspetti disiati,
E per trovar lo cibo onde gli pasca,
In che i gravi labor gli sono aggrati,
Previene il tempo in sull'aperta frasca,
E con ardente affetto il sole aspetta,
Fiso guardando, pur che l'alba nasca.

DANTE. *Paraizo*. Canto XXIII

Quand le rossignol s'inspire
Sur ma tige en se jouant,
Pour laisser résonner son chant
La nature entière expire.
CLOTILDE. *Les Pensées d'une fleur.*

Posto o altar na Aria da Religião, os aspirantes retírão os varais e os lévão para fóra. O Celebrante prosegue: (1)

Esquece, Mãi piedóza, as demazias do nósso egoismo, a ezalta as potências do nosso altruismo, afim de que nos aprossimemos do Santo dos Santos com um coração terno e puro. Amen.

(*Paráfraze do Catolicismo*).

CULTO DOS MORTOS.

Então a orquéstra fas ouvir uma breve melodia fúnebre, enquanto o Celebrante dis voltado para os Assistentes:

C. — Quizéramos poder servir-te e glorificar-te como todos aqueles que te amárão dignamente, e aqui se áchão, nas suas relíquias ou simbólicamente,

(*Beija o altar*):

sobretudo CLOTILDE com ROZÁLIA e SOFIA e AUGUSTO COMTE, as tuas supremas personificações.

Céssa a orquéstra; os assistentes sêntão-se.

6

Fetichismo sedentario — Fésta do Fogo

Séte Virgens nas séte idades da adolecência, reprezentando o colégio das Vestais, cuja instituição deve remontar ao Fetichismo, ocúpão cadeiras à esquerda da Aria da Religião,

---

(1) *A orquéstra deve ter findado a sinfonia na qual, por fim, só se escûtão as vózes dos animais sociáveis e o gorgêio das aves.*

desde o começo do oficio. Séte Senhoras, sendo quatro cazadas, duas solteiras e uma viuva, ocúpão cadeiras simétricas à direita da mesma Aria. Diante das vestais haverá uma credência sobre a qual estará um Lar de porcelana, munido de hastes laterais de madeira, para ser carregado como andôr, e tres pequenos feixes de plantas aromáticas. Diante das séte Senhoras, haverá uma outra credência sobre a qual se achão seis vélas de cêra acezas e ornamentadas, ladeando um formozo cofre de madeira aromática (sandalo, por ezemplo) e contendo perfumes para serem queimados. As séte Vestais serão escolhidas, quatro entre as familias proletárias, duas entre as familias patricias, e uma entre as familias sacerdotais, e mudarão em cada cerimônia tanto quanto possivel. Só pódem ser escolhidas entre familias cazadas religiózamente, isto é, cujos pais tiverem feito voto de viuvês eterna e sêjão de conduta irrepreensivel. E' precizo demais que os pais se tênhão comprometido a não consentir no cazamento delas antes de 21 anos complétos, não permitindo mesmo que fiquem noivas antes dessa idade. As Senhoras cazadas devem ter a consagração religioza. O Côro das Senhoras será prezidido pela viuva.

Quando a orquéstra houver cessado, as quatro vestais mais Moças tomarão o Lar, e as tres mais Meninas tomarão os feixes aromáticos. As quatro Senhoras cazadas e as duas solteiras tomarão as velas, e a Senhora viuva levará o cofre de perfumes, tendo tres de cada lado, e indo Ela no centro. Os dois grupos se dirigem para a frente do Altar. O Celebrante, seguido pelas pessoas que estão na Aria da Religião, virá ao seu encontro. As pessoas alheias ao colégio sacerdotal, depois de haverem saudado as recem-vindas, irão tomar os lugares que ocupávão no começo do Oficio. O Celebrante e os seus Ministros espérão as recem-vindas na Aria da Religião. Nesse interim os Assistentes cântão um *hino ao Fogo*, por exemplo:

Hino ao Fogo

Como se funde a dureza
Ao teu possante calôr,
Se abrande assim o egoismo
Nas âncias do puro amôr.

Como se incende o perfume
No teu ardente fulgôr,
A mente assim se ilumine
Aos brilhos do puro amôr.

Como distila os aromas
Teu rutilante vapôr,
A vida em culto sublimão
Os vótos do puro amôr.

As vestais depozitão o Lar sobre a Meza sagrada e colócão-se à esquerda. As Senhoras depõem as seis vélas, tres de cada lado, e na mesma linha, entre o Lar e a Cátedra pontifical. A primeira das Senhoras fica à direita do Celebrante, e a primeira das Vestais à esquerda; esta recebe um dos feixes aromáticos.

O Celebrante lê um trecho como este:

"Ecitado pelo vento, o fogo retumbante penétra rápidamente nos gravetos com a sua chama e a sua potestade. Fogo, quando tu te lanças súbitamente como um touro sobre as árvores da florésta, o teu caminho é negro, ó tu cujas chamas são rubras e que és imperessivel. Todos os seres, estáveis ou móveis, temem o Fogo no seu vôo." RIG-VEDA.

Depois dis, voltado para a Humanidade:

C. — Acende, Humanidade, em nóssos corações a chama do teu amôr; com ela vivifica a mortiça lus da nóssa inteligência, e guia as nóssas mãos e os nóssos passos para o teu serviço.

(*Paráfraze do Catolicismo*).

---

b

Fetichismo sistemático

a

Fetichismo Sacerdotal — Fésta do Sol

O Celebrante lê, voltado para os Assistentes:

"Sol que és a um tempo o olho e a alma deste vasto mundo, vai, e no teu curso eterno do Oriente ao Ocidente, e do Poente à Aurora, aprezenta por toda parte a imágem da sua grandeza. Lua, que óra te encontras com o astro do dia, e que óra o evitas fugindo com as estrelas fixas no seu órbe móvel, e vós, planetas, fógos errantes, cujos passos misteriózos são acompanhados

de tão bela harmonia, concorrei para os louvores d'aquela que, do seio das trévas, tirou a lus. — MILTON. *Paraizo*. Livro V. (1)

Então a primeira das vestais oferece o feixe das plantas aromáticas dizendo:

Abençoai-o, venerado Pai.

O Celebrante responde:

Abençoado serás por Aquela por cujo suave mando és queimado.

Lança então o feixe no fogo, dizendo:

Súbão à tua prezença esses aromas abençoados pela Humanidade, como sobre Ela décem as tuas graças perenes.

O côro feminino responde: Amen.

E o CELEBRANTE: O teu culto inspirou esta lição sublime:

(*Lê*):

"Tau-chi perguntou (a Confucio) o que era a virtude da Humanidade? O Filózofo respondeu: amar os homens. — O que é a siência? O Filózofo respondeu: conhecer os homens. LUN-YU. Cap. XII. Art. 22.

6

Fetichismo militar — Fésta do Ferro

Da nave destácão-se então tres Patrícios e quatro Proletários. Estes séte cidadãos dévem ocupar as cadeiras da primeira fileira mais próssima da balaustrada que separa a nave do Santuario. Os Patrícios ficarão à direita, e os Proletários à esquerda. Os Patrícios serão escolhidos: um, entre os chefes industriais, outro, entre os cavalheiros, e o terceiro, entre os anciãos retirados. Os Proletários pertencerão às quatro

---

(1) *Modificar. Vide Milton p.* 120 — 11 *Bichat* 47 (113). 13 Dezembro 1901.

classes industriais. De fronte de cada grupo eziste uma credência com emblemas. A da esquerda terá quatro hastes com troféus de instrumentos de férro, agrícolas, fabris, comerciais (especialmente *bússola* e *âncora*) e estéticos como rezumo dos que se destinão a agir sobre o homem. Na credência da direita, haverá tres turíbulos de férro, suspensos por correntes de ouro, prata e platina. Chegados ao Santuário, todos genuflécsão-se primeiro em adoração à Humanidade, depois, à direita e à esquerda, em homenagem ao côro feminino. Então sóbem até à Aria da Religião, onde o Celebrante cercado do côro feminino os recebe. (1) Os Patrícios aprezentão os turíbulos, e os Proletários colócão-se, dois à direita e dois à esquerda, um pouco atrás. A primeira das matronas oferece os perfumes, e o Celebrante lança uma colher em cada turíbulo, dizendo:

Dom prodigiozo entre os mais, soberano Ferro, primícia sublime que a Terra outorgou à Humanidade por meio do Fogo, para ser, com o Fogo o supremo instrumento do seu surto industrial e moral: com o teu aussilio, Ela caminhou, através da guerra, e da escravidão, para a pas universal, domando o egoismo e estraindo os preciózos metais destinados a permitir a tua inteira aplicação ao trabalho, substituindo, com a moéda, a violência e a fraude pela liberdade e a franqueza. Leva à nóssa glorioza Mãi os perfumes da nóssa adoração.

O Celebrante coloca de novo o incenso nos turíbulos, e recebendo-o do ancião, volta-se para a Humanidade e incensa o altar, dizendo:

Dirija-se, Senhora, a nóssa oração à tua prezença como o incenso. A elevação das nóssas mãos seja velós no teu serviço, como os seus flócos rólão em torno da tua imagem. Põe, Senhora, guardas em nóssas bocas e portas em redór dos nóssos lábios, para que os nóssos corações não deslízem em palavras de malícia ou em sofismas.

Psalmo. 140.

---

(1) *Durante esta cerimonia a orquéstra tóca uma marcha e os Assistentes cantão um hino.*

Para incensar o altar ségue o ritual católico.

Da capéla de Moizés, dirige-se para o Santuário uma teoria composta de tres sacerdotes (Egito, Caldéia e India) seguidos de dois aspirantes (Grécia e Roma) e de Militares, Patrícios, Proletários, Senhoras, (1) meninas e crianças. Os Sacerdotes, Aspirantes, Senhoras e Meninas, trazem as imagens dos Deuzes caraterísticos de cada civilização. Os outros membros trazem os emblemas teocraticos das suas profissões. O Celebrante que até então estivéra entre o altar e a cátedra pontifical e voltado habitualmente para os Assistentes, vem ao encontro da teoria e a espera adiante do altar. Os recem-vindos colócão-se em torno do Altar: os Sacerdotes do lado do Oriente, e os Aspirantes do lado do Ocidente; os outros membros distribúem-se de ambos os lados. O côro feminino, que estava na Aria da Religião, retira-se, depois de saudar os recem-vindos, deixando sobre o altar os emblemas fetíchicos que lá estávão e entregando os outros ao novo côro feminino. Esta cerimônia reprezenta a assimilação do Fetichismo pelo Politeismo teocrático. O mais velho dos Sacerdotes (Egito) tras um Sacramentário que depozita sobre o altar do lado do Oriente. (2) O Sacramentário reprezenta a tentativa de coordenação social pelo acendente político da razão abstrata, tambem simbolizada pelas imagens dos Deuzes.

O Celebrante vólta-se então para a Humanidade, para significar o predominio do tipo humano, como antes estivéra voltado para os Assistentes, para reprezentar a adoração do Mundo, caraterística do Fetichismo. Assim voltado para a Humanidade, o Celebrante dis:

Purifica e entuziasma os nóssos corações e os nóssos labios, Humanidade compassiva, que desde o teu início patenteaste as aspirações do teu altruismo estreme de toda mácula egoista afim de que possamos anunciar decoróza e fecundantemente os ensinos da tua sabedoria secular, proclamada pelos teus sublimes Interpretes. Amen. (*Parafráze do Catolicismo.*)

O Celebrante abre o Sacramentário no lugar conveniente, e o beija. Depois vólta-se para os Assistentes, enquanto um dos aspirantes toma o Sacramentário e lh'o aprezenta onde estava aberto, para ser lido. O Celebrante dis:

Conhece-te a ti mesmo, afim de melhorar-te.

---

(1) *As senhoras vêm sempre da capéla de Heloiza.*

(2) *Durante esta cerimônia a orquéstra ezecuta uma marcha.*

Depois lê uma passagem, como esta, por ezemplo:

"E vos conheço, senhores da Verdade e da Justiça; eu vos trousse a verdade, eu destrui por vós a mentira. Não cometi fraude contra os homens. Não atormentei a viuva. Não fis trabalhar um operario mais do que devia. Não fis chorar. Não subtraí as provizões ou as ínfulas dos mortos... Não tirei o leite da boca das crias. Não enxotei os rebanhos sagrados dos seus pastos. Não apanhei com laços as aves divinas. Não pesquei os peixes sagrados nos seus tanques. Não cortei um braço d'agua na sua passagem. Não apaguei o fogo sagrado. (*Livro dos Mortos*).

Beija outra vês o livro; o aspirante o tórna a colocar sobre o altar. O Celebrante dís:

Que as palavras teocráticas se grávem em nóssos corações e nos libertem do egoismo, ensinando-nos as delicias do altruismo.

(*Paráfraze do Catolicismo*).

II

Dezenvolvimento analítico
Evolução Ocidental

A

Politeismo Progressista ou militar

Os reprezentantes das teocracias orientais retírão-se levando os seus Deuzes, mas deixando o Sacramentário. Os reprezentantes da teocracia grega pássão para o Oriente. Advento de Atenas. Os reprezentantes da teocracia romana permanécem, do lado do Ocidente. (1)

---

(1) *São substituidas as pessoas por outras saidas dos altares da Grecia e Roma.*

a

Politeismo intelectual

Elaboração grega

α

Politeismo estético

Homéro — Esquilo — Fidias

Sobre o altar de Homéro, um sacerdote e dois vigários precedidos por um oficial de Marinha (Policia) tômão vários emblêmas. O sacerdote toma uma hóstia (*popanon*) que está em uma *pátena* tendo um pé em fórma de lira. O mais moço dos vigários toma um estandarte reprezentando a *Volta de Salamina,* e cuja haste é encimada pela estátua de Minerva, (Fidias) e vem à esquerda do Sacerdote. O mais vélho dos vigários tras um estandarte onde está figurado o suplício de Prometeu e cuja haste é encimada pelo Destino. O oficial de marinha tras um troféu naval coroado de louro e carvalho. Durante a cerimônia a orquéstra toca uma marcha triunfal.

Nesse ínterim, o sacerdote lê voltado para a Humanidade, passágens como estas:

Tu és para mim pai, mãi veneravel, irmão, e um espozo cheio de mocidade. Por piedade, fica nesta torre, não faças teu filho orfão e tua mulher viuva. — Nem a desgraça futura dos troianos, nem a da propria Hecuba, do rei Priamo, e dos nóssos irmãos corajózos, que cairão em turba sob os guerreiros inimigos, me aflige tanto como a tua. Mas a terra pezada me cubra morto, antes que eu ouça os teus gritos, e te veja arrancar daqui!

Iliada. Canto VI.

"Ah! que a dissenção pereça entre os Deuzes! e, entre os homens, pereça a cólera que perturba o mais sábio, e que, mais doce do que o mel liquido, se enfuna, como a fumaça, no peito dos homens.

Iliada. Canto XVIII.

Que nenhum homem seja iníquo e aceite em silencio os dons dos Deuzes.

Odisséia. Canto XVIII.

Padre Zeus, nenhum dos Deuzes é mais cruel do que tu, porque tu não tens piedade dos homens que tu

mesmo geraste para serem acabrunhados de mizérias e dôres amargas!

Odisséia. Canto XX.

E lançando os braços ao pescoço de Ulisses, ela beijou-lhe a cabeça e disse: Não te irrites contra mim, Ulisses, o mais prudente dos homens... A minha alma, no meu caro seio, temia que um homem, vindo aqui, me enganasse pelas suas palavras... Ela falou assim, e o dezejo de chorar tomou Ulisses, e ele chorava cerrando nos braços a sua cara espoza tão prudente.

Odisséia. Canto XXIII.

Mas dizei-me, meus amigos, onde fica Atenas? — Bem longe do lado do poente, para o lado onde desaparéce o Sol, nosso Senhor. — Pois bem, meu filho ardia do dezejo de se apoderar dessa cidade. — Com efeito, toda a Grecia ficaria então sujeita ao rei. — Que monarca os condus, e governa o seu ezército? — Nenhum homem os tem por escravos ou por súditos.

Desgraça! Desgraça! Foi pois em vão que, das planícies da Azia, tantos póvos confundindo as suas armas se precipitárão sobre esse nobre país da Helenia. — Os cadáveres dos desgraçados que parecêrão estão amontoados nas praias de Salamina e em todos os seus arredóres.

O Salamina! nome fatal e detestavel! Atenas! Atenas! Que lágrimas a tua lembrança nos custa! Atenas é para o inimigo um objéto de terror.

Esquilo. *Os Persas*.

Jupiter é cruel, eu o sei; o justo para ele é o seu capricho... E no entanto, apezar do orgulho que enche a sua alma, ele cairá do seu trono... Honra, ezora, lizongeia esse senhor; para mim Jupiter é menos que nada aos meus olhos... Servir os mortais era criar-me dôres... Suportarei corajózamente a fortuna prezen-

te... Que pósso eu temer?... O meu destino é não morrer jamais... E agora caí sobre mim raios de sulcos tortuózos...

ESQUILO. *Prometeu.*

O que se admira em um poeta? — Os hábeis conselhos que tórnão os cidadãos melhores... O poeta deve esconder o que é infame e não ostentá-lo na sena... Nós não devemos mostrar sinão o bem.

ARISTÓFANES. *As Rans.*

O Celebrante vólta-se, recebe a pátena com a Hóstia e a colóca ao Oriente do Lar. Nesse ínterim, isto é, enquanto vem os reprezentantes do politeismo estético, os reprezentantes da teocracia grega colócão os símbolos politeistas em arcas do altar e retírão-se. Os reprezentantes do politeismo estético ocúpão o seu lugar.

6

Politeismo teórico

Táles — Pitágoras — Aristoteles Hipócrates — Arquimedes — Apolônio — Hiparco

A orquéstra começa então uma marcha magestóza. Ao mesmo tempo da Capéla de Aristóteles sáem tres sacerdotes. Dois trázem estandartes brancos com emblemas verdes, e vêm na frente. O terceiro, atrás e entre os dois, condús um estandarte verde em baixo e branco em cima. As hastes são encimadas por esféras celéstes de vidro azul, quazi branco, deixando ver no centro uma esféra verde, reprezentando a Terra. O sacerdote da esquerda tem no estandarte traçada a figura que, segundo o nósso Mestre, carateriza a descobérta geométrica fundamental de Tales, encimada pelo dístico: *O que ha de mais dificil é conhecer-se a si mesmo.* Por baixo tem: *A agua é o princípio de tudo.* O Sacerdote da direita, tem no estandarte inscritos os símbolos: α, β, γ, e por cima: *"Nada faças de vil nem sózinho nem com outrem; e acima de tudo torna-te um guarda veneravel de ti mesmo.* Por baixo: *Os números régem até o Fogo.*

O estandarte do terceiro sacerdote tem, na parte branca, as palavras: *Terra, Agua, Ar, Fogo;* na parte verde o dístico: *Divizão dos ofícios, convergencia dos esfórços. A principal força da mulher consiste em vencer a dificuldade de obedecer.*

Ao passarem pela capéla de Arquimédes, quatro aspirantes ao sacerdócio se júntão a eles, com estandartes. Vêm formando dois pares, um pouco atrás do terceiro sacerdote; os dois mais vélhos vão adiante. Destes, o da direita tras a haste

encimada por um cilindro de vidro verde claro circunscrevendo uma esféra mais escura. O estandarte branco reprezenta a defeza de Siracuza, e tem nas órlas figuras geométricas carateriza do as descobertas de Arquimédes. O aspirante que fica à sua direita, e é mais velho, tem um estandarte verde encimado pelo símbolo teocrático da arte de curar. Nesse estandarte estão inscritos os aforismos: — *Vida breve, etc.*, e *Tudo concorre, etc.* — Por tras do aspirante da direita, vem o aspirante trazendo um estandarte branco encimado por um cône cortado por um plano. No estandarte está traçada a figura que carateriza a propriedade focal comum às tres seções cônicas. O aspirante da direita deste tras um estandarte branco encimado por uma esféra armilar. No estandarte está figurado o sistêma astronômico de Hiparco.

Nesse interim o Sacerdote lê no Sacrámentario:

— A soma dos ângulos de um triângulo retilineo é constante. — Os lados dos triângulos equiângulos são proporcionais. — O que ha de mais difícil é conhecer-se a si mesmo. TALES.

Um, dois, tres. — Os numeros régem até o Fogo! Nada faças de vil, nem sózinho, nem com outrem; e acima de tudo torna-te um guarda veneravel de ti mesmo. PITÁGORAS.

A velocidade, na quéda, é proporcional ao espaço. (1)

Terra, Agua, Ar, e Fogo — eis os elementos.

Mamíferos, Aves, Reptís, Peixes, Invertebrados; nutrir-se, dezenvolver-se, e morrer.

Divizão dos ofícios e convergência dos esfórços.

Nada eziste na inteligência que não venha da sensação. A felicidade consiste na atividade da alma dirigida pela virtude. A virtude é o meio entre dois vícios estremos, um por ecésso, outro por falta. A principal força da mulher consiste em vencer a dificuldade de obedecer. ARISTOTELES.

---

(1) *Introduzido a* 15 *de Bichat* 47 (113) — 17 *Dezembro* 1901

Vida breve, arte longa, ocazião fugás, juizo difícil, esperiencia falás. Tudo concórre, tudo consente, tudo conspira. HIPÓCRATES.

O cilindro é média proporcional entre a esféra que lhe é inscrita e o cône equilátero circunscrito a esta. ARQUIMEDES.

Curvas discritas por um ponto cujas distâncias a um outro e a uma réta, são entre si em relação constante: parábola, elípse, hipérbole. APOLONIO.

Os pontos equinociais retrográdão. HIPARCO.

Chegando ao altar, o sacerdote que tras o estandarte aristotélico, genuflécsa-se perante o côro feminino, em lembrança do culto que Aristóteles rendeu a sua Espoza. E quando o Celebrante vólta-se, ele lhe aprezenta o estandarte. O Celebrante beija o estandarte, e depois dis:

Vidi il Maestro di color que sanno,
Seder tra filosofica famiglia
Tutti l'ammiran, tutti onor gli fanno.

DANTE. *Inferno*. Canto IV.

Então o Celebrante vólta-se para a Humanidade e tomando a pátena com a Hóstia, a colóca na altura do peito, e dís, com os ólhos voltados para a imagem da Humanidade:

Recebe, ó Mãi estremózissima, esta Hóstia imaculada que te oferecemos em lembrança especial dos martírios sem número, que sofreste desde tempos imemoriais, e contínuamente sófres para haurir do seio da Terra, da imensidão do Espaço e da tua propria alma, os tezouros que nos distribues. Ela é tambem o símbolo da nóssa rezolução de consagrar, cada vês milhor, ao teu serviço, apezar dos nóssos defeitos, toda a nóssa inteligência. Seja, pois, ela um penhôr da nóssa etérna união contigo.

O Celebrante depõe a pátena sobre o altar, dizendo:

O meu destino é não morrer nunca. (1)

Desde que chêgão os reprezentantes do politeismo teórico, os reprezentantes do politeismo estético se retírão, deixando os seus símbolos entrelaçados com os dos teocratas

(1) 10 *Bichat* 47 (12 *Dez.* 1901).

como um troféu. Quando o Celebrante acaba a oração, os reprezentantes do politeismo teórico deixão os seus estandartes nesse troféu e se dispõem a retirar-se.

b

Politeismo social

Preparação romana

Sipião — Cezar — Trajano

Muda-se o Sacramentário para o Ocidente. Advento da supremacia de Roma. A orquéstra ezecuta uma marcha triunfal. Do altar de Cezar, parte um grupo composto de 13 proletários, 7 gendarmes, 3 generais e divérsos aspirantes. Todos trázem emblemas industriais antigos, os gendarmes emblêmas políticos e militares, (romanos), os generais os símbolos do triunfo. Das capélas de Homéro, Aristóteles, Arquimédes saem grupos que acompânhão os primeiros. Chegando ao Santuário, um grupo de matronas e virgens, trazendo vazos com perfumes incolores e uma estátua da Pudicícia (a mais velha das matronas) vem ao seu encontro, e os conduzem à Aria da Religião. Na Aria da Religião incorpóra-se um sacerdote trazendo o bástão augural e o *aspergilium*, acompanhado por dois aspirantes que trázem, um, um vazo de perfumes côr de róza, e o outro, um cálice antigo. Ao enfrentar com o troféu helênico, o general que tras a *Aguia*, a inclina respeitózamente. Os reprezentantes do politeismo teórico retirão-se, e o seu lugar é ocupado pelos que viérão das capélas de Homéro, Aristóteles e Arquimédes, [e os aspirantes da capéla de Cezar]. (1) Os reprezentantes do politeismo social vão colocar-se do lado do Ocidente, enquanto um militar junta ao troféu helênico uma *Aguia*, para significar a assimilação romana dos rezultados da evolução grega. Nesse ínterim o Celebrante lê o Sacramentário:

La testa e il collo d'un'aquila vidi
Rappresentare a quel distinto fuoco.

Paraiso. 18 — 107.

Pareva dinanzi a me con l'ale aperte
La bella image, che, nel dolce frui,
Liete faceva l'anime conserte.

Paraiso. 19 — 1.

---

(1) 10 *Bichat* 47 (113) (12 *Dez.* 1901).

Vincendo intorno le genti vicini.

Hão de outros, sim, mais mólemente os bronzes
Respirantes fundir, sacar do mármore
Vultos vivos; orar milhor nas cauzas;
Descrever com seu rádio o céu rotundo,
O órto e sidéreo curso: tu Romano,
Cuida o mundo em reger; terás por artes
A pas e a lei ditar, e os póvos todos
Poupar submissos, debelar soberbos.

Eneida, livro VI.

Mas antes para mim se rasgue a terra,
Ou me despenhe o onipotente padre,
Com o raio seu às sombras, sombras pálidas
Do Erobo, e da noite às profundezas,
Qu'eu, Pudor! te vióle ou a fé te quebre.
Aquele que primeiro a si jungiu-me
Os meus amores carregou consigo,
Consigo os tenha e no sepulcro os guarde.

Eneida, livro IV.

Sou homem, e nada humano eziste que repute alheio a mim. TERENCIO.

So che tutto é di tutti; e che nè pure
Di nacer meritó chi d'esser nato
Crede solo per se.

METASTASIO. *Clem. de Tito.* Ato 2º, sena X.

O Celebrante vólta-se para os Assistentes. O general toma a galheta do aspirante e derrama algumas gotas no cálice; uma das matronas aprossima-se e derrama tambem algumas gotas de perfume incolôr. Então o Celebrante recébe o cálice do general, como para fazer uma libação, (com

uma parte do conteúdo) e voltando-se para a Humanidade dís:

Suave e amoróza Deuza que, derramando o teu sangue e as tuas lágrimas, abateste por toda parte o orgulho, protegeste os fracos, e impuzéste os costumes da pas, nos ensinando que no amôr não se vive sem dores, dá-nos a virtude da rezignação e da dedicação ao teu serviço, afim de que sejamos dignos de incorporar-nos aos teus gloriózos destinos.

E voltando-se para os Assistentes, dis:

"Nada julgando ter feito, enquanto alguma coiza restava por fazer. LUCANO.

B) MONOTEISMO

Substituição da atividade conquistadora pela atividade defensiva

Tentativa de estabelecer o regimen de pas universal

a

Monoteismo teocrático

Abraão — Moizés — Salomão

Incorporação romana da Judéia

Do altar de Moizés, dois sacerdotes e um general se encaminhão para o Santuário seguidos por algumas Senhoras, crianças e homens. Vão seguindo os altares até a capéla de Cezar; daí tômão o meio da nave. O mais velho dos sacerdotes tras um labrum com o hissope; o segundo um vazo com agua, coberto por um véu de linho (Lustração). O general os ségue um pouco atrás com um troféu formado de uma harpa e símbolos guerreiros e teocráticos. Chegados ao Santuário colócão-se do lado do Oriente, que já está sob a dominação romana. Esta cerimônia indica que os contatos entre o judaismo e o Ocidente se realizárão através da civili-

zação grega. Nesse ínterim a orquéstra ezecuta uma múzica melancólica e o Celebrante lê:

"A nação judaica póde ser históricamente cotejada com a população grega, como fatalmente sacrificada à evolução fundamental da Humanidade, uma em virtude do seu monoteismo prematuro, a outra por cauza da sua vicióza preponderância do espirito... POLITICA POZITIVA. III, 408.

Quando o Celebrante vólta-se, o sacerdote que tem o labrum lh'o aprezenta, e o que tras o vazo d'agua derrama esta sobre os dedos do Celebrante como *ablução*. Depois oferéce-lhe o véu de linho para enxugar as mãos. Nesse interim o Celebrante dis:

"Lavarei as minhas mãos entre os inocentes, e circundarei teu altar, afim de ouvir a vós do teu louvor, e narrar todas as tuas maravilhas... Não percas com os ímpios a minha alma, e com os homens sanguinários a minha vida. Ps. 25.

Depois vólta para o meio do altar, e lê no Sacramentário:

Votaremos as nóssas mãos, assim purificadas a colaborar na tua perene pas. Amaremos a beleza da tua morada etérna e a séde da tua glória, a Terra. Do seu seio fecundo brota a agua cristalina que nos dezaltéra e purifica, nutre as plantas que dão-nos forças para o teu serviço, viceja as flores que embalsamão os teus Templos, e é o agente multifórme da tua prodigióza indústria. Que as nóssas mãos sêjão para sempre izentas de sangue e empregadas na ezecução das tuas vontades, pelo trabalho e a oração. Amen.

(*Paráfraze do Psalmo precedente*).

Nesse ínterim, os recem-vindos *dispérsão-se* pelo Ocidente e o Oriente. O Celebrante proségue:

Aceita, Humanidade santa, esta oblação que aprezentamos em memória dos teus martírios, das tuas vi-

tórias, e do teu final triunfo, bem como em honra do que por ti padecêrão os teus mais nobres filhos, afim de que ela contribua para glória deles e salvação nóssa, incitando-nos a imitá-los no teu serviço etérno. Amen.

(*Paráfraze do Catolicismo*).

Beija o altar, e voltando-se para os assistentes dis:

Orai, irmãos, para que esta cerimônia redunde em proveito da Humanidade, habilitando-nos a milhor amá-la, conhecê-la, e serví-la.

(*Paráfraze do Catolicismo*).

M. Receba a Humanidade esta celebração para glória do seu nome, pela edificação da atualidade e proveito da Posteridade.

(*Idem*).

C. Amen.

(Ajoêlhão-se todos).

b

Monoteismo católico

1º

Dissolução do mundo romano. Advento do Catolicismo.

Os que estão na Aria da Religião, à eceção das Senhoras, meninos, Sacerdotes e proletários, retírão-se. Do altar de S. Paulo um sacerdote se encaminha para o Santuário trazendo um crucifixo. Séguem-no Senhoras, meninos e proletários. Atravéssa os que estão ao Oriente e vai colocar-se ao Ocidente. Nesse ínterim, a orquéstra ezecuta uma sinfonía imitando uma tempestade medonha. E o Celebrante lê:

"Agora e sempre permanecerão o amôr, a fé, e a esperança; dessas tres virtudes, a maior, porém, é o amor". S. Paulo.

Os assistentes de joelhos.

Nós te rogamos, Mãi devotadissima, que te dignes fazer esta oferenda em tudo abençoada, privilegiada, aprovada, razoável, e aceitável afim de que ela se torne de fáto para nós o emblema augusto dos teus sofrimentos e da tua perene dedicação. Porquanto, nos êstazes do Apóstolo S. Paulo, instituiste tu mesma essa comemoração, figurando que, na sua imolação voluntária, o teu ultimo tutôr teológico, revestindo francamente a tua natureza, tomou o pão,

(*O Celebrante toma a Hóstia*),

o benzeu, (+) partiu e deu aos que o cercavão dizendo: *Este é o meu corpo*.

(Ajoêlha, etc.).

Do mesmo modo, tomando o Cálice,

(*toma o cálice*)

benzeu-o, (+), deu-o aos que o cercávão dizendo: Este é o calice do meu sangue que por vós e muitos outros será derramado para remissão dos vóssos pecados.

(*Repôe o cálice*).

Todas as vezes que isto fizerdes, o fareis em minha memória.

(Ajoêlha, etc.)

[Em lembrança dessa vizão sublime, aceita, pois, esses emblemas dos cruéis martírios que padeceste e do sangue e das lagrimas que tens derramado para conquistar a felicidade dos teus filhos. Recebe assim, abnegada Mãi, os protéstos de gratidão que, durante séculos sem conta, fôrão desviados para os pálidos numes com os quais o Espaço ia objetivando os tateamentos do teu coração e do teu genio. Amen.]

O Celebrante volta-se, recebe o Crucifixo, e o colóca entre a pátena e o Cálice.

Conversão de Constantino — Supressão do Politeismo.

Então do altar de Cezar alguns gendarmes acompanhando um general com os troféus imperiais e o *lábaro*, e seguidos por Senhoras e proletários, encaminhão-se para o Santuário, atravéssão o Ocidente e vêm colocar-se ao lado oriental do altar. A orquéstra ezecuta uma sinfonía triunfal. E o Celebrante lê:

L'altro che segue, con le leggi e meco,
Per cedere al pastor, si fece Greco.

Paraiso. XX, 55.

Então vólta-se para os assistentes e dis, saudando o *Lábaro*:

Agora e sempre permanecerão o amor, a fé, e a esperança; dessas tres virtudes, a maior, porém, é o amor.

Somos todos membros uns dos outros.

S. PAULO. *Corintios*.

Pagai a todos o que lhe é devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temôr, temôr; a quem honra, honra. S. PAULO. Romanos, XIII.

As pessoas que estávão antes na Aria da Religião retírão-se levando os emblêmas politeistas e políticos, e o Lar. O Celebrante colóca o Crucifixo entre as vélas; o Cálice por diante da pátena.

O Celebrante dis, voltado para a Humanidade:

Nós te suplicamos, Mãi devotadissima, e te rogamos, ainda uma ves, que aceites e abençôes a oferenda que te fazemos, como o símbolo da nóssa gratidão e da nóssa união contigo, afim de poupar-te dóravante os martírios que até agora sofreste, por amôr dos teus filhos.

2º

1ª Faze — 2ª Faze

Idade média.

Do altar de S. Paulo, parte um sacerdote com os símbolos do papado em um troféu. Ao passar pelo altar de Carlos-Magno dois Patrícios precedidos por tres Senhoras o acompânhão. Um dos Patrícios léva os símbolos imperiais em um troféu de bandeiras das cinco populações ocidentais, dominadas pelas armas de Paris. Vão colocar-se ao lado ocidental do altar, enquanto a orquéstra ezecuta uma marcha magestóza. O Celebrante prosegue:

Que a Atualidade obedeça ao teu suave mando, e, recordando incessantemente a tua glorióza Prioridade, trabalhe sem descanço pela tua Posteridade.

c

Monoteismo islamico

(*Advento*)

Do altar de Moizés parte um sacerdote com a bandeira de Mahomet, ladeado por uma Senhora e uma Virgem, seguido por 13 gendarmes. O cortejo vai passando por todos os altares e quando chega aos de S. Paulo e Carlos Magno os saúda. Nisto um cavalheiro junta-se ao préstito. Daí se encaminha o cortejo para o Santuário e vai colocar-se à entrada, do lado do Oriente. A orquéstra tóca um hino marcial. O Celebrante lê:

Nós cremos em Deus e no que foi enviado de cima a nós, a Abraão e a Ismael, a Isaac, a Jacob, às doze tribus; cremos nos livros que fôrão dados a Moizés e a Jesus, nos livros outorgados aos profétas pelo Senhor; não fazemos diferença entre eles, e nos abandonamos à Deus.

Alcorão, II, 130.

Quanto aos crentes, Deus lhes propõe para modelo a mulher de Faráo... E Maria, filha d'Imran, [que conservou a sua virgindade, nós lhe inspiramos uma parte do nósso espirito.]

Alcorão. LXVI, 11-12.

E solo in parte vidi il Saladino.

DANTE. *Inferno. IV*, 129.

Depois prosegue:

O Madre nostra, tu che in Terra stai,
Da dello Spazio te giungiai l'amore,
Ed ogni effetti del tuo amore tu hai;
Laudato sia il tuo nome e il tuo valore
Da ogni creatura, com'è degno
Di render grazie al tuo dolce vapore.
Vegna ver noi la pace del tuo regno,
Chè noi ad essa non potem da noi,
S'ella non vien, con tutto nostro ingegno.
Come del suo voler gli angeli tuoi
Fan sacrificio a te, cantando Osanna,
Tal del nostro voler faciamo noi.
Dá oggi a noi la cotidiana manna,
Senza la cual la Terra é aspero diserto
A retro va chi piú di gir s'affanna.
E come noi lo mal che avem sofferto
Perdoniamo a ciascuno, e tu perdona,
Benigno, e non guardar al nostro merto.
Nostra virtú, che di leggier s'adona,
Non spermentar con l'antico avversaro,
Ma libera da lui, che si la sprona.

(DANTE, *Purgatorio*, Canto XI).

3ª Faze

Então do altar de Carlos-Magno vem um grupo de cavalheiros tendo à frente um sacerdote. São acompanhados por um andôr, carregado por cavalheiros, onde vem a Virgem. Um côro de virgens, crianças e matronas, precedido por uma Senhora, segue o andôr. O cortejo é fechado por dois aspirantes ao sacerdócio, tendo estandartes com as invocações de N. S. dos Anjos e de N. S. do Rozário, atrás dos quais vêm um sacerdote, dois vigários e seis aspirantes.

Chegando à entrada do Santuário, a bandeira do islamismo saúda à Virgem. Os dois grupos sóbem então à Aria da Religião. O catolicismo fica à direita e o islamismo à esquerda.
O Celebrante lê nesse interim:

E' pois verdade que o homem se ama primeiro por si mesmo... Ele ama a Deus no segundo gráu, porque este lhe é útil e não porque seja amável em si mesmo... (1) Em seguida tendo esperimentado quanto o Senhor é doce, ele passa ao terceiro gráu do amôr, que o fas amar a Deus, não mais pelo seu proprio interésse, mas pela ecelência e mérito da natureza divina. E' nesse gráu que se fas uma longuíssima pauza, e eu não sei si é possivel a alguem nesta vida chegar até ao quarto gráu, no qual o homem não se ama mais sinão por Deus.

S. Bernardo. *Tratado do Amôr.*

A Virgem real, cumulada de títulos de honra verdadeiros e revestida de esplêndidas dignidades, não preciza de uma falsa glória.

S. Bernardo. *Carta sobre a Imaculada Conceição.*

Ele louvava muito o dito de uma mulher que se tinha encontrado na Terra-Santa, tendo um facho em uma das mãos, e um vazo cheio d'agua na outra; a qual, sendo interrogada sobre o que queria fazer com isso, respondeu que queria pôr fogo no paraizo, e apagar o fogo do inferno, afim de que, dizia ela, dóravante os homens sírvão a Deus só por amôr. Bossuet — *Rezumo da Historia de França. — S. Luiz.*

---

(1) 11 *de Bichat* 47 — 13 *Dezembro* 1901.

La fede unqua non deve esser corrotta,
O data a un solo, o data insieme a mille:
. . . . . .
Senza giurare, o segno altro più espresso
Basti una volta che s'abia promesso.

ARIOSTO. *Orlando*. Canto 21. 2.ª edição.

Faze o que deves, suceda o que suceder.

O Celebrante toma a pátena com a Hóstia, e levantando os ólhos para a Humanidade dis:

Livra-nos das torturas do egoismo, piedóza Mãi, com a tua soberana lembrança. Dá que anelemos pelos gózos do altruismo em todos os momentos da nóssa ezistência.

(*Paráfraze do Catolicismo*).

Depõe a pátena com a Hóstia sobre o altar, para significar a decadência do mistério eucarístico. Ajoelha-se, érgue-se, vólta-se para o andôr da Virgem. Esta imagem é retirada do andôr pelo sacerdote, e entregue ao Celebrante que a colóca por diante do Crucifixo; este fica completamente eclipsado; vêem-se apenas os braços da crus para assinalar que continúa o martírio da Humanidade.

O Celebrante lê:

Socorra-nos o coro invizível das Mulheres santas que, com Heloiza, revívem no coração da Humanidade, e não céssão de estimular o nósso débil altruismo.

C. Por todos os séculos dos séculos.

Os assistentes católicos e musulmanos:

Amen.

C. A Humanidade seja convosco.

A. E com o teu coração.

C. Elevemos os nóssos corações.

A. Nós os temos voltados para a nóssa Virgem-Mãi.

C. Rendamos graças à nóssa suave Deuza.

(*Erguendo os olhos para a imágem da Humanidade*)

A. Como é a nóssa felicidade e o nósso dever.

C. E' verdadeiramente a nóssa felicidade e o nósso dever render-te graças em todo tempo e em todo lugar, Virgem-Mãi piedóza, Deuza etérna, e louvar-te, abençoar-te, pregar-te, pela assunção da Mulher ao etérno sólio, onde, conhecendo as doçuras de Mãi e Espoza, sem perder os encantos de Filha e de Irman, fas brilhar em todo o seu esplendor os prodígios do teu altruismo. E' por ela que louvão a tua doce magestade todos os teus Anjos, te adórão os teus Sacerdotes, te ezáltão os teus Patrícios, e te bendízem os teus Proletários. O Espaço e a Terra celébrão por isso a tua santa sabiduria, e a tua benigna potestade, com transportes de alegria. Nós te rogamos que nos tornes dignos de juntar as nóssas vózes às das almas bem-aventuradas, que te servírão e te sérvem, afim de poder dizer com elas:

(Dis, e os assistentes cântão):

C. Santa, Santa, Santa, é a nóssa Virgem-Mãi, a suave Deuza dos ricos de coração, Deuza de amôr e de pas. O Espaço e a Terra estão cheios da sua glória: Hozana a Virgem Mãi na amplidão do Espaço e na vastidão da Terra! Abençoada seja sempre! Hozana na amplidão do Espaço e na vastidão da Terra!

(*Paráfraze do Catolicismo*).

Erguem-se todos.

Partilha do mundo romano entre o Catolicismo e o Islamismo.

O Celebrante toma a Hóstia e a parte sobre o cálice dizendo:

Em memória da tua estremóza dedicação

(colóca a parte oriental da Hóstia sobre a pátena, para dezignar o abandono do túmulo do legendario Fundador do Catolicismo)

que aceitou o dolorozo abandono de tudo quanto te era mais caro, para fazer enfim prevalecer o amôr. Por todos os séculos.

A. Amen.

O Celebrante depõe a metade ocidental da Hóstia sobre a pátena. Depois volta-se para os assistentes. O reprezentante do islamismo entrega aos tres sacerdotes e aos seis aspirantes os estandartes de Táles, Pitágoras, Aristóteles, Hipócrates, Arquimédes, Apolônio, Hiparco, Ésquilo e Fídias. Esta cerimônia carateriza que os Ocidentais recebêrão dos muzulmanos os rezultados intelectuais da Grecia. Depois, os dois reprezentantes do Islamismo e do Catolicismo, entrégão juntamente ao Celebrante o estandarte de Mahomet e o dos Cruzados. O Celebrante os beija e os restitúi a ambos, que se separão, indo o católico feudal para o Ocidente e o muzulmano para o Oriente.

O Celebrante vólta-se para o Altar e lê:

A sociolatria conciliará então os tres monoteismos, mostrando aos corações cristãos, o fundadôr do islamismo escolhendo a judia ecepcional para principal tipo do sexo, cujo digno culto ele esboçou. *Politica Positiva*. IV, 411.

Um ezame aprofundado móstra, entretanto, a reação cavalheresca até nas modificações que então esperimenta a ultima fé provizória. Depois de ter admiravelmente esboçado o culto da Mulher, prelúdio necessario da Religião da Humanidade, o sentimento feudal determinou realmente, no século das cruzadas, a alteração que sofreu o monoteismo ocidental, quando a Virgem tendeu a substituir Deus. *Catecismo Pozitivista*. 1.ª Ed. Braz. 295.

d

Monoteismo metafízico
Dante — Descartes — Frederico
1ª Faze. XIV e XV séculos
Decompozição espontanea comum a todo Ocidente

Da capéla de Moizés, sái uma teoria para substituir as reprezentantes do Islamismo. Da capéla de Dante sái um sacerdote, ladeado por dois vigários um pouco atrás. O sa-

cerdote trás um estandarte onde está reprezentada a sena final do Paraizo, com este distico: *Vergine-Madre, Figlia del tuo Figlio. Quella che imparadiza la mia mente.* O vigário da sua direita trás um estandarte branco com este distico: *Ogni basso pensier del cor m'avulse.* O que está à esquerda tem um estandarte branco com este distico: *Amen te plus quam me, nec me nisi propter te.* Ao passar pela capéla de Gutemberg, junta-se um grupo de quatro patricios seguidos por séte proletários. O mais velho dos Patricios trás um estandarte branco encimado por um troféu tipográfico sobre um livro. No estandarte está figurada a prensa de Gutemberg. Ao lado vão dois proletários. Atrás vêm os outros tres patricios com estandartes encimados, o do centro por um globo reprezentando a Terra, os dois do lado por troféus de instrumentos astronômicos uzados na navegação, ao tempo de Colombo, e a bússola. No do centro, vem um quadro reprezentando o encontro de Colombo com os aborigenes do novo Continente. No da sua esquerda vem o retrato de Izabel de Castela com as armas de Colombo e o distico: *Ave! Maris stella!* O da sua direita tras o retrato do infante D. Henrique com as armas de Portugal e a diviza: *Talent de bien faire.* Os marinheiros que as acompânhão trázem um modelo da Sta.Maria. Ao passarem pela capéla de Frederico junta-se-lhes um general trazendo um estandarte com as armas de Paris, e ladeado por um Patricio e um Proletário. Ao chegar à capéla de Heloiza, o cortejo deixa passar adiante um côro feminino. Na frente vêm duas Senhoras trazendo nas mãos corôas de louros; depois uma Virgem proletária ladeada por uma Senhora patricia e uma Virgem proletária. A Virgem do centro tras o estandarte de Joana d'Arc, a da esquerda tras um estandarte com os emblemas do papado; a Senhora tras as armas de Castela.

Nesse interim canta-se, e o Sacerdote lê:

Vergine-Madre, Figlia del tuo Figlio,
Umile ed alta più che creatura,
Termine fisso d'eterno consiglio.

. . . . . .

Donna, sei tanto grande, e tanto vali,
Che qual vuol grazia, ed a te non ricorre,
Sua disianza vuol volar senz'ali.
La tua benignità non pur soccorre
A chi dimanda, ma molte fiate
Liberamente al dimandar precorre.
In te misericordia, in te pietate,
In te magnificenza, in te s'aduna
Quantunque in creatura è di bontate.

DANTE. *Paraizo*. Canto 33.

Terminado o canto o Celebrante vólta-se e dis:

Vergine-Madre Figlia del tuo Figlio
Amen te plus quam me, nec me nisi propter te.

Os que estão na Aria da Religião retírão-se deixando os seus emblemas anexados aos troféus que ladêião o altar, e são substituidos pelos recem-vindos.

2ª Faze — (XVI-1688) Protestantismo.

Da capéla de Moizés sáem outros para substituir os reprezentantes do Islamismo. (1) Da capéla de Dante sáem quatro aspirantes ao Sacerdócio, com estandartes, precedidos por um sacerdote. Este tras no seu estandarte uma sena do *Orlando* com os dísticos: *La fede unqua non deve esser corrota. Fais ce que dois, advienne que pourra.* Os tres aspirantes que o séguem trázem: o do centro a Madona de S. Sixto; o da direita uma sena do D. Quixote, com este dístico: *Sou cavalheiro. Assim viverei, assim morrerei... desprezando as riquezas, mas não a honra!* O aspirante da esquerda uma sena da *Jeruzalem libertada*, com o dístico: *Perdido é todo tempo que não se gasta em amar.* Atraz vem o quarto aspirante tendo no estandarte a sena final do *Paraizo Perdido* com este dístico: *Eu te saúdo Virgem-Mãi — E' do seio da Mulher que sairá a salvação do gênero humano.* Ao passárem pela capéla de Gutenberg são acompanhados por séte industriais caraterizando os inventos personificados em Napier, Benevenuto, Stevin, Mariotte, Papin, Boyle e Palissy. Descartes, Bacon, Hobbes, Leibnitz e Fontenelle, júntão-se ao sacerdócio caraterizando a óbra estética personificada em Shakespeare, Calderon, Corneille, e Molière. Na capéla de Descartes, dois sacerdótes ladeados por dois aspirantes, com emblemas caraterizando a óbra filozófica personificada em Descartes, Bacon, Hobbes, Leibnitz, e Fontenelle júntão-se ao prestito. Na capéla de Frederico júntão-se mais séte reprezentantes da obra politica personificada em Cromwell, Guilherme - o taciturno, W. Pen, G. Fox, Sully, Richelieu, Colbert. Na capéla de Bichat, júntão-se outros séte caraterizando a óbra sientífica em Copérnico, Galileu, Kepler, Viète, Wallis, Fermat, Harvey, Newton. Enfim da capéla de Heloiza um côro feminino caraterizando a ação feminina personificada em Sto. Ignacio de Loyola, Sta. Tereza, Marina, La Villette, D. Juan d'Austria (com o estandarte de Lepanto), Bayard, a princeza Palatina e Bossuet.

Chegados à balaustrada, os católicos se sepárão dos protestantes dispondo-se nesta órdem, as Senhoras, os poétas, os filózofos, os sientistas, os industriais, e os políticos.

Nesse ínterim o Celebrante lê:

---

(1) *Tras o estandarte figurando tambem a batalha de Lepanto.*

Não receber como verdadeiro sinão o que fôr evidente — Dividir as dificuldades — Começar pelos objétos mais simples e mais faceis de sêrem conhecidos, para subir pouco a pouco, como por degráus, aos mais complexos — Fazer enumerações tão complétas quanto possiveis.

Ser o mais firme e rezoluto nas minhas ações, e não seguir menos constantemente as opiniões mais duvidózas, quando uma vês me houver decidido por elas, do que se fôssem certíssimas — Esforçar-me sempre por vencer antes a mim do que a fortuna.

Instituir metódos gerais para rezolver as questões geométricas mediante a ligação entre as fórmas e as equações.

Tudo na órdem esterior se esplica pela estensão e o movimento.

DESCARTES.

A ordem social não póde jamais ter outra baze imediata que não seja a força. HOBBES (Vide *Pol. Poz.* II, 298).

A Terra gira. GALILEU.

Os planetas descrevem elipses das quais o Sól ocupa um dos fócos; e os satélites, elipses de que o planeta respetivo é o fóco — As árias descritas pelos raios vetores são proporcionais aos tempos — Os quadrados dos tempos das revoluções são proporcionais aos cubos das distâncias médias ao Sól. KEPLER.

Os justos verão, após longas tribulações, séculos de ouro, cujos dias todos serão afortunados. Ver-se-á então reinar à porfia os doces prazeres, o amôr inocente, e a amável verdade. Tu deporás nesse dia os sinais terriveis do poder, a força não será mais necessária, eu estarei toda em todos.

MILTON. *Paraizo*. III.

Os séculos que ele ordenar serão inabalavelmente fundados na retidão, a pas, o amôr, e darão por frutos a alegria e a beatitude etérna.

MILTON. *Paraizo*. XII.

E' mais gloriozo sofrêr pela cauza da verdade do que vencêr os seus inimigos; para os fiéis, a morte é a pórta da vida. MILTON. *Paraizo*. XII.

Finda a leitura, o Celebrante genuflécsa-se, érgue-se, toma a metade ocidental da Hóstia, e a divide, dizendo:

Em memória da tua infatigavel dedicação que aceitou os mais cruéis dilaceramentos para implantar enfim sobre a Terra a pas, pela Industria, e desvendar no Espaço sómente os símbolos do altruismo pela Siência e a Poezia. Por todos os séculos dos séculos.

Os Ass. — Amen.

O Celebrante colóca um dos fragmentos da parte ocidental da Hóstia na pátena, para significar o Protestantismo; e com o outro fragmento, que simboliza a defeza dos rezultados medievais pela massa feminina, persigna tres vezes o cálice dizendo:

A pas da Humanidade (+) permaneça (+) sempre convosco (+) apezar de todas as sugestões do egoismo e de todos os estravios do espírito.

Ass. Assim permaneça ela sempre com o teu coração e o teu espírito.

O Celebrante deixa cair este fragmento no Cálice para caraterizar o proseguimento da evolução pozitiva, através da dissolução revolucionaria, mediante a combinação de todas as forças sociais rezultantes do regimen mediévo, sob a doce prezidência do sexo afetivo.

Depois vólta-se para os recem-vindos e dis:

A pas da Humanidade seja sempre convosco, apezar de todas as sugestões do egoismo e dos estravios do espírito.

Ass. — Amen.

Então os recem-vindos sóbem à Aria da Religião; os reprezentantes do Islam vão para o Oriente. Eles trázem um estandarte figurando a batalha de Lepanto. Os dois estandartes são entregues ao Celebrante, que os restitúi dizendo:

Lepanto! última glória do instinto guerreiro, e digno complemento de Salamina! Quando a religião pozitiva houver congraçado os decendentes respetivos dos muzulmanos e dos católicos, os primeiros sentirão milhor que os segundos o preço de uma jornada, que, marcando o fim do seu surto militar, inaugurou a sua vida industrial. (*Pol. Poz.* IV, 145-146).

Então recebe dos politicos protestantes e católicos que fêchão o préstito ocidental (cujos elementos pozitivos passarão adiante conduzidos pelo elemento feminino, seguido da bandeira filozófica de Descartes) os troféus respetivos. Depois de os ter beijado os restitúi dizendo:

A opressão geral ficaria iminente si o protestantismo não houvesse podido prevalecêr algures... Devemos, porem, felicitar-nos ainda mais de que a maior parte do Ocidente tenha sido prezervada do acendente protestante... Esta dupla apreciação léva-nos a simpatizar tambem com as grandes almas que lutárão dignamente nesse imenso conflito, preâmbulo necessário de uma verdadeira renovação. *Catecismo*. ps.301-302.

Da capéla de Moizés, novos reprezentantes do Islamismo vão substituir os que estão na Aria da Religião. Da capéla de Gutenberg sáem séte industriais caraterizando a óbra personificada em Vaucanson, Watt, Montgolfier, Lacaille, Arkwright, Coulomb e Black. Da capéla de Shakespeare, sete aspirantes caraterizando a óbra estética personificada em Pergoleso, Sacchini, Gluck, Mozart, Fielding, Metastásio e Voltaire. Da capéla de Descartes — um sacerdote e sete aspirantes (Hume, Vauvenargues, Diderot, Vico e Buffon. Da capéla de Frederico, cinco Patricios, dos quais um leva um troféu ocidental encimado pelas armas de Paris. (Frederico, Turgot, d'Aranda, Campomanes e Pombal). Da Capéla de Bichat, sáem onze aspirantes ao sacerdócio (Clairaut, Euler, d'Alembert, Bergman, Geoffroy, Boerhaave, Linneu, Haller, Vicq-d'Azyr, Morgagni e Lavoisier). Da capéla de Heloiza um sacerdote seguido por algumas Senhoras. Ouve-se um trecho do D. Juan, de Mozart.

Sóbem ao Santuário e vão colocar-se, os muzulmanos ao Oriente e os ocidentais defronte; os elementos da sociedade

modérna vão na frente. A maioria das Senhoras fica com o sacerdote junto do altar. Algumas precedem o préstito moderno. Os que estávão na Aria da Religião retirão-se.

O Celebrante lê:

Reorganizar sem Deus nem Rei pelo culto da Humanidade. AUGUSTO COMTE.

Os grandes pensamentos vêm do coração. VAUVENARGUES.

Duas gerações esgotárão o acendente prévio dessas escólas inconsequentes, que quizérão destruir o altar conservando o trono, ou vice-versa. Porem o XVIII século não será reprezentado filozóficamente por puros demolidores... Sua grande escola, a de Diderot e Hume, que Fontenelle prepara e Condorcet compléta, não abraça o conjunto da destruição, sinão para conceber tanto quanto possivel a regeneração final de que o grande Frederico foi o precursor prático. *Catecismo*, p. 305.

O Celebrante ajoêlha-se, érgue-se, e inclinado sobre o Altar dis, batendo tres vezes no peito: (Paraf. do Catolicismo).

Mãi piedóza, que te sacrificas incessantemente por nós, perdôa as dôres que te fizemos sofrer!

Mãi piedóza, que te sacrificas abnegadamente por nós, perdôa as dôres que te fazemos sofrer!

Mãi piedóza, que te sacrificas alegremente por nós, perdôa as dôres que te faremos sofrer, e dá que imitemos a tua dedicação.

SEGUNDA PARTE
Estado normal
a
Estréia tempestuóza
Grande crize
1789 — 1827

Das capélas de Dante, Gutenberg, Shakespeare, Descartes, Frederico, Bichat, e Heloiza, dirige-se um préstito para

o Santuário. Tras uma bandeira verde e folhas nas lapélas e vem cantando ao som da Marselheza:

Allons, enfants de la Patrie
Le jour de gloire est arrivé.
Réorganisons sans Dieu ni Roi
Par le culte de l'Humanité.
Les grandes pensées viennent du coeur;
L'amour est la liberté;
Réorganisons sans Dieu ni Roi
Par le culte de l'Humanité.

Au Temples, citoyens!
Courons au choeur sacré!
L'Amour, l'Amour
Est la liberté,
L'Amour de l'Humanitè.

Chegando ao Santuário, sóbem até o altar enquanto as Senhoras cércão o Celebrante. Algumas pessoas do préstito tômão os turíbulos. Desfralda-se uma bandeira tricolor. Os que estávão na Aria da Religião retírão-se. A bandeira verde se encaminha para o altar da Humanidade seguida pelos elementos modérnos entre os quais vão reprezentantes dos esfórços de Danton e dos seus correligionários.
Nesse ínterim o Celebrante lê:

Concébe-se assim o caráter necessariamente tempestuozo da imensa crize que terminou o conjunto dos cinco séculos que nos sepárão da idade média.

Catecismo. 305.

A crize que a esplozão franceza inaugurou constitue antes a estréia da regeneração final do que a concluzão da vida preparatória.

Apelo aos Conservadores. Pag. 117.

Em vão o temerozo incendio parece devorar todos os frutos do teu martírio, que estávão ainda envoltos nos tocantes emblemas em que os resguardaste até então.

Vólta-se para os Assistentes com as particulas da Hóstia e as lança nos turíbulos. Nesse interim algumas senhoras, seguidas por crianças e meninas com cestas de flôres, (1) continuão a subir para a Aria da Humanidade; abre-se a cortina que encóbre o altar da Humanidade; mas a santa efigie contitúa velada. As Senhoras vão ficando nos divérsos degraus, abrindo alas ao Celebrante. Este levando o Sacramentário chega acompanhado pelo estandarte verde e a bandeira tricolor, e os Ministros com o Cálice, os turíbulos e a imagem da Razão. Chegando ao Altar o Celebrante toma, no Ramalhete sagrado, a Roza da solenidade precedente e dis:

Investidos de um império arbitrário, eles manifestárão, pela aplicação mais deciziva, o caráter subversivo de uma teoria cujo triunfo ezigia que a opressão sanguinária se estendesse tanto aos elementos do novo sistema, como aos destroços do antigo. *Politica Pozitiva*. III, p. 600.

O Celebrante lança a roza no Fogo, dizendo:

Mesmo as construções que já refulgíão, através das dilaceradas ficções, na amplidão do Espaço, na imensidade da Terra, e na sublimidade da tua propria Alma!!! (2)

As Senhoras cântão um hino como este, por ezemplo:

Hino dos Votos

Oxalá nóssas almas guardássem
As vontades da meiga Senhora,
Como em vós recolhestes saudózas
A suave alegria da Auróra!

Oxalá nóssas almas mostrássem
A ecelência da pulcra Senhora,
Como o vósso matis primorozo
Do Sól mostra o poder inda agóra.

---

(1) *Reprezêntão a Posteridade.*

(2) *Citar as palavras de nosso Mestre.* 13 *Bichat* 147.

Oxalá nóssas almas rezúmão
Toda a alma da Virgem Senhora,
Como em vós rezumistes dos Mortos
Toda a essência que a Terra incorpóra.

Oxalá nóssas almas acêndão
Para o seio da grata Senhora,
Como ao Mundo de novo revértem
Os princípios que deu-vos outróra.

O Celebrante lê, findo o canto, no Sacramentário que foi posto sobre o Altar da Humanidade.

E quanto esse quadro da especie humana libertada de todas as suas cadeias, subtraida ao império do acaso, como ao dos inimigos dos seus progréssos, e caminhando com passo firme na senda da verdade, da virtude, e da felicidade, aprezenta ao filózofo um espetáculo que o consola dos erros, dos crimes, das injustiças que ainda mánchão a terra e das quais é muitas vezes vítima. E' na contemplação desse quadro, que ele recébe o prêmio dos seus esfórços em pról do progresso da razão, em defeza da liberdade. Ele ouza então ligá-los à eterna cadeia dos destinos humanos: é aí que acha a verdadeira recompensa da virtude, o prazer de ter feito um bem duradouro, que a fatalidade não destruirá mais... CONDORCET. *Esquisse.*

Vólta-se, toma o turíbulo, e incensando o altar dis:

Ao seu esplendor o Espaço patenteou os últimos arcanos da Fatalidade, e ao seu calôr, a Terra fes brotar as derradeiras maravilhas da Indústria.

Entrega o turíbulo repetindo:

Acende, Humanidade, em nóssos corações a chama do teu altruismo, e com ela vivifica a mortiça lus

da nóssa inteligencia e guia os nóssos braços e os nóssos passos.

Ass. Amen.

Déce a bandeira tricolôr com as que a seguião; lévão tambem a imágem da Razão; fica o estandarte verde com alguns dos que o seguião. Ao chegar a bandeira tricolôr à Aria da Religião, desfralda-se a bandeira real da França, e ambas permanécem para reprezentar a coezistência da retrogradação e da anarquia. Os que estávão na Aria da Religião são substituidos por outros que vêm dos altares ocidentais, e alguns dos quais sóbem até a Aria da Religião. Nesse interim o Celebrante lê:

Não ha função sem orgão — A vida de relação repouza sobre a vida vegetativa — Tecido celular — Tecido muscular — Tecido nervozo. — BICHAT.

A alma é o conjunto das funções do cérebro — Os órgãos do coração prepondérão sobre os do espírito — O apego, a Veneração, e a Bondade fórmão a parte mais nobre do aparelho afetivo. — GALL.

Relações entre o fízico e o moral — CABANIS.

A moléstia e a saúde são regidas pelas mesmas leis: os dois estados só diférem pela intensidade dos fenômenos comuns. — BROUSSAIS.

Tocamos a maior das épocas religiósas. — DE MAISTRE.

Esperai que as afinidades da siência e da religião as únão na cabeça de um só homem de gênio; a aparição desse homem não póde estar longe; talvês mesmo ele já ezista. Esse será famozo e porá o fim ao décimo oitavo século que continua a durar. — DE MAISTRE.

Eu estou tão persuadido das verdades que defendo, que paréce-me que todo verdadeiro filózofo deve optar entre as duas hipótezes: ou que se vai formar uma nóva religião, ou que o cristianismo será rejuvenecido de uma maneira estraordinária. — DE MAISTRE.

b
Construção diréta do Pozitivismo

α
Fundação da Filozofia Pozitiva
1827 — 1845

Um outro grupo vem dos altares ocidentais e substitúi os que estão na Aria da Religião e no altar da Humanidade. Alguns fícão. Entre estes ha uma Mulher (Sofia Germain).
O Celebrante lê:

"Tudo é relativo — eis o único principio absoluto.

"Os sientistas dévem hoje elevar a política ao rango das siências de observação.

"Pela natureza mesma do espírito humano, cada ramo dos nóssos conhecimentos está necessariamente sujeito na sua marcha a passar sucessivamente por tres estados teóricos diferentes, o estado teológico ou fictício, o estado metafízico ou abstrato; enfim, o estado sientífico ou pozitivo.

"As siências tornárão-se pozitivas umas após outras, na órdem em que era natural... Essa órdem é a do gráu de complicação maiór ou menór dos seus fenômenos, ou em outros termos, da sua relação mais ou menos íntima com o homem.

"Um trabalho contínuo de oitenta horas foi ocazionado em mim (ha oito dias-Domingo 19 Fev. 1826) pelo terceiro artigo desse ezame do poder espiritual...

...Terei afinal adquerido verdadeiramente o direito de intitular essa óbra SISTEMA *de filozofia pozitiva?* — CARTA a *Blainville* — 26 de Fev. 1826.

β
Fundação da Religião da Humanidade

Os sacerdotes e aspirantes que estão na Aria da Humanidade décem. A bandeira verde é abandonada à esquerda do Altar. (Izolamento do nósso Méstre) Uma Senhora proletária sóbe até à Aria da Humanidade, seguida por crianças e ado-

lecentes de ambos os sexos, com cestas de flores. A proletária vai colocar-se à esquerda do altar hasteando o estandarte verde. Então uma Senhora viuva, patrícia, (de origem proletária sendo possivel) vestida de branco com uma facha verde servindo de cinto, sóbe, acompanhada tambem por um cortejo de crianças e adolecentes com cestas de flores. Nesse interim, o Celebrante lê:

"A oração não é realmente sinão uma fórma especial de emoções estéticas ou de inspirações gerais cujo fundo pertencerá sempre à natureza humana...

"Quando chegar o tempo de dezenvolver convenientemente o caráter sentimental da filozofia nóva, os juizos concienciózos não tardarão em reconhecer que ela não teme, sob esse aspéto, mais do que sob o aspéto especulativo, a comparação real com a antiga maneira de filozofar. Deus não é mais necessário no fundo para amar e chorar do que para julgar e para pensar.

Quando a Senhora chega à Aria da Humanidade, colóca-se à direita do Altar e ouve-se o cântico — *Ave Clotilde!* Findo o canto, o Celebrante vólta-se para os Assistentes e dis:

Não se póde pensar sempre; mas se póde amar sempre.

Depois, dirigindo-se para a Senhora da direita, ajoelha aos seus pés dizendo:

Dóravante o joelho do homem não dobrará mais sinão diante da Mulher.

A Senhora: Que prazeres pódem eceder os da dedicação? — Só somos felizes quando a nóssa felicidade a ninguem aflige ou ofende.

Toma uma roza de uma das cestas e a entrega ao Celebrante, enquanto se ouve uma estrófe da poezia *Les Pensées d'une fleur*.

Muita vês embelézo a formozura;
N'um puro seio o meu candor se côa;
Enlaça-me o prazer n'alegre crôa,
E a seu lado me prende alma ventura.

O Celebrante érgue-se, a Senhora da esquerda aprossima-se da da direita e derrama flores sobre ela, que a beija e abraça. As crianças e adolecentes lânção flores sobre ambas. O Celebrante dirige-se para o meio do altar. Aí chegando depõe a flor no Cálice (Sofrimento e morte de CLOTILDE e ajoelhando-se dis:

No meio dos mais graves tormentos que póssão jamais rezultar da afeição, não cessei de sentir que o essencial para a felicidade é sempre ter o coração dignamente cheio... mesmo de dôr, sim, mesmo de dôr, da mais amarga dôr.

Sagrada es ya mi passion
La divinisó la muerte.

CONCLUZÃO

Construção da Religião

O Celebrante érgue-se, toma a roza, e a incorpóra ao Ramalhete sagrado dizendo:

Não ha nada real no mundo sinão amar
Amar inda é melhor que ser amado
Se cança de pensar e até de agir cançamos
Sómente amar não cança, e nem dizer que amamos.

Viver para outrem — Eis a verdadeira felicidade, como o verdadeiro dever! Só tu me ensinaste a fundir as suas fórmulas! Que prazeres pódem eceder aos da dedicação? O Amôr por princípio, e a Ordem por baze; o Progrésso por fim.

Fas o sinal pozitivista — Ajoêlha-se:

Vergine-Madre! Figlia del tuo Figlio!
Amem te plus quam me, nec me nisi propter te!

Nesse ínterim um grupo de Aspirantes ao sacerdócio, de Proletários, Senhoras e crianças, sóbem até à Aria da Religião. O Celebrante dis:

Humanidade! de quem a mulher constitúi naturalmente a imágem familiar.

(Descobre-se a estátua; volta-se e dis):

A esse único verdadeiro Grão-Ser, de quem somos sientemente os membros necessários, se dirigirão sem-

pre as nóssas contemplações para conhecê-lo, as nóssas afeições para amá-lo, e as nóssas ações para serví-lo.

Ordem e Progrésso — Viver para outrem — Viver às claras.

O Amôr por princípio, e a Ordem por baze; o Progrésso por fim. — O Amôr procura a Ordem e estimula o Progrésso; a Ordem consolida o Amôr e dirige o Progrésso; o Progrésso dezenvolve a Ordem e nos volta para o Amôr.

Um, união, *unidade*, continuidade; *dois*, arranjo, combinação; *tres*, evolução, sucessão.

O Amôr universal assistido pela fé demonstravel, dirige a atividade pacífica.

O homem tórna-se cada vês mais religiozo.

Agir por afeição e pensar para agir.

Referindo tudo à Humanidade, a unidade tórna-se mais compléta e mais estável do que se esforçando por tudo religar a Deus.

A submissão é a baze do aperfeiçoamento.

O Celebrante vólta-se para a Humanidade e dis:

Vergine-Madre! Figlia del tuo figlio!
Amen te plus quam me, nec me nisi propter te!

Então ouve-se o cântico:

Tal era o problema ingente
A que só teu genio iguala!
Comte! o teu acendente
Toda dúvida avassala
Que o vulgo das nóssas éras,
Correndo após vans quiméras
Os teus louvores postergue!
O porvir cujo mistério
Desvendaste, infindo império
Por entre bênçãos te ergue.

Nesse ínterim o Celebrante toma o Cálice e derramando as essências sobre o Ramalhete sagrado, (Morte de AUGUSTO COMTE) dis:

O nada é o esquecimento, a gloria é a outra vida.

A pédra do sepulcro é o teu primeiro altar.

Viver para outrem afim de reviver em outrem, por outrem.

Venerado Mestre, gloriozo fundador e primeiro Sumo-Pontifice da Religião universal, regenerador e bemfeitor dos contemporâneos e da posteridade, recébe pela nóssa boca as saudades do prezente e as entuziásticas homenágens da posteridade. — ROBINET. *Discurso fúnebre.*

"A religião cuja fundação a Posteridade te atribuirá tanto quanto a mim."

Depois o Celebrante dis:

Vida etérna de amôr vivida em outrem!

E no incomparavel martírio da tua Filha mais amada e do teu Filho prediléto, findou-se o tempo das tuas torturas, como na inecedivel ventura que a ambos proporcionaste, por uma união sem ezemplo, inaugurou-se a tua felicidade etérna.

Vólta-se para os assistentes, e voltando o *Cálice* para significar que esgotárão-se os martírios da Humanidade, o entrega à uma Senhora proletária, e dis:

Ordem e Progrésso — Viver para outrem — Viver às claras.

Surto social do Pozitivismo

O Celebrante déce trazendo o estandarte da Humanidade pelo qual foi substituido o estandarte verde. Todos o acompânhão. As Senhoras e as crianças vêm na frente, e chegando junto à estátua do nósso Mestre, cóbrem-na de flores. Enquanto décem, os que estão na Aria da Religião lévão todos os emblemas para os seus altares, e transpórtão o altar provizório para o Santuário, em baixo do altar da Humanidade.

A Senhora que tras o cálice o entrega para ser guardado. Outro aspirante tras o Sacramentário que é depozitado sobre o púlpito.

Chegando à Aria da Religião o Celebrante sóbe à Cátedra pontifical, o Colégio sacerdotal ocupa as suas sédes. Todos vão para os seus lugares. (Inauguração da época normal). O estandarte da Humanidade é colocado à direita da estátua do nósso Mestre. O Celebrante dis:

Em nome da Humanidade!
O Amôr por princípio, e a Ordem por baze;
o Progrésso por fim.

Viver para outrem — Familia — Patria — Humanidade.

ASSISTENTES: Amen.

12 *de Bichat de* 47 (113). 11h. da manhan.
14 de Dezembro de 1901

R. TEIXEIRA MENDES
42. Rua Benj. Constant.

Efuzão

A) Efuzão especial — Variável com cada fésta

B) Efuzão geral

Comum a todas as féstas

1.º — Fetichismo — Imagem da Humanidade na Terra envolta pelo Espaço.

C. Por maióres que póssão ser os nóssos esforços, a mais longa vida bem empregada não permitirá jamais restituir sinão uma parte imperceptivel do que temos recebido de ti, Humanidade, suave Deuza de amôr. (*Catecismo*, p. 244) Como poderiamos pois agradecer-te assás os bens que para nós acumulaste na Terra, no Espaço, e incorporaste em nós-mesmos, consubstanciando-te na Atualidade? Procuraremos com-

penetrar-nos cada vês mais dessa inefável comunhão que tórna cada um dos teus dignos filhos uma personificação tua, erigindo o mais humilde deles em incomparavel rezumo da tua glorióza ezistência. Nós te invocaremos cantando os teus louvores, e esperamos assim triunfar afinal do egoismo, gozando todo o encanto do altruismo, e revivendo um dia etérnamente na tua Posteridade.

2.º — Teologismo — Imagem da Humanidade glorificada em Notre Dame.

C. Paris não é uma cidade; Paris é a França; Paris é o Ocidente; Paris é a Europa; Paris é a Terra.

Ajoelha-se com os Assistentes. Os Assistentes cântão:

Dona sei etc..

O Celebrante:

Vergine-Madre! Figlia del tuo Figlio
Amemus te plus quam nos, nec nos nisi propter te.

Pozitivismo

3.º — Imagem final — A Humanidade glorificada em Constantinopla.

O Celebrante érgue-se com os Assistentes. Por diante do Celebrante, um grupo de crianças aprezêntão as cestas de flores que ele abençoa dizendo:

Em nome da Humanidade!
O Amôr por princípio, e a Ordem por baze;
o Progrésso por fim.

Ide; levai e transmiti à Atualidade, os vótos da Prioridade e as esperanças da Posteridade.

Então sêntão-se todos. Distribúem-se as flores enquanto se canta um hino adequado. Finda a distribuição o Celebrante dis:

A Humanidade seja eternamente convosco.

Abraça e beija um dos Ministros que transmite o beijo aos outros, enquanto os assistentes se abráção e beijão.

Vólta para o altar, e ajoelhado dis:

Vergine-Madre, Figlia dei figli tuoi.
Amemus etc..

Os Assistentes repétem em côro:

Vergine-Madre etc..

O Celebrante:

Ave Clotilde, Vergine Madre, Figlia del tuo Figlio.
Termine fisso del eterno consiglio
Umile ed alta piú che creatura!
Tre dolci nome etc..
Amemus te etc..

Os Assistentes repétem.

O Celebrante:

Tu Duca, tu Maestro, tu Signore.

Augusto Comte — Sumo Padre, Figlio dela tua Figlia!

Amemus etc..

Os Assistentes repétem.

O Celebrante:
Vergine Madre, Humanitá. Diva d'amore.
Figlia dei figli tuoi.
Non è l'affezione etc.
Amemus etc..

Os Assistentes repétem.

O Celebrante: Amen.

Os Assistentes em côro:

Amen. Amen. Amen.

O Celebrante déce do altar; sóbe à catedra pontifical e dis:

Ide; o homem se agita e a Humanidade o condus. O Amôr por princípio, etc. Ordem e Progrésso — Viver para outrem — Familia — Pátria — Humanidade — Viver às claras.

Os Assistentes: Amen.

O Celebrante déce da cátedra; a orquéstra ezecuta uma marcha solene e alegre.

Proce